



TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo

RESPIRO URBANO, REFÚGIO SOCIAL

O parque e a rua como recursos de
apropriação de espaços livres em Uberaba

Maria Caetano Borges
sob orientação de
Júlio César Botega do Carmo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE | 2024



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ATA DA SESSÃO DE DEFESA E AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)
DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA
FACULDADE DE ENGENHARIAS, ARQUITETURA E URBANISMO E GEOGRAFIA - 2024-1

Ao décimo terceiro dia do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e quatro, reuniu-se no Auditório Jurandir Nogueira, a Banca Examinadora, sob Presidência do Professor Orientador **Julio Cesar Botega do Carmo**, para avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em acordo aos dados descritos na tabela abaixo:

DATA, horário e local da apresentação	Nome do(a) Aluno(a), RGA e Título do Trabalho	Professor(a) Orientador(a)	Professor(a) Avaliador(a) da UFMS	Professor(a) Convidado(a) e IES
13 de agosto de 2024 Horário - de 10h00 às 11h20min Auditório Jurandir Nogueira	Maria Caetano Borges (RGA 2019.2101.024-0) Tema: Respiro Urbano, Refúgio Social: O parque e a rua como recursos de apropriação de espaços livres em Uberaba	Julio Cesar Botega do Carmo	Cynthia de Souza Santos	Sarita Silva de Vila Feltrini

Após a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso pela acadêmica, os membros da banca examinadora teceram suas ponderações a respeito da estrutura, do desenvolvimento e produto acadêmico apresentado, indicando os elementos de relevância e os elementos que couberam revisões de adequação (relacionadas em anexo).

Ao final a banca emitiu o **CONCEITO A** para o trabalho, sendo **APROVADA**.

Ata assinada pelo Professor Orientador e homologada pela Coordenação de Curso e pela Presidente da Comissão de TCC.

Campo Grande, 10 julho de 2024.

Prof. Dr. Julio Cesar Botega do Carmo
Prof.a Orientadora do TCC

Prof.a Dra. Helena Rodi Neumann
Coordenadora do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo (FAENG/UFMS)

Prof. Dra. Juliana Couto Trujillo
Presidente da Comissão do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)



Documento assinado eletronicamente por **Julio Cesar Botega do Carmo, Professor do Magisterio Superior**, em 19/08/2024, às 09:32, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Couto Trujillo, Professora do Magisterio Superior**, em 19/08/2024, às 09:41, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Helena Rodi Neumann, Professora do**



Magisterio Superior, em 19/08/2024, às 16:06, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5040942** e o código CRC **E4E5804A**.

FACULDADE DE ENGENHARIAS, ARQUITETURA E URBANISMO E GEOGRAFIA

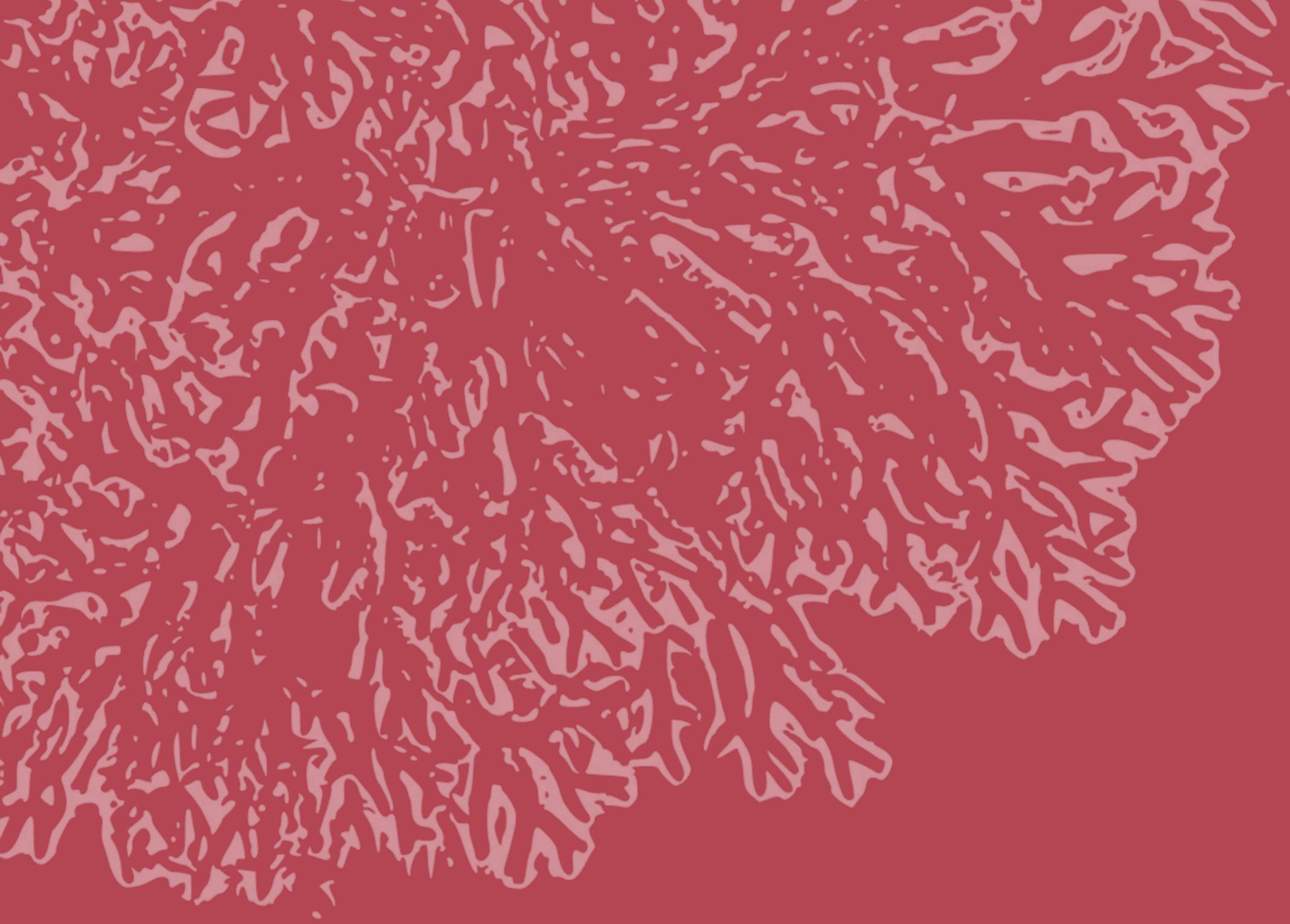
Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.033813/2021-56

SEI nº 5040942



Quando não houver caminho
Mesmo sem amor, sem direção
A sós ninguém está sozinho
É caminhando que se faz o caminho
Enquanto houver sol
Ainda haverá

Titãs

AGRADECIMENTOS

Acredito que as vidas humanas sejam formadas por fixos e fluxos, como as cidades, e sem esses não seríamos quem somos e não estaríamos onde estamos, por isso agradeço aos fluxos por me movimentarem, mudarem e fazerem parte do meu caminho.

Já aos fixos, que tem parte do meu coração além da história, agradeço. Obrigada ao meu terreno base, Uberaba e bairro Olinda por serem palco da vida linda que me foi dada por meus pais Cleuber e Raquel, que não mediram forças para me oferecer as ferramentas necessárias na minha jornada de formação acadêmica e de ser humano cidadão, com vocês conheci o amor, a arte, a cultura, a natureza, e a liberdade que provocou o meu ser e viver, obrigada para sempre e por tudo.

Aos meus avós, Divânia agradeço pelo carinho e cuidado que jamais serei capaz de retribuir, e Anaur que mesmo em sonho, está sempre presente e me fazendo sorrir.

Obrigada à Lola por não sair do meu lado nunquinha, principalmente na pandemia, assim como meus amigos de Minas que se fizeram presentes, mesmo distantes.

Já na implantação de Campo Grande, MS, onde a família fez falta todos os dias, encontrei amigos que trouxeram vida e alegria aos meus dias e apês, e por tanto lhes agradeço, principalmente Ana Júlia e Catarina, que feliz esse reencontro.

Agradeço imensamente aos professores que fizeram parte da minha formação, mas imensamente ao Júlio, orientador deste trabalho, por ter doado seu conhecimento verdadeiramente, ter estado ao meu lado nesse processo e me fazer urbanista.

Por fim, um grandíssimo obrigada ao meus arquitetos parceiros, Bárbara, a dupla das linhas orgânicas, a amiga talentosa e que sempre acredita mais em mim do que eu mesma; e Gabriel, a dupla das noites de desenho técnico, paisagismo, projeto, TCC, e tantas outras que virão, o amigo conceito que por sorte, se fixou bem ao meu lado.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos espaços, principalmente os não edificadas, por serem casa e por darem de bom grado tudo, nunca serão esquecidos a energia, o tempo e as belezas que por você nos foram dadas.

E também às sociedades, antes, nós e depois por suas cultura, arte e relações que nos dão força para continuar a busca infindável por evolução, vitória e felicidade, juntos encontramos uma saída.

Introdução | 15
Objetivo | 16
Metodologia | 16

Espaço se torna Lugar 01

A Paisagem e o espaço | 19
Espaço para possibilidades | 22
O lugar e o homem | 27
O Cotidiano entre lugar e movimento | 31
De espaço e a lugar | 35

Sistemas de Espaços Livres 02

Os Sistemas de Espaços Livres | 39
Espaços livres público e privado | 45
Tipologias de espaços livres | 51
Espaços livres tornam-se lugares | 53

A formação do Espaço Público 03

A formação do espaço público | 58
Encontro como ato político | 63
Impacto social de espaços públicos | 67
Espaço livre público torna-se lugar | 71

04 **Espaços livres públicos em Uberaba**

75 | A Construção dos Sistemas de Espaços Livres em Uberaba
86 | A área de intervenção
95 | Legislação municipal

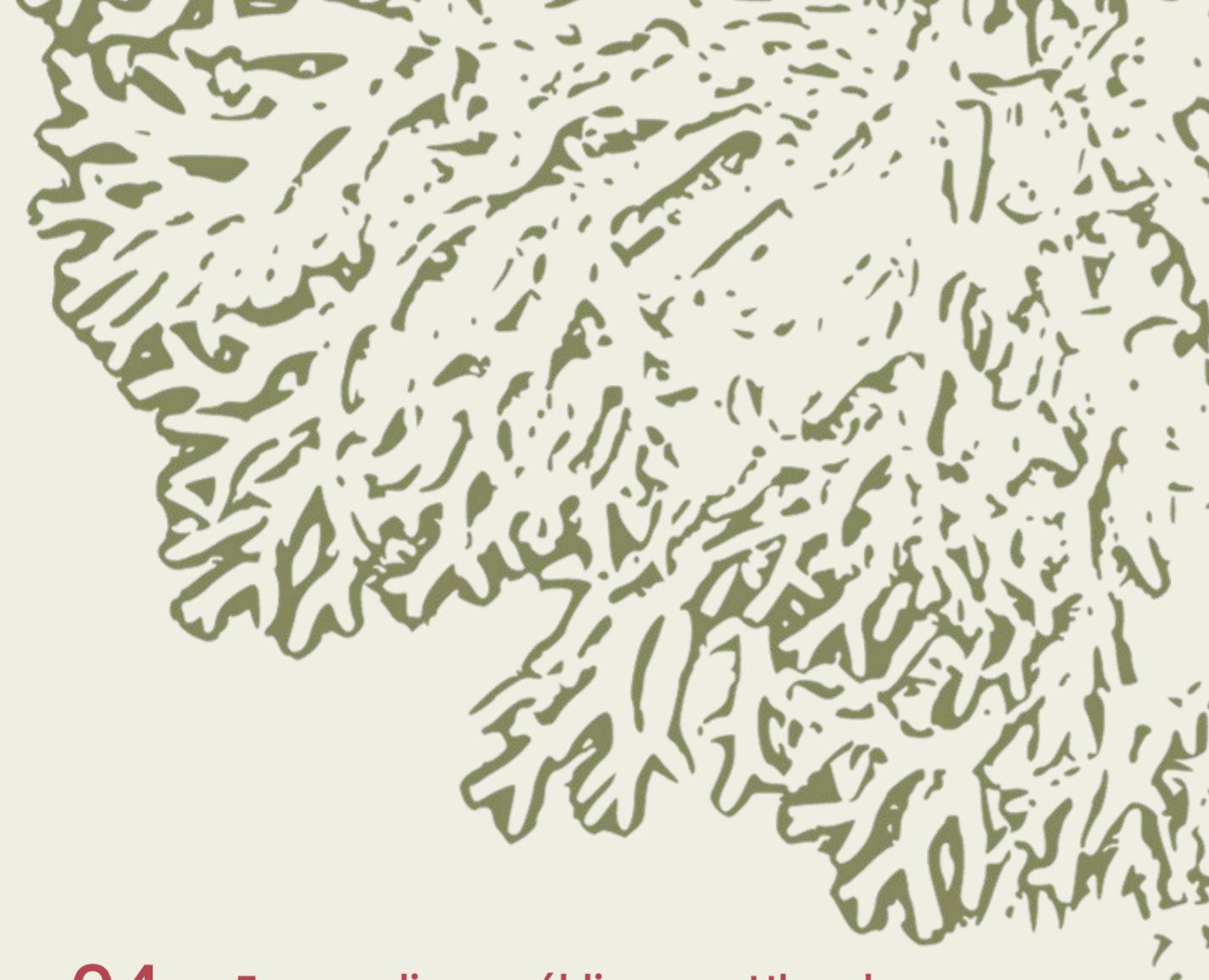
05 **Leitura do espaço**

112 | Descrição da área de intervenção
135 | Público demandante
139 | Diagnóstico dos espaços livres

06 **Construção de um Lugar Público**

147 | Referências projetuais
159 | Proposta de intervenção
171 | Estudo de desenhos e fluxos
187 | O Projeto

245 | Considerações finais
247 | Referências bibliográficas
Anexos



RESUMO

Sistema Espaços Livres | Lugar | Espaço Público | Contato Social | Apropriação | Lazer | Parque | Rua Jardim | Uberaba

A veloz urbanização global fez clara a necessidade humana pelo contato para além da produção, seja ele social, ambiental ou cultural, o que aponta a necessidade do uso eficiente e sistêmico dos espaços livres públicos.

Neste contexto, fez-se uma pesquisa acerca da paisagem urbana a fim de entender as diferenciações de espaço e lugar para assim se utilizar da apropriação dos espaços públicos a fazer deste um lugar efetivo ao atender as demandas de uma sociedade, o que aumenta a qualidade de vida das pessoas ao promover a saúde física e mental pela recreação e contemplação.

Após o estudo conceitual, foi proposto um projeto de parque de bairro, com o intuito de agregar lazer e convivência social ao município de Uberaba, Minas Gerais, servindo de objeto, com integração ao sistema de espaços livres da cidade por meio de uma rua jardim.



Figura 1 - Nuvem de palavras, elaborado pela autora, 2023.

RÉSUMÉ

Système d'espace Ouvert | Lieu | Espace Public | Contact Social | Apropriação | Loisirs | Parc | Rue Jardim | Uberaba

The fast pace of global urbanization has made clear the human need for contact beyond production, be it social, environmental or cultural, which points to the need for efficient and systemic use of public open spaces.

In this context, research was conducted into the urban landscape in order to understand the differences between space and place so as to use the appropriation of public spaces to make it an effective place to serve the demands of a society, which increases people's quality of life by promoting physical and mental health through recreation and contemplation.

After the conceptual study, a neighborhood park project was proposed, with the aim of adding leisure and social coexistence to the municipality of Uberaba, Minas Gerais, serving as an object, with integration into the city's open space system through a garden street.

L'urbanisation mondiale rapide a mis en évidence le besoin humain de contact au-delà de la production, qu'il soit social, environnemental ou culturel, ce qui souligne la nécessité d'une utilisation efficace et systémique des espaces publics ouverts.

Dans ce contexte, des recherches ont été menées sur le paysage urbain afin de comprendre les différenciations entre l'espace et le lieu et d'utiliser l'appropriation des espaces publics pour en faire des lieux efficaces qui répondent aux exigences de la société, qui augmentent la qualité de vie des personnes en promouvant la santé physique et mentale par le biais de la récréation et de la contemplation.

Après l'étude conceptuelle, un projet de parc de quartier a été proposé, dans le but d'ajouter des loisirs et des interactions sociales à la municipalité d'Uberaba, Minas Gerais, servant d'objet, avec une intégration dans le système d'espace ouvert de la ville par le biais d'une rue-jardin.

Há muito tempo na história, possuir terra, espaço, é ter posse também de poder, e essa dominância muitas vezes se expande sobre os demais seres por sua primária necessidade deste mesmo espaço, assim, o detentor é também de autoridade ou preponderância.

As cidades se modificaram e aumentaram veloz e desordenadamente, de forma a manter a dominância à poucos enquanto o número de dominados se ampliou. Hoje, muitas vezes, o dinheiro é o meio proveniente deste poder, dado ele ser o meio possibilitador do espaço.

Na vida urbana contemporânea, o pensamento individual ou até mesmo o imaginário social no cotidiano está centrado em movimentos de edificação a edificação onde, em sua maioria, o sistema a que pertence o absorve de tal forma que nada além de sua sobrevivência e produção é relevante ou real em suas racionalidade ou preocupações, e a partir de então a cidade não é exercida de fato e se torna apenas os caminhos entre objetos.

O ocioso, o verde, o estético, e o tempo, neste contexto, tornam-se peças raras na vidas comuns, onde condomínios fechados com amplos espaços livres são assim, a demonstração clara da privatização do lazer e do viver social.

A partir de reflexões histórica, conceitual, cultural e social, busca-se entender acerca das relações de espaço e sociedade no meio urbano, entendendo que a existência ambiental urbana está nos espaços livres, públicos ou privados, percebida pelo uso, pela visão ou sendo sentida.

Com o intuito de ressarcir a ampla população de lazer, contato social e ambiental, cultura, saúde física e mental é posto a urgência da oferta de espaços livres públicos, inseridos na cidade de forma sistêmica para seu atendimento efetivo, tendo como objeto de trabalho a cidade natal da autora.

OBJETIVO

Dados os objetos cidade e sociedade, o objetivo central do trabalho é a produção de um sistema de espaços livres pertinente às demandas esperadas e apresentadas por meio da criação de um parque de bairro que se liga a cidade em mobilidade e sistemática, por meio do planejamento de uma rua jardim que abriga as escalas pedestre, ciclista e automóvel, junto à adequação do espaço urbano em que se insere.

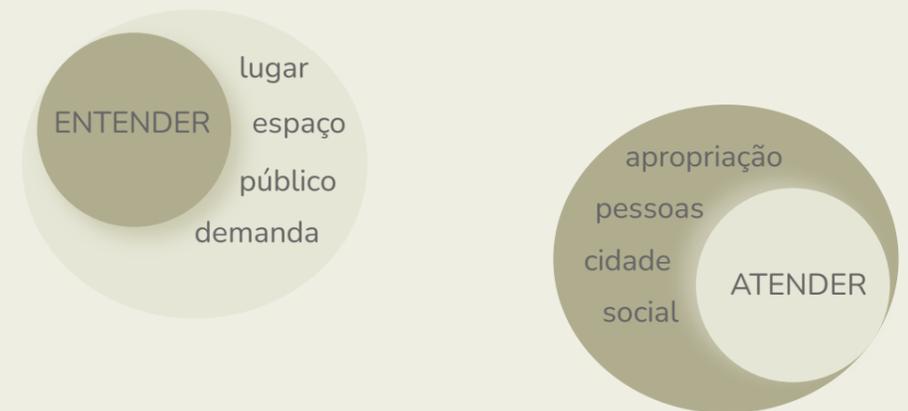


Figura 2 - Esquema - espaços livres,, elaborado pela autora, 2023.

METODOLOGIA

Para o estudo e entendimento do tema abordado na criação da pesquisa foi-se utilizada a leitura e pesquisa de bibliografia em artigos, livros, grupos acadêmicos de pesquisa, vídeos de palestras e podcasts, para a discussão entre autora e orientador e então a síntese teórica.

Em criação da análise do objeto de estudo e da proposta foram aplicados mapas e imagens de satélite do Google Earth, legislações e materiais advindos dos site da Prefeitura Municipal de Uberaba e Uberaba em fotos, além de acervo digital da Universidade de Uberaba -UNIUBE- e da Secretaria de Planejamento de Uberaba -SEPLAN-.

**Espaço se torna
lugar**



O capítulo inicial do texto versará sobre os temas paisagem, espaço e lugar, centrando-se nas teorias criadas e desenvolvidas por Milton Santos, na chamada geografia nova, além de análises de seus textos por outros professores e estudiosos; por Yi-Fu Tuan, com uso central de sua obra Espaço e lugar, e Topofilia, o qual conceitua espaço e lugar com foco em como são compreendidos e vivenciados pela figura humana; e por Christian Norberg-Schulz que disserta sobre espírito do lugar, entendendo suas aplicações.

Na busca em se projetar um espaço, com leitura de lugar, à uma população carecida de lazer e reunião amplos e qualificados, a conceituação desses se faz imperiosa na análise dos próprios e dos usuários destes locais.

Um olhar humanista é evidenciado na priorização de base teórica de tal qualidade por entender-se o homem como eixo central da construção desta paisagem hoje experienciada. Relacionando-se a tal olhar, relações são estabelecidas com as sociedades e seus modos de produção, entre eles o capitalismo, pelo qual o cotidiano das pessoas é gerido.

A PAISAGEM E O ESPAÇO

Os objetos são de forma geral, como colocado por Milton Santos, produtos abstratos até que usados pelo homem para então tornar-se objetos concretos, estes sendo elaborados por duas instâncias:

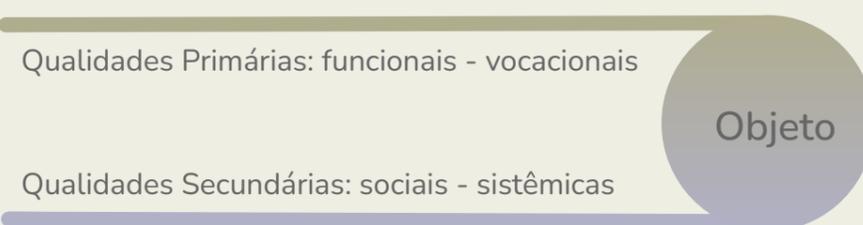


Figura 3 - Qualidades do objeto, elaborado pela autora, 2023.

Dadas tais qualidades primárias e secundárias na concepção e aplicação de um objeto no mundo, temos-as como originárias e posteriormente as que de fato o geram valor. Em tal contexto, a paisagem tem seu maior fundamento nas primárias por ser um sistema material, cujas qualidades são subordinadas à tais sistemas de uma determinada sociedade, enquanto o espaço, nas secundárias por ser um sistema de valores.

A unidade territorial pode ser analisada por duas faces, como afirmado pelo geógrafo, a paisagem e o espaço, ambos relacionados de certa maneira com a sociedade, seus contextos e demandas.

A atualidade e a totalidade são ambos ativos ao passo que a paisagem é um elemento que sofre essas ações, ela é assim, um objeto resultante da força de outros objetos, dentre seus agentes, o homem. É uma categoria técnica cujo conteúdo é uma realidade cristalizada, um fragmento do todo.

O espaço, por sua vez, não é uma categoria técnica pois é diretamente dependente do homem, esse não se contendo ao linear ou racional mas sim tendo em suas atividades uma organização volátil e mutável. A razão do espaço se dá dos processos realizados sobre a paisagem.

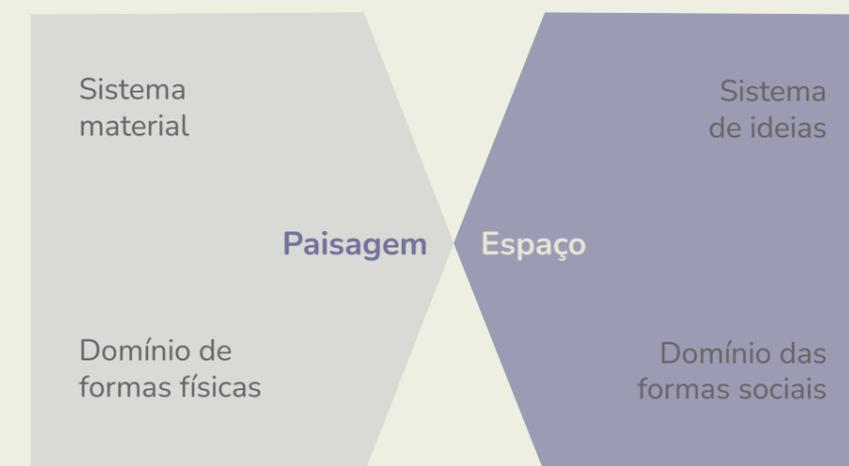


Figura 4 - Esquema de comparação entre paisagem e espaço, elaborado pela autora, 2023.

Partindo-se da comparação demonstrada é possível perceber em que pontos as faces analisadas são passíveis de divergência, são eles os âmbitos de dominância e a que formas se referem do todo. Ambas são heranças sociais, sendo a paisagem um reflexo do passado, do que foi obtido até então, enquanto o espaço reflete seu dinamismo. Tal como foi explicado por Milton Santos (1995):

Nós não percebemos o espaço, aquilo que se dá ao nosso sensório é a paisagem e não o espaço; a paisagem se oferece ao nosso corpo como um corpo outro, já o espaço é mais do que um corpo, é o resultado da união indissolúvel entre sistema de objetos e sistema de ações, a realidade territorial teria que ser analisada por essas duas faces.

Observados os aspectos de qualificação dados a Geografia, o espaço geográfico como instância é uma categoria abstrata, como um objeto outro, que “se impõem a tudo e a todos” (SOUZA, 2018). Contanto, o que há de ser visto ao olhar humano é o espaço historicizado, aquele do sujeito que o vê, passível ao uso deste motivador.

Apesar das relações de convergências quanto às motivações, os espaços produtos do homem e do ambiente se distinguem, portanto, quanto à paisagem ser uma cena estagnada ao passo que o espaço é uma cena ativa a sofrer atividade. A observação e entendimento dessas associações pelos profissionais, gera uma qualificação no estudo e trabalho sobre as seguintes áreas, o que propicia maior assertividade de suas ações projetadas e na maneira à serem aplicadas.

ESPAÇO PARA POSSIBILIDADES

Como apresentado por Milton Santos em palestra citada e em seu livro *Por uma geografia nova* (1978), a ideia de espaço pode se centrar como a forma gerada por um conjunto de ações, relações, sistemas e processos sociais vigentes e precedentes desenvolvidos sobre determinado local, sendo assim uma expressão, ao tempo em que também tem influência sobre si, portanto é fator e reflexo social:

O espaço reproduz a totalidade social, na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos. (SANTOS, 1977, p. 91)

A estrutura é, isto posto, “subordinada-subordinante” por seu caráter representativo e motivador, é assim variável tal qual a sociedade à que se refere. Dadas essas características, faz-se passível de exame por categorias de: forma, aspecto visível e exterior ao objeto; função, exercício realizado pelo objeto; processo, ações contínuas que resultam em transformações; estrutura, instituem e relacionam as anteriores; e totalidade, possui caráter global (SAQUET; SILVA, 2008).

Se encontra concomitantemente como resultado de ações passadas e objeto atuante envolvido nos movimentos de um certa sociedade, é agente e produto do passado na produção do presente de um local, um espaço.

Respaldo nas proposições humanistas de autores como Karl Marx e Jean-Paul Sartre, a totalidade de um espaço é organizada pela história de “vidas sociais”, coincidindo diretamente com a evolução capitalista sofrida pelo sistema (SANTOS, 1978), tendo as desigualdades urbanas como um resultado previsto.

Em contrapartida ao pensamento miltoniano, o também geógrafo humanista e autor Yi-Fu Tuan, centrava seu pensamento acerca da espaciosidade como a sensação de liberdade (TUAN, 1930), um local onde o ser está livre para “transcender a condição presente”, como ao locomover-se, onde é capaz de dominar ideias do espaço abstrato, obtendo experiência através do movimento.

A habilidade de se captar e reunir experiências é uma singularidade da espécie humana a qual se faz “aprender a partir da própria vivência” (TUAN, 1930, p. 10), isto é, partindo da observação e análise do dado e relacionando-o com seus conhecimentos adquiridos até o presente. Por percepções, sensações e pensamentos algo novo é gerado, diferente do oferecido e do que já se tinha como produto.

Os conceitos de espaço e “espaciosidade” estão ligados à formação da experiência. Ao passo que o primeiro se dá pela sensação de “estar livre”, antônimo do posterior, ao não se conhecer sobre o local o indivíduo ainda não acumulou conhecimentos naquele ou por aquele espaço, assim ele é colocado como primitivo a si e a suas sensações, promovendo a liberdade da construção de significados e experiências ali, transformando-o.

Assim, usando-se da locomoção para haver o entendimento, os indivíduos sociais podem criar domínio de um espaço pela criação de experiências por assimilação dos sistemas ali desenvolvidos, conhecendo assim seu “espírito”.



Figura 5 - New York Obsession, Alberto Reyes, 2011.

Sob outra perspectiva, o desconhecimento deste caráter, de seu *genius loci*, é também símbolo de liberdade e convite à ação e ao novo pode ser compreendido como local aberto onde o ser encontra-se para além de livre, “exposto e vulnerável” dado seu característico desconhecimento, possibilitando sentimentos de medo ou receio do desconhecido, como o que pode vir depois da escada na imagem abaixo.



Figura 6 - LAGO Tikitapu, Rotorua. Rod Hill, i Stock, 2021.

Da maneira como o movimento gradua a assimilação de um lugar por uma pessoa, a forma como este é feito concordantemente o dimensiona e caracteriza sua imagem, assim, a forma como é dado esse movimento, pela velocidade do corpo, de uma bicicleta ou de um automóvel, por exemplo, ditará a experiência obtida, como as ferramentas e os meios também o fazem. A capacidade e a velocidade oferecidos aos homens pelas máquinas para se exercer ao seu meio o fazem mais capaz e portanto o seu mundo criado pelo conhecimento de espaços é facilitado e acelerado.

Observando o espaço como lugar livre ao uso do homem é gerado um questionamento, como colocado do capítulo Espaciosidade e Apinhamento (TUAN, 1930), de qual seria a real necessidade do ser por este, qual seria um espaço mínimo a uma vida e quão a conquista e domínio de mais espaços denota poder e riqueza conquistados.

O espaço para Yi-Fu Tuan é em primeira instância uma condição biológica para a sobrevivência humana, embora secundamente, a necessidade, grandeza e vivência deste é de forma determinante impactada pela cultura experimentada ali. Portanto, para seus ideais, o homem e os sistemas sociais a qual está envolvido são base para a análise do mundo, similarmente ao de Milton Santos, expresso pelo primeiro em:

(...) em inglês *world* (“mundo”) contém e conjuga o homem e seu ambiente, porque o seu radical etimológico *Wer* significa homem. Homem e mundo indicam idéias complexas. Ora, necessitamos também examinar idéias mais simples abstraídas do homem e do mundo, principalmente corpo e espaço, lembrando, no entanto, que aquele não apenas ocupa este, porém o dirige e o ordena segundo sua vontade. O corpo é “corpo vivo” e o espaço é um constructo humano. (TUAN, 1930, p. 40)

O LUGAR E O HOMEM

Em uso comum, os ideais de espaço e lugar se confundem, mas o primeiro tende a ser mais abstrato, enquanto o segundo carrega uma conotação mais concreta e pessoal. O espaço, que inicialmente aparenta-se vazio e indiferenciado, torna-se um lugar à medida em que é experienciado, assim é atribuído significado e valor a ele.

O espaço, visto por sua sensação de liberdade ou até de ameaça, tem no lugar os sentimentos de segurança e familiaridade pela tomada de consciência de suas características específicas e dimensão. Para mais, visto o espaço como o domínio do movimento, o lugar seria a pausa, e cada pausa é assim a possibilidade de que a “localização se transforme em lugar” (TUAN, 1983).

No mundo tangível, conhecer objetos os caracteriza em forma e tamanho, por exemplo, enquanto interagir com eles demonstra sua independência e relação com o mundo que o detém. O conhecimento deste mundo então é tido pelo movimento, junto à sua percepção, capaz de gerar assim ambientes de objetos familiares, os lugares, de maior complexidade visto sua capacidade de habitar e gerar reconhecimento.

Dessa forma, enquanto o espaço pode ser lido como mais impessoal e abstrato, o lugar é mais subjetivo, dado sua carga cultural e sua conexão direta com os objetos humanos e suas diferentes experiências individuais e coletivas. O autor então afirma que o ato de contemplar um lugar transcende os parâmetros físicos para se atentar primordialmente na compreensão profunda gerada pelas vivências e identificações. É por assim entender, aquilo que a comunidade ou o indivíduo entende e faz dele, sua caracterização incorpórea.

O homem, por suas capacidades de assimilação e imaginação, pode transferir objetos do mundo tangível à seu mundo das ideias e vice-versa, dessa forma espaços concretos podem ser abstratos para si por desconhecimento, por exemplo, e suas criações podem vir a tornar-se parte da cidade pela arquitetura ou sentimentos que torna-se ações, por sua vez, algo que ocupava espaço antes mental pode ocupar em concretude o real.

O lugar pode ser tido como objeto, antes subjetivo, que adquire personalidade consoante à sua leitura, como exemplificado por Yi-Fu Tuan (1983, p. 20):

Nem a criança recém-nascida, nem o cego que recupera a visão, após uma vida de cegueira, podem reconhecer de imediato uma forma geométrica como o triângulo. A princípio, o triângulo é “espaço”, uma imagem embaçada. Para reconhecer o triângulo é preciso identificar previamente ângulos - isto é, lugares. Para o novo morador, o bairro é a princípio uma confusão de imagens; “lá fora” é um espaço embaçado. Aprender a conhecer o bairro exige a identificação de locais significantes, como esquinas e referenciais arquitetônicos, dentro do espaço do bairro.

Ainda para ele, “objetos e lugares são núcleos de valor”, isto posto, são capazes de gerar influências distintas no sistema a que pertencem, caso de gerar atração ou repulsão de acordo com o que se registrou do local; esse reconhecimento de seu pertencimento, por sua vez, constata seu valor e veracidade. Para que alguém então, se localize, fazem-se necessários estes “objetos permanentes” passíveis de imprimir e impressionar; os lugares ao gerarem impacto, criam concordantemente causalidade e referências para o espaço.

Por meio de experiências perceptivas e cinestésicas elaboradas em conceitos, um espaço pode se tornar reconhecível e familiar, tornando-se um lugar passível do sentimento de topofilia.

O termo topofilia, difundido por Bachelard mas estudado aqui por Tuan, é entendido como o sentimento de afeição do homem por determinado ambiente, quando faz-se capaz de portar emoções e lembranças e ser assim, símbolo.

A subjetividade e a capacidade imaginativa humana são componentes definidores da transição de um lugar real para um sensação, e mutuamente, essa criação no espaço faz desse agente, assim como da sociedade ativa, seres geográficos por criar novos significados a uma base ambiental-científica.

Essa relação ou apego emocional à terra gera novas possibilidades de análise e projeto ao se procurar atender aspectos físicos, mas também mentais e sentimentais, dado a proposição de Tuan que pessoas desenvolvem conexão profunda com locais por fatores como: experiências pessoais, conforto, memórias, beleza estética e identificação cultural. O sentimento de topofilia expressaria então, o pertencimento e identificação de pessoas com lugares estimados.

A urbanização acelerada trouxe uma realidade de adensamento onde aspectos “naturais” como ar e água mais puros, flora e fauna florescentes são valorizados e buscados por sua escassez nas cidades e pela necessidade humana desse contato, “quando uma sociedade alcança certo nível de desenvolvimento e complexidade, as pessoas começam a observar e apreciar a relativa simplicidade da natureza” (TUAN, 2012, p.148). Suas formas e imagens são naturalmente harmônicas e, portanto, relaxantes ao homem por biofilia, posto por Edward O. Wilson, tendo assim, fim para apreciação estética.



Figura 7 - Central Park, Nova York, Fabio Angheben, 2017.

Em oposição, a topofobia também foi um termo pensado e refere-se a aversão ou angústia a determinados lugares por gerarem desconforto com sentimentos de ansiedade e insegurança. A fonte do sentimento de topofobia é variada como a diversidade de ímpetos e impressões dos receptores em distintos momentos, associando o lugar com experiências negativas passadas ali, diferenças culturais ou até mesmo por simples falta de familiaridade.

Ambos os vocábulos reafirmam a ligação do ser com a paisagem a sua volta, associando-se por bons ou desagradáveis sentimentos. O autor também relaciona essas impressões estabelecidas aos lugares da vida tanto em intensidade por fatores pessoais dos indivíduos, como gênero, raça, classe social, história, sensibilidade e principalmente, pelo seu contexto cultural.

O COTIDIANO ENTRE LUGAR E MOVIMENTO

Em entendimento de Tuan, a maior parte dos movimentos estabelecidos na vida das pessoas se dá em círculos. Ao ligar pontos como casa e objetivos, esses pontos são lugares centrais para uma organização. Para ele:

Como um resultado do uso habitual, o próprio caminho adquire uma densidade de significado e uma estabilidade que são traços característicos de lugar. O caminho e as pausas ao longo dele, juntos, constituem um lugar maior - o lar. (TUAN, 1930, p. 200)

Estes lugares são colocados em sua teoria então como estáveis no cenário, denominados fixos; são eles, as edificações, árvores, praças e todo aquele que faz-se de marco, área de permanência ou ponto de referência e ditam portanto, até onde os fluxos devem conduzir.

Complementarmente, fluxos são movimentos gerados entre os marcos referenciais mutáveis pelo tráfego de veículos ou pessoas, por exemplo. Analisando-os, seria possível entender os circuitos gerados pelos cotidianos dos indivíduos e assim gerir da melhor maneira recursos ao sistema.

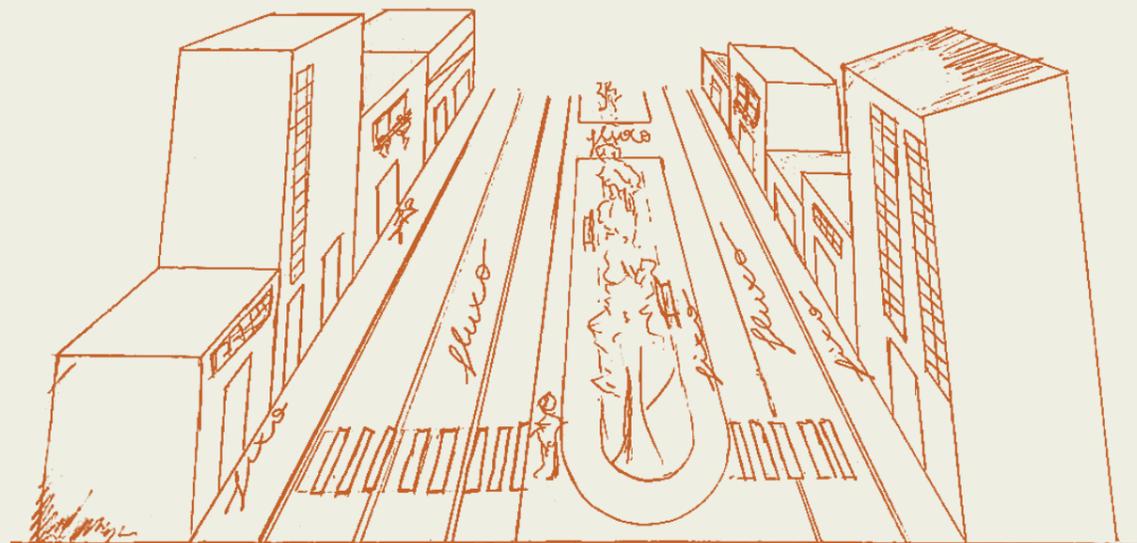


Figura 8 - Demonstração de fixos e fluxos, elaborado pela autora, 2023.

A transitoriedade e a dinamicidade dos fluxos ao conectar os lugares estabelecem fluidez no ambiente urbano, ou seja, a relação de fixos e fluxos promove a interação entre elementos estáveis e em movimento, percebendo-se as interações humanas, pontos de referência e processos de mudanças constantes a delinear a terra.

As pessoas imprimem assim, suas vidas pois, a escolha de tornar qualquer espaço em lugar acontece ao se perceber que a apropriação de um espaço não é inata e sim gerada por aspectos já relatados. Em contraposição, a evocação do pertencimento por eventos, eficientemente e continuamente o hábito age inconsciente para fazer dos cidadãos estagnados personagens de seus roteiros estabelecidos, por vezes naturalizado como “os processos fisiológicos que se adaptam às mudanças do meio ambiente sem nosso controle consciente” (TUAN, 1930, p. 78).

A arte e a cultura podem ser, neste contexto, a conexão entre o não lugar e o lugar e, o abstrato e o concreto, a praça pela qual passa todo dia a caminho do trabalho e o palco de uma experiência teatral ao ar livre. A arte seria capaz de provocar uma demora no espaço público para que se houvesse assim, público no espaço.



Figura 9 - Demonstração transicional de espaços, elaborado pela autora, 2023.

Para Milton Santos (1996), o espaço de uma sociedade reproduz a totalidade das ações e sistemas produzidos por essa. Dessa forma, a evolução social estará acompanhada pela estrutural, sendo componente fundamental dos movimentos do outro. Esse objeto trabalhado é também social por fazer parte do cotidiano do homem, fazendo-se possível a existência de lugares e caminhos, elemento de ligação dos pontos de encontro, que concordantemente aos interesses, cultura e história de cada grupo, criam condições socioespaciais dinâmicas.

O autor salienta ainda que o histórico de modernização dos países se deu de maneira e tempos distintos. Assim, as ferramentas e os processos são instaurados e vividos pelas comunidades diversamente. Em países ditos atrasados, como o Brasil, a chegada tardia da *civilização técnica* ressignifica conceitos de território, cidade e zonas produtivas, por exemplo.

Aliás, o impacto da atual revolução científica e técnica e da globalização é mais expressivo naqueles países cuja inserção estrutural no movimento da economia internacional se deu mais recentemente. (SANTOS, 1996, p. 168).

Seus impactos acarretam novas demandas, que por sua vez resultaram em uma cidade rígida, não mais plástica; pela pluralidade da composição do capital que estabelece condições materiais e de trabalho mais rígidas visto que “cada produção supõe necessidades específicas” (SANTOS, 1996, p. 169).

Como poderia ser observado na instalação de uma nova tecnologia sobre um território, a indústria a acolheria e para isso a infraestrutura urbana e educacional deveriam adaptar-se, o que o autor denomina de “modernização do território”, manifestada pela renovação do meio técnico.

Para Santos então, a flexibilização de capital na globalização advém da rigidez de demandas, gerando um paradoxo onde a fluidez é alcançada por essa rigidez.

O “endurecimento da cidade” pela mutabilidade sofrida, influencia e altera razões e funções de lugares, como de fluxos, sistemas de escassez gerados, e da forma urbana como um todo, “esse é o resultado final do exercício combinado da ciência e da técnica e do capital e do poder, na reprodução da cidade” (SANTOS, 1996, p. 169).

Para ele, a globalização é um artifício que amplia a visão do homem para uma comunidade mundial e revela assim as particularidades de cada grupo, o olhar do todo demonstra as individualidades e diferenças entre os elementos.

A capacidade de fluidez é vista agora facilitada e aceleradamente, que de certa forma traz ao locomover do homem uma visão simplista e banalizada, a realidade criada pela globalização é de onipresença e onisciência, o que se afasta da razão pela materialidade sensível do homem. O cenário de sensações em que tudo não é possível e alcançável acaba por isolar o homem dentro de sua limitude e de seu cotidiano. A partir de experiências e conexões, tem-se o entendimento da realidade, e a reocupação de sua vida e cidade, promovendo a criação de lugares que de fato podem gerar experiências ao ser e o enriquecimento pessoal e social.

A vigência de um sistema maior pode sobressair e manipular esse ser, o compromisso de buscar a consciência e convivência em uma sociedade é então primordial, e passa pela desalienação do cotidiano a retomada da apropriação dos lugares e da razão de pertencimento.

DE ESPAÇO A LUGAR

O espaço se define segundo o geógrafo Yi-Fu Tuan como aglomerado de coordenadas ou campo de conexões entre objetos, que provém dimensões matemáticas e extensões físicas, assim, uma grandeza impessoal e abstrata, quando comparada ao conceito de lugar (1977).

A forma em que o autor faz a leitura desses aspectos nas sociedades se centra precisamente nela, tendo como parâmetro a percepção e vivência humanas, salientando o lugar como local percebido mais concretamente e vinculado à emoções, que prioriza assim, experiências subjetivas e conexões.

O espaço então, definido pela capacidade de movimento, nos permitiria experimentar a localização relativa de objetos e lugares, as distâncias que os separam e a área definida por uma rede de lugares, sendo ainda mensurável, creditado e responsabilizado por ser inegavelmente, produto da ação e demanda social:

O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e de lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. (TUAN, 1930, p.61)

À semelhança de Tuan, Santos assume o espaço como dimensão mais abstrata enquanto o lugar como mais concreto, e a relevância da ocupação humana como objeto agente destes. A figura humana é valorizada por ambos como régua variante que altera o meio, à medida em que também é afetada por ele.

Por sua vez, Santos caracterizou o espaço como associação de relações sociais, políticas e econômicas, onde as interações entre sujeitos e forças o molda, sendo sim uma dimensão física porém não exclusivamente ao ser inconstante e mutável ao passo que a sociedade se modifica; o homem é motivador não somente na construção dos espaços mas em sua conceituação, gerindo-o e transformando-o.

Para ele, lugares são pontos espacializados em que relações sociais se significam e consolidam, portanto, não podem ser compreendidos de isoladamente ao espaço inserido e das características sociais as quais são submetidos.

Os marcos referenciais, por serem criados segundo a humanidade, podem possuir certo caráter imaginativo ou ilusório, fazendo-se possível o sentimento de lugar no espaço, e o de vastidão em um local delimitado. Além do entendimento desses ditos lugares como elementos diversos; praças residências ou até mesmo árvores, como posto por Tuan, que ao produzir sombra e encosto proporcionam um local potencial de conforto criação e encontro; cabe-se ressaltar a associação destes aos caminhos de movimentos gerados e motivados na cidade em sua aplicabilidade.

A transição do espaço a lugar depende-se pois, do atendimento às necessidades ou carências de uma sociedade em determinado aspecto ou aspectos, a fim de criar identificação a partir de uma vivência significativa e valorosa.

Posto a existência dos lugares definidos pela **cidade** e por suas demandas racionalizadas segundo o mercado de capital, e dos fluxos que os entremeiam, outros lugares devem cumprir à **sociedade** sua determinação de gerar encontros, experiências e conexões por uma infraestrutura funcional, cultural, artística ou simplesmente agradável pelo contato ocioso com o ambiente.

Sistemas de Espaços

L
I
V
I
R
E
S



O seguinte tópico trata do tema Sistemas de Espaços Livres, abrangendo a definição literal dos vocábulos e da expressão aplicada ao plano da arquitetura, urbanismo e paisagismo, que manifesta-se a partir da análise e comparação de autores acerca dos temas, tendo Miranda Magnoli e Eugenio Queiroga como centrais desse encadeamento teórico. Busca-se pela pesquisa e discussão acerca do tema, ter-se uma base conceitual para a análise e criação de tais espaços.

OS SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES

Sistemas são conjuntos de elementos reunidos por determinada unidade, organização e complexidade (MORIN, 2008), no qual há relações estabelecidas tanto entre esses elementos que o compõem, quanto entre tais sistemas, que por sua vez, são fragmentos de uma totalidade, ou, como definido pela abordagem da Teoria Geral de Sistemas (TGS), de Ludwig von Bertalanffy (1968), é um agrupamento de unidades que se inter-relacionam a fim de atingir um objetivo comum, exibindo propriedades específicas ou não explicáveis em análise de seus componentes individualmente, denominadas propriedades emergentes, que dão significância então, à formação. de um sistema.

Assim como o sistema digestório, que se compõe por órgãos como o estômago, se relaciona com os outros sistemas do corpo para constituir a vida humana, é possível inferir que o objeto, sistema de espaços livres, estabelece interconexão e interdependência com os demais - tal qual o sistema de drenagem ou o sistema hidráulico municipal - na constituição de uma estrutura urbana.

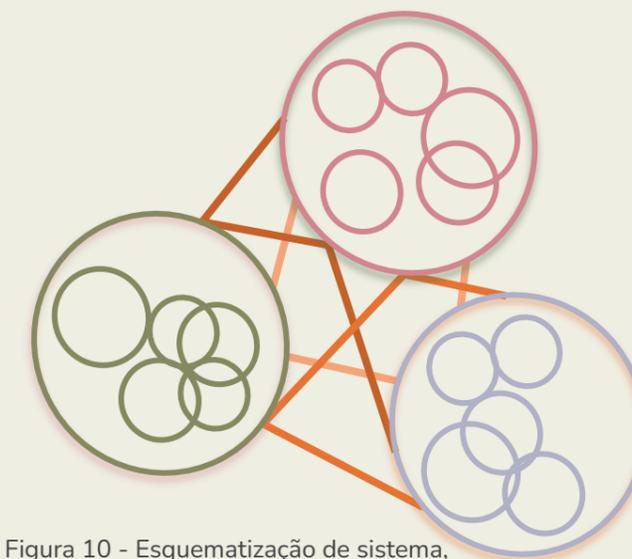


Figura 10 - Esquematização de sistema, elaborado pela autora, 2023.

O espaço livre é, segundo Miranda Magnoli (1982), todo aquele não ocupado por um volume edificado, podendo ser público ou privado, vegetado ou pavimentado, ainda capaz de exercer funções “produtivas, protetoras, ornamentais ou recreativas” (TANKEL, 1976), ou seja, é a autonomia do espaço edificado, posto da seguinte forma por Eugenio Queiroga e Denio Benfatti (2007, p. 86):

Os espaços livres urbanos formam um sistema, apresentando, sobretudo, relações de conectividade, complementaridade e hierarquia. Entre seus múltiplos papéis, por vezes sobrepostos, estão a circulação, a drenagem, atividades de ócio, convívio público, marcos referenciais, memória, conforto e conservação ambiental, etc.

O sistema de espaços livres de determinada cidade se forma a partir da contínua ocupação da área urbana a qual se reservam locais a serem dedicados ao uso público ou se restam na formação de quadras e quarteirões também concedidos a tal fim.

Salientado por Magnoli em O Espaço Livre (2006), em que o estudo da cidade de São Paulo, São Paulo, demonstra diferentes formas as quais esses espaços podem se dar e se apresentar perante o lote, a rua, a quadra e o tecido urbano como um todo, a criação de um espaço livre retoma o desenvolvimento do SEL local, junto ao entendimento da vida e

cultura daquela determinada sociedade e como esta cultura configurou este sistema, assim, ao compreender o modo como se deu torna-se possível a assimilação de seus funcionamento, e demandas, além dos processos que aplicados àquele alvo são mais ou menos efetivos.



Figura 11 - Comparação da distribuição de quarteirões e lotes em Berlim, Alemanha e Toledo, Espanha.

As imagens exemplares em comparação, figura 8, demonstram o impacto das escolhas de ocupação no desenho urbano de quadras e por conseguinte, na quantidade, localização e distribuição de espaços livres, dentre eles, as áreas verdes; do modo que Berlim, que ao possuir um desenho urbano mais racional demonstra planejamento de suas quadras, vias e determinadamente espaços livres vegetados que se destacam como um dos eixo estruturantes do projeto.

Conquanto, o desenho da cidade espanhola remete sua forma a uma ocupação mais orgânica, a qual se deu pelo pensamento voltado a escala humana onde as vias são tidas como espaço livre exclusivo ao deslocamento de pessoas, sem considerar a circulação de veículos ou a implantação de canteiros ou vegetação.

O estudo do histórico analítico de uma configuração espacial denuncia, além da conduta ali exercida, as estratégias empregadas na solução e criação de questões, fazendo-se possível uma leitura do que seria benéfico, funcional, agregador ou não em determinada conjunção urbana.

Posto como a vivência e a cultura humana desenham a cidade, a maneira em que as observações destes processos orientam novas ocupações de um espaço, tornam esse observável como objeto de análise.

Assim como as demais cidades apresentadas, a cidade de Uberaba, em Minas Gerais, também passou por mudanças em sua infraestrutura e urbanização, a canalização de um córrego entevias, o que representa uma escolha recorrente em diversas cidades brasileiras, onde:

Um modelo de expansão urbana que favoreceu o setor imobiliário, com obras urbanísticas voltadas aos aspectos sanitários e estéticos para o embelezamento da cidade e expansão do sistema viário (FAGUNDES, 2022, p. 396).

O recurso da canalização foi visto então, em certo tempo, como forma de demonstrar o progresso do local pela escolha do urbano e antropizado sobre a paisagem natural. Tal ação gera hoje inundações recorrentes, indicando um cenário de evolução equivocada, onde o precedente se ressaí sobre o predecessor, dado importante para projetos a serem pensados para a área ou situação.

O local onde havia antes o leito do Córrego das Lajes loca uma avenida de alto fluxo e terminais rodoviários, figuras 9 e 10, junto aos seus problemas decorrentes, como a citada São Paulo que foi cenário de políticas públicas de criação de grandes vias em fundos de vales na década de 70, o que acaba por ensinar acerca da cronologia dos sistemas de espaços livres da cidade e a relevância da criticidade ao observá-los.

Figura 12 - Córrego das Lajes, atual Avenida Leopoldino de Oliveira no município de Uberaba, Minas Gerais, Uberaba em Fotos, 2023.

Figura 13 - Avenida Leopoldino de Oliveira, Jornal de Uberaba, 2019.



ESPAÇOS LIVRES PÚBLICO E PRIVADO

O espaço livre público é todo aquele de posse pública podendo ter acesso livre ou restrito mas ainda com ação social de causa popular, enquanto o espaço livre privado tem posse particular e muitas vezes restrito. Em ambos, a qualificação do local é primária para seu exercício fundamental, não o permitindo ser infimamente um residual de terra, como muito ocorre em residências em que não são conferidos de fato privacidade, beleza, silêncio, conforto ou lazer, como discutido por Magnoli (2006).



Nesse sentido, a associação entre pinturas brasileiras se divergem em sensações geradas: por um espaço livre restante a estrutura urbana, figura 5, e um SEL precioso em sua concepção, figura 6.

O que diferencia a arquitetura por fundamento é seu foco na humanização, perdida na primeira situação onde a ênfase é dada na indústria, no transporte e na infraestrutura, enquanto a posterior demonstra harmonia entre sociedade e ambiente.

Figura 14 - Quadro "E.F.C.B." de 1924, Tarsila do Amaral, Itaú Cultural.
Figura 15 - "O pescador" de 1925, Tarsila do Amaral, Vírus da Arte, 2019.



Em vista do propósito de qualificação dos espaços livres, estudos e estratégias são feitos para garanti-la; no âmbito privado é observável pelas legislações colocadas pelos planos diretores municipais como a restrição em porcentagem da ocupação de lotes urbanos, ou as devidas metragens de afastamento da edificação dos limites desses.

Já a garantia em âmbito público tem maior complexidade por propor-se atender demandas de um grupo social complexo; para bom aproveitamento em diversidade e temporalidade de um espaço são necessárias, como salientado por Macedo (1995), considerações acerca de fatores de adequação funcional conforme morfologia e dimensão, adequação ambiental oferecendo salubridade, segurança e conforto, e adequação estética segundo padrões e expectativas sociais.

A definição de público de um local traz consigo a função social de servir, portanto, oferecer acessibilidade para além de sua visibilidade, perceptividade, e as adequações dos espaços livres, que são fundamentais a fim da apropriação deste:

Quanto mais e melhor possa ser apropriado, desde que convenientemente mantido, maior vai ser sua aceitação social e por mais tempo será mantida sua identidade morfológica (MACEDO, 1995, p. 24).

A determinância entre sociedade e lugar se dá reciprocamente ao ponto em que ambas criam e atendem demandas. A primeira estabelece a forma e função da segunda, que por sua vez a partir de sua definição, caracteriza a experiência ali obtida.

Realização de que a vida das pessoas em uma cidade e sistema é fruto desses, pela música Deus lhe pague, de Chico Buarque.

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague

Pelo prazer de chorar e pelo "estamos aí"
Pela piada no bar e o futebol pra aplaudir
Um crime pra comentar e um samba pra distrair
Deus lhe pague

Por essa praia, essa saia, pelas mulheres daqui
O amor malfeito depressa, fazer a barba e partir
Pelo domingo que é lindo, novela, missa e gibi
Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça, desgraça, que a gente tem que tossir
Pelos andaimes, pingentes, que a gente tem que cair
Deus lhe pague

Por mais um dia, agonia, pra suportar e assistir
Pelo rangido dos dentes, pela cidade a zunir
E pelo grito demente que nos ajuda a fugir
Deus lhe pague

Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas-bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir
Deus lhe pague

Chico Buarque, 1971.

O planejamento urbano dita a maneira em que são construídos os comportamentos dos indivíduos de uma sociedade, como vivem e se relacionam, entre si e com a cidade habitada. Assim, o espaço destinado à construção de moradias, o espaço entre elas, tamanho de vias e calçadas, e a existência e eficácia dos espaços livres de qualidade são determinantes para o real exercer do ser indivíduo e cidadão. Não há privacidade, saúde, segurança, espaço para desenvolvimento, crescimento e encontro se assim a cidade não viabilizar

Na música posta, o interlocutor tem consciência de que sua realidade e seus comportamentos são dados de algo superior a si próprio, “Deus”, que pode ser então lido como a sociedade do capital que tem como fundamento a exploração e alienação do trabalhador pelo cotidiano, ou a conjunção urbana que determina áreas abastadas e preteridas pela oferta ou não de lotes, vias, acessos, e espaços livres pensados e qualificados.

O seu melhor atendimento às demandas cotidianas da sociedade vai depender das disponibilidades de recursos, dos padrões culturais existentes e, sobretudo, das decisões políticas que podem levar a eventuais processos de qualificação ou desqualificação de tais sistemas (QUEIROGA, 2011, p.29).

Nas cidades têm-se então a obrigatoriedade dos espaços livres privados como parte da construção de um sistema de espaços livres, norma nula no segmento da cidade informal, fato que largamente se contrasta com as camadas mais ricas, como observado por Macedo (2011), que por falta de um atendimento público às demandas recorrem a condomínios e complexos que oferecem lazer. Tais estruturas suprem tal função dos SEL, mas não as fundamentais de exercício e convívio social.

Há crescente dependência em relação ao mercado na constituição de sistemas de espaços livres (inter-relação entre espaços livres privados e públicos) em especial em áreas destinadas às elites. Vende-se cada vez mais produtos imobiliários que afirmam uma imagem “verde, tranquila e segura”, quase sempre apresentam fortes impactos sociais, ambientais e paisagísticos que são sentidos apenas no médio prazo (QUEIROGA, 2011, p.29).

Edifícios esses muitos interessantes, e positivos à quem os dispõem, mas que não isentam a esfera pública suas responsabilidades cumpridas nos espaços livres públicos. Os impactos gerados por tais empreendimentos, tal qual os levantados por Queiroga, são resignados à todos enquanto os atendidos por eles são alguns. Aquele que detém poder financeiro consegue suprir o poder público de certa forma e comprar lazer, mas e aqueles que não detém?

Essa capitalização do espaço livre público faz dele um produto, o qual por vezes pode exercer uma ocupação humana mais eficiente, porém faz direitos fundamentais se tornarem luxo ou privilégio, submetendo-se assim ao fetichismo da mercadoria, que por sua vez como foi referido por Douglas Rodrigues Barros é “[...] a compreensão que Marx teve de que o capital se tornou o novo deus. Ele fundamenta as bases e movimenta a sociedade onde reina a mercadoria[...]” (2023).

TIPOLOGIAS DE ESPAÇOS LIVRES

A classificação de espaços livres em tipos se dá em diferentes categorias pela análise de autores ou classes distintas, avaliando aspectos como mobilidade, ambiente, temporalidade e acessibilidade. Silvio Macedo (1995), por exemplo, comparou espaços livres clássicos e modernos demonstrando como o bairro, a quadra, a rua e o lote se diferenciam em sua constituição, salientando a vida cotidiana moderna e as demandas por ela apresentada, assim como o impacto da vegetação presente em todas as escalas trazendo os espaços verdes como recurso de qualidade de vida urbana.

Ele utiliza-se de exemplos como São Paulo para demonstrar o quanto se difere ao atender a escala humana ao comparar a super quadra com a vila, ou a rua tradicional com a Rua Jardim, por exemplo, a primeira tendo um espaço delimitado para pedestres, pouca presença arbórea e maior parte de leito para veículos, enquanto a segunda possui espaço delimitado para automóveis e amplos caminhos para pedestres, atendendo suas demandas específicas por iluminação, sombreamento e presença vegetal ao nível olhar por meio de canteiros.

Diferente do primeiro momento, em que o autor teve como base a medida humana como Central, na publicação colaborativa de 2011, criou quadro de tipologia de espaços livres onde os classificou por caráter, prática, associações acessibilidade e posse, apresentando tipos, subtipos, os quais são de fato legíveis nas cidades, e suas devidas caracterizações. Destaca-se aqui por suas características de estabelecer relações sociais e sistêmicas, os tipos: de práticas sociais, de espaços livres de circulação e pedestres, e de espaços livres associados à sistemas de circulação.

TIPOS ESPAÇOS LIVRES	SUBTIPOS	CARACTERIZAÇÃO	
De práticas sociais	Mirantes		
	Pátios		
	Recantos		
	Jardins		
	Largos		
	Escadarias		
	Praças	contemplativas recreativas esportivas mistas conservação memoriais	
	Parques nucleares intraurbanos e lineares da rede hídrica	contemplativas recreativas esportivas mistas conservação especiais:Jd. Botânico, Horto	
	Opção: Parques nucleares	Parques de vizinhança Parques de Bairro Parques Regionais Parques da Cidade	
	Opção: Parques lineares	Tipo 1 - Alta integridade Tipo 2 Média integridade Tipo 3 - Integridade nula	
	Parques de Bolso ou <i>pocket parks</i>		
	Calçadão	de praia, agregado ou não a ciclovia Beira rio, com ou sem praia, com ou sem ciclovia	
	Praia Urbana	marítima, fluvial, lacustre orlas tratadas ou não polivalentes ou não	
	Quadras esportivas Campos de futebol de várzea Piscinão Piscinas públicas	ex: de Ramos	
	De espaços livres de circulação e pedestres	Calçadas	arborizadas ou não
		Ruas	arborizadas ou não
Avenidas		arborizadas ou não	
Vielas			
Alamedas			
Escadaria/ Beco			
Canto de Quadra			
Estradas			
Estacionamentos		arborizados ou não	
Refúgios			
Vias parque			
Ciclovias			
Caminhos de pedestres			
Calçadão	de área central ou caráter turístico		
De espaços livres associados a sistemas de circulação	Canteiros centrais e laterais de porte		
	Rotatórias		
	Baixios de viadutos		
	Faixas de domínio	ferrovia e rodovia	
	Taludes		
	Trevos		
	Terrenos remanescentes de sistema viário	em geral ajardinados	
	Praças viárias Redes de ciclovias	Elementos de lazer e circulação	

Figura 16 - Tipos de Espaços Livres, Revista Geográfica de América Central, 2011, editado pela autora.

ESPAÇOS LIVRES TORNAM-SE LUGARES

As alterações e intervenções operadas no espaço e lugar sob demanda da sociedade que a habita, são de cuidado de planejadores urbanos e paisagistas, técnicos da cidade e da paisagem.

O urbanista, segundo Milton Santos, “tem que ser susceptível de uma visão contextual da produção de metadisciplinas, (...) da coisa (...) e do sistema em que se insere” (1995) e portanto se colocar como investigador do passado de modo a vê-lo na situação e discurso em que era presente, conhecendo para assim analisar, e finalmente, constatar-se apto a inferir.

Nesse mesmo aspecto, o profissional paisagista é sobretudo um “especialista da produção do quadro da vida do homem” conforme compreende a paisagem como produto da sociedade.

Os planejadores urbano e da paisagem, dadas suas vocações estética, ambiental, econômica, social e funcional, devem “saber criticar e inferir no que lhe cabe” (SANTOS, 1995) como quando oferecem quadro ou projeto material de vida para estabelecer harmonia na existência e nas ações da sociedade.

A expressão de sentimentos por imagens ou esculturas de um artista, se faz pelo arquiteto, a partir de sua compreensão da cultura e do simbolismo de um local por edifícios funcionais que correspondem às necessidades sociais e que proporcionem o abrigo físico, de memórias e de sonhos, influenciado pelos “padrões funcionais rítmicos” e movimentações da dinamicidade do seguinte grupo. Assim, arte e arquitetura similarmente, buscam “dar forma sensível aos estados de espírito”.

Dentro do sistema de espaços livres de um perímetro urbano, o espaço livre é aquele liberto de edificações o qual em alguma instância possui função social. Dentro do estudo são destacados espaços livres destinados ao lazer, ao encontro e a cultura, como tido por praças e parques, por exemplo.

Os lugares por sua vez, relacionando as teorias dos autores estudados, é uma porção do espaço que gera pertencimento do homem pela criação de experiências e conexões no e ao local.

Esses lugares, em diferentes comunidades, são tidos como criadores de afeição pelo estado que os detém, gerando uma imagem de que a cidade seria então uma “mãe e provedora” e o lugar, um acervo vivo de lembranças afetivas e realizações que permeiam o tempo, traria também o sentimento de tranquilidade pela proteção do homem pelo espaço que o cerca e protegeria dado sua “fraqueza” (SANTOS, 1996, p. 171). O trabalho efetivo do arquiteto e urbanista, junto ao governo público e entidades privadas, traria a identificação, a segurança e vivacidade do homem na cidade.

A arquitetura bem-sucedida “cria a aparência daquele Mundo que é a contraparte do Eu.” Para o “eu” individual, esse mundo é a casa; para o “eu” coletivo, é um ambiente público como o templo, o paço municipal ou o centro cívico. (SANTOS, 1996, p. 184).

A partir de então, a criação de lugares em espaços livres urbanos deve-se da qualificação destes para cumprir tais objetivos primordiais na concepção de uma sociedade, não apenas racional, como crítica e ciente de sua identidade e encargos no sistema a que pertence, fazendo-se singular, livre, e principalmente, consciente, dentro das limitações colocadas pelo próprio sistema vivido.

A f o r m a ç ã o
do Espaço Público



A FORMAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Para fazer-se possível a criação de um projeto que atue na sociedade em esfera pública de modo efetivo, é necessário primordialmente fazer entender o que foi e é essa esfera pública nas cidades, e sua relevância e influência nas vidas das pessoas que ocupam tais paisagem, espaços e lugares.

Diante do compromisso de bem-estar social do poder público, este deve assegurar certa adequação e qualificação dos sistemas de espaços livres ao proporcionar o atendimento às demandas estruturais bem como às sociais, possibilitando convívio, lazer e recreação.

Aqui se faz então um estudo acerca da presença e atividades em espaços livres e públicos em diferentes momentos de urbanização, possibilitando o entendimento do processo que levou a situação hodierna, e comparações de similaridade e divergências.

Figura 17 - Ágora romana com amplo espaço quadrado para negócios à frente, cercado de pórticos, e com a Biblioteca de Celso ao lado.

Éfeso, construído em torno de 323 a. C., Sia Tours.

A FORMAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Lugares de reunião em comunidades sempre foram importantes mas espaços abertos de encontro, em praças como é entendido hoje, têm como marco determinante a Ágora nas cidades-estado da Grécia Antiga, onde era centro de lazer, debates, e negociações; ao tempo em que Roma possuía seus Fóruns a mesmo fim, e seus jardins e termas públicos para refúgio e recreação, além de teatros, estádios, campos e pórticos, o que demonstra a grande relevância da vida cívica nas comunidades das grandes civilizações do passado.

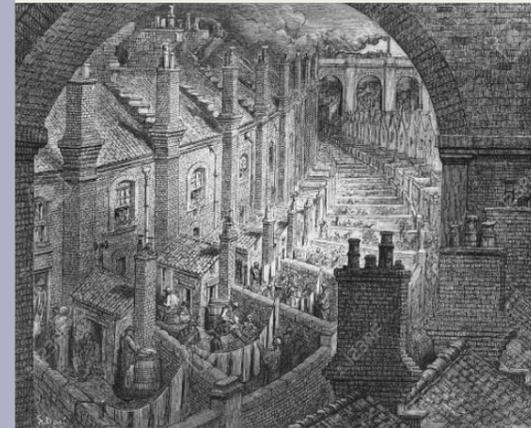
Na Idade Média, o contexto feudal de organização fazia das cidades espaços com delimitação mais restrita e malha urbana adensada, por isso as praças tornavam-se pontos focais em sua divergência volumétrica, por serem espaços abertos, locavam atividades comerciais como feiras e mercados enquanto a praça central era lugar de encontros, divulgações, espetáculos artísticos e julgamentos.



Espaços de debate, encontro e lazer. A ágora grega e o fórum romano são exemplos de espaços livres e “públicos”.



As praças, com esculturas e monumentos, locam as relações de lazer e apreciação da arte da população, além de enfatizar construções importantes, como as catedrais.



O plano de Haussmann para Paris apresenta o planejamento do sistema de espaços livres como parte do planejamento do espaço urbano, com seus parques, praças e boulevares.

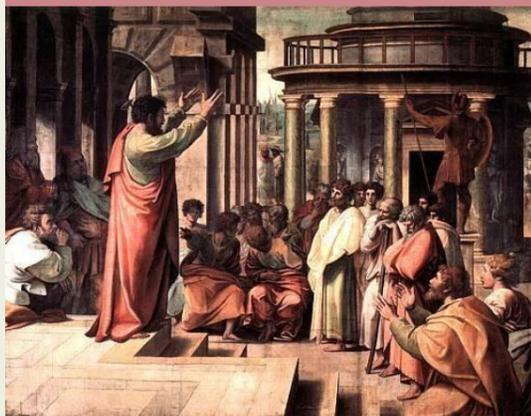
Antiguidade clássica

Idade média

Renascimento

Revolução Industrial

Século XIX



Os principais espaços livres tinham caráter econômico ao serem locais de comércio.



Aumento da população nas cidades, faz-se perceber a necessidade dos espaços livres verdes dentro do contexto urbano.

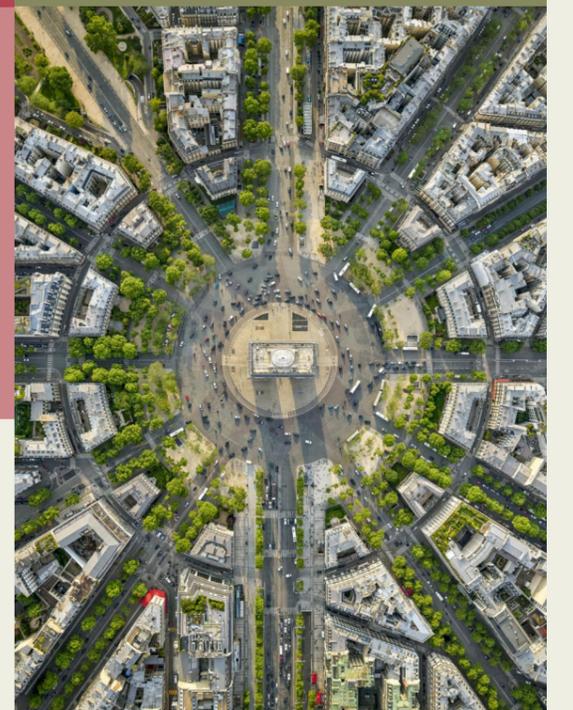


Figura 18 - Paulo pregando no Areópago, Sir James Thornhill, 1729-31.

Figura 19 - Cidades medievais, autor desconhecido.

Figura 20 - Praça de São Marco, Veneza, Ana Cassiano.

Figura 21 - Habitações apertada, Londres, Gustave Doré, 1870.

Figura 22 - Arco do Triunfo, Paris, Jeffrey Milstein, 2019.

O Renascimento trouxe a valorização do pensamento racional, que utilizava palácios e monumentos para demonstrar poder, e geometrização do desenho urbano para refletir organização e regularidade. As grandes e geométricas praças destacavam edifícios de entorno ou os pontos focais desejados.

A Revolução Industrial trouxe às cidades demanda de trabalhadores que geraram uma super ocupação, sendo os espaços públicos sacrificados no planejamento das cidades. O intenso adensamento foi percebido ao ímpeto de se procurar por espaços livres de lazer e de contato com o ambiente, sendo as praças neste contexto um respiro em tamanha aglomeração e industrialização urbana.

Os séculos XIX e XX foram marcados então, pelo entendimento da necessidade humana do vazio de edificações e da natureza em meio à cidade. A reforma de Paris, pelo Plano Haussmann, demonstra tal verdade ao ponto em que planeja lotes, quadras, edifícios e espaço público conjuntamente às praças e parques, de maneira integrada e racionalizada.

Na história recente, assim como em alguns outros momentos, houve-se uma ausência desses lugares abertos de contato ou a impossibilidade de sua utilização, como o período de distanciamento social durante a pandemia de Covid 19, o que colaborou para aumentar a noção de importância desses espaços dentro do cotidiano da cidade, podendo haver aumento de sua valorização e até mesmo ocupação.

Na formação do espaço urbano atual inclusive no Brasil muitas vezes os espaços livres de lazer, praças, são formados por espaços residuais, o que nem sempre as permitem exercer muitas de suas funções. A presença destas no cotidiano urbano é importante e lembrada por sua visualização e relação com momentos de tranquilidade e tempo de qualidade pessoal.

É possível estabelecer uma relação acerca do

dimensionamentos de EL por praças ou parques segundo a escala das cidades ou populações foco. Em cidades de grande porte, é muito debatido a importância dos parques, no entanto, ao se analisar cidades menores, percebe-se uma relevância das praças por seu caráter de espaço de convivência social.

Historicamente as praças também têm relação com seus equipamentos de si ou do entorno, como por exemplo na frente de igrejas ou prédios públicos, que os destacam perante as demais edificações, e criam distanciamento para apreciação e valorização, atualmente tal estratégia não é tão reproduzida, mais utilizados para “respiro” na cidade, que teriam sua localização ideal a cada 400m de acordo com conceito de desenvolvimento sustentável da ONU, justificado pela possibilidade de seu acesso por pedestres em qualquer localização, mas principalmente em regiões e bairros residenciais.

O conceito de espaço público trabalhado é entendido portanto, segundo o estudo de “Espaços livres públicos nas cidades brasileiras” (2011), que concebe a esfera pública geral como o entendimento de que na vida de um indivíduo sua esfera de vida privada é vivida ao domínio das necessidades enquanto a que está em questão se dá pela associação da esfera pública “política”, indicada como atividade singular de diálogo e contato entre os homens sem intermédio da matéria (QUEIROGA, 2009), e da esfera “social”, dada no século XX pela ascensão das “classes médias urbanas” que por sua forte ideologia de consumo tinham espaços como vitrines de poder.

A “esfera pública geral” é exercida para a livre expressão e troca dos cidadãos, como posto por Hannah Arendt (1991, p. 67), “ser visto e ouvido por outros é importante pelo fato de que todos veem e ouvem de ângulos diferentes.” O espaço público então, é todo aquele local que por livres acesso e ação, propicia o exercício desta ordem.

O ENCONTRO COMO ATO POLÍTICO

Sob o contrato social estabelecido, cabe ao governo, junto aos profissionais responsáveis e em colaboração às entidades privadas interessadas, determinadas responsabilidades, ditadas segundo a constituição vigente, dentre elas a de bem estar social, a qual se decorre uma infraestrutura urbana funcional, salubre e plena no suporte às demandas populares.

O poder público é fundamental como produtor do espaço urbano, portanto fundamental para a gestão (planejamento projeto implantação e manutenção) dos ELs públicos urbanos.(QUEIROGA, 2011, p. 15)

Em intento ao seguinte dever, os sistemas de espaços livres públicos devem prover dignamente, diante livre acessibilidade, sistemas de circulação, convívio, lazer e recreação; espaços de preservação ou conservação ambiental; e espaços livres relacionados a usos específicos (Custódio, 2011, p.4).

Muitos espaços fechados e privados buscam ser ocupados da mesma maneira que espaços livres (praças e parques), por vezes atingindo tal meta, como é o exemplo de certas áreas em shoppings ou condomínios fechados. Esta relação do privado com o público pode ser um demonstrativo de uma necessidade da população que deveria estar sendo atendida pelo espaços e poderes públicos.

Apesar do crescente envolvimento do poder público “na produção de novos espaços Livres destinados ao convívio lazer e Conservação ambiental”, ainda hoje cabe-se a elaboração de planos e projetos em escala municipal, desenvolvidos para gerar uma efetiva qualificação dos espaços pela sua inserção real na vida dos cidadãos, pela integração com seus cotidianos

e entre os próprios espaços livres na formação de um sistema consistente e efetivo.

O aprimoramento de praças pela presença de equipamentos, de preferência para diferentes públicos, se mostra ao ser ocupada de forma mais efetiva, essa estratégia pode ser observada quando sua reforma acaba por alterar totalmente a dinâmica de seus usos, de tal maneira que a adição de um playground, árvores, bancos e outros equipamentos, consegue favorecer o uso em diferentes momentos ao longo do dia, por diferentes faixas etárias, com diferentes objetivos dentro do mesmo espaço.

Em estudo de Klaus Chaves Alberto, ele sintetiza que a instalação de equipamentos para crianças não apenas intensificou a presença de pais e filhos, como aumentou o tempo de permanência destes no local, ocupando e populando a área por maiores períodos, junto à um pensamento estratégico da locação dessa estrutura, próxima de escolas.

Esse público infantil, por exemplo, é um importante objeto de levar-se em consideração, visto que estão perdendo cada vez mais espaço dentro da cidade e dentro de casa, com apartamentos cada vez menores e vias mais inseguras.

Figura 23 - Playgrounds e praças com crianças e adultos, DecorFácil, 2023.





A presença de equipamentos para este público têm uma relevância dentro do contexto das praças e parques, mesmo que as crianças consigam fazer brincadeiras em qualquer espaço seguro e livre dentro de praças, a partir do momento em que há um equipamento voltado a tal fim, como o playground, percebe-se que há um aumento do número de usuários desses espaços. Similarmente ao que se pode observar em relação ao exercício de atividades físicas ou de contemplação, a realização de ações necessitam de homens mas a existência de infraestruturas podem facilitar a conquista da atenção e utilização por mais público.

Importante lembrar-se o objetivo central de criação e qualificação de espaços públicos de encontro que possibilitem o cumprimento das mais variadas demandas de uma sociedade urbana, assim como a *Ágora* era um espaço de encontro e discussão, os EL públicos são até a atualidade, ferramentas de liberdade e democracia ao possibilitar esses mesmos encontros e discussões. A *Ágora* era onde antes reuniam filósofos como Sócrates e Platão, e que por vezes tem-se substituído em determinados casos pela esfera privada, como o bar do Zé na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, que foi e é um lugar de encontro de artistas filósofos e políticos como Manoel de Barros, além de conhecido ponto estratégico para saída de manifestações dado sua longevidade como referencial para os cidadãos locais, por falta de local público que o fizesse ou até mesmo por ter tomado esse caráter.

Arte e a cultura são outros aspectos de uma vida social que podem cumprir-se no SEL de uma cidade para maior democratização e presença desses ímpetus em seus cotidianos, podendo ser obtido impulsionando e agregando atividades como a de execução de apresentações teatro, circo, música e diversidade em praças, ou parques, em outra escala.

Figura 24 - Bar do Zé, fotografado pela autora, Campo Grande -MS, 2023.

IMPACTO SOCIAL DE ESPAÇOS PÚBLICOS

O mundo hoje torna-se um ativo econômico, pela ação de grandes empresas a partir da Globalização, produzindo uma arquitetura privada que se curva às suas próprias demandas e características, indiferente ao contexto local, que se impõe ao produzir uma paisagem genérica de interesses unilaterais e transnacionais. São assim um problema coletivo, ao tomar lugar do que poderia ser de caráter singular e regional, um objeto de interesse coletivo.

O movimento pode ser ilustrado de forma clara por shoppings centers, que de proposital maneira reproduzem um espaço de convívio social que na realidade só se serve para abastecer comércios geralmente globais, enquanto os centros locais e os comércios de rua, assim como a vivência na rua por si só, perde visibilidade e público, sendo optada apenas por aqueles que segregados pelo processo sistemático, o tem como única opção palpável. Da mesma maneira, condomínios fechados tem a promessa de promover lazer e segurança enquanto a cidade por si não os promove à seus cidadãos. Como afirma Santos (1977):

Quando se fala de modo de produção, não se trata simplesmente de relações sociais que tomam uma forma material, mas também de seus aspectos imateriais, como o dado político ou ideológico. Todos eles têm uma influência determinante nas localizações e tornam-se assim um fator de produção, uma força produtiva, com os mesmos direitos que qualquer outro fator.

Outro problema da banalização da arquitetura mercadológica, para além de uma perda significativa da legibilidade urbana, é o grande gasto e uso de recursos

públicos destinados a promover infraestruturas para a corporatização do território, onde deveria se haver uma priorização das necessidades da sociedade como um todo e de suas demandas latentes, um conflito distributivo de uma economia globalizada sobre um orçamento territorializado. Assim, segundo Milton Santos em A natureza do espaço, as formações socioeconômicas e sócio-espaciais exercem papel mediador no território e sobre seus recursos.

Além disso, por falta de foco no projeto urbano de espaços livres, estes têm uma padronização em tipologias, com dimensões e mobiliários repetidos, sendo importante a consideração das diferentes escalas e necessidades ao longo da cidade, além de se perceber a demanda de área aos diferentes usos a serem implantados, como exemplificado por Klaus Alberto no episódio de podcast Praças e parques: uma academia ao ar livre necessita de uma certa área para sua implantação com fim de atender diversos públicos, caso não haja o suficiente pode haver a impossibilidade de beneficiar todas as faixa etárias.

Segundo o questionário WHOQOL, que avalia qualidade de vida das pessoas, ministrado pela Universidade de Juiz de Fora foi investigado se morar perto de praças traz de fato qualidade de vida, e comprovou-se que tal característica é real para o aumento ao passo que a infraestrutura delas influencia, por exemplo, na efetivação de atividades físicas quando se tem um pista de caminhada nela, pelo aumento da predisposição da caminhada, ou demais realizações prazerosas.

O programa da praça influência nas relações estabelecidas nela, como foi citado no podcast, a presença dos chamados “Par-cão” possibilita que os donos de cachorros socializem mais nestes locais, outras estratégias podem ser empregadas para gerar outras influências, como as pistas de

caminhada citadas, equipamentos para exercícios físicos, etc., tanto que hoje é comum a reforma e a inserção de novos equipamentos em praças.

Luciana Jesus, no mesmo programa, salienta seu estudo de praças de mais de 450m² e seus raios de 400m de abrangência na região de Vitória e Vila Velha, utilizando-se de visitas e a ferramenta Qualifica Urb. A autora analisou um paralelo entre a quantidade de praças nas regiões e diferentes dados, percebeu-se que locais com altos índices de homicídio e tráfico de drogas eram marcados pela ausência de praças, enquanto áreas que tinham altos índices de roubo e furto apresentam praças, no entanto, a maioria delas possuía infraestrutura danificada ou ausente. Com isso, percebeu-se a grande importância e influência da presença de praças, e igualmente, de suas qualificações.

Espaços livres que funcionam como respiros dentro da cidade, proporcionam bem estar e qualidade de vida, impactando de forma benéfica, os cotidianos. Para tanto é importante ver as praças e os parques além do espaço público mas também como um espaço verde capaz de suprir essa necessidade do ser humano de estar em um ambiente “natural”. No contexto citadino, é recorrente durante a história, como no pós Revolução Industrial, cenários onde tanto as praças quanto os parques são dois elementos que colaboram para lidar com essa urgência humana de “paz” visual, olfativa, e principalmente sonora.

A importância desses espaços verdes ganha outra conotação quando há uma análise dos ruídos nesses espaços, pois, segundo pesquisas feitas, em estudos de Klaus Alberto (2022), com pessoas em praças e parques, o fator mais decisivo em se dedicar tempo em EL era justamente “ouvir a natureza” e o sons criados por animais e vegetações.

Ou seja, dentro das cidades esses espaços funcionam como respiros sensoriais, de maneira que há uma mudança da paisagem de hostil pela urbanização a calma pelo contato com a natureza, seus sons e visuais, beneficiando seus usuários.

O planejamento de praça e parques se diferem em relação à sua escala, o que impacta o público alvo e o planejamento da cidade para integrá-los visto que a colocação de tais elementos relacionam-se com diversos aspectos urbanísticos da vida na cidade, tendo relação com as sociabilidades, convívio intergeracional, ambiental e garantia a saúde das pessoas, da cidade e do ambiente. Ainda sendo necessário pensá-las, considerando seus 400 metros de intervalo, como um sistema que depende além do planejamento de espaços isolados, onde ruas, parques e essas praças fazem parte e precisam ser pensados como conjunto.

A formação das praças e dos parques têm muita relação com o projeto dos loteamentos dentro da cidade, essa relação é de mútua influência visto que os espaços de lazer são criados para atender aos moradores porém sua utilização pode mudar ou transformar-se dadas novas ou diferentes demandas no uso corriqueiro destes, levantando uma possível falta de análise do público ou de congruência do plano diretor pela não conexão entre o sistema de espaços livres e o pensar do projeto urbano.

O esforço de compreender a comunidade a ser atendida é primordial assim como um estudo generalizado do município para haver uma oferta consistente e satisfatória às necessidades encontradas, das pessoas e do próprio, pelo plano diretor com execução dos agentes cabíveis. A garantia da resolução das demandas sociais são o objeto final, junto a oportunidade de um contato com um ambiente menos urbanizado, se fazendo de refúgio social, lugar que possibilita o exercer livre e político do cidadão, e respiro urbano.

O ESPAÇO LIVRE PÚBLICO TORNA-SE LUGAR

Para fim de garantir o bem-estar social de uma sociedade, suas demandas devem ser conhecidas e racionalizadas pelos agentes intercessores, tendo-se as concepções acerca de conceito, função e aplicação de um espaço livre e público. Seu planejamento e execução cabe então de responsabilidade primordial do Poder governamental, para além da atuação dos profissionais habilitados como arquitetos, urbanistas e paisagistas, e influência de iniciativas e instituições privadas, dado o domínio do capitalismo e globalização vigentes.

Posto o reconhecimento do contato e da interdependência entre as esferas privada e pública, percebe-se a cidade como um lugar para pessoas. O arquiteto e urbanista, como profissional a cumprir seus deveres para com as pessoas, deve entender então, que a cidade deve promover que áreas tornem-se lugares para pessoas e não apenas para instituições e empresas.

A prioridade que se deve é de lugares para sociedades e não de espaços para instituições ou fluxos de veículos, visto que empresas ou objetos abstratos não possuem de fato caráter por serem simplesmente ferramentas. O foco são então as pessoas com suas culturas, necessidades e especificidades:

No espaço - que é uno mas diferenciado - impõe-se com mais força a unidade prático-inerte do múltiplo a que se refere [...]. O espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual. (SANTOS, 2006, p. 215)

A ocupação dos espaços deve ser produzida com pensamento de priorização de uma arquitetura regional com caráter claro de singularidade e propriedade, eficiente em provocar identificação, tornando-se assim, lugares; o que não nega a globalização ou sistema imposto do capital, mas sim, valoriza os motivadores centrais, as pessoas e suas cidades, ao tempo que estes são as estruturas que sustentam os primeiros.

Architecture can only be sustained today as a critical practice if it assumes an arriére-garde position, that is to say, one which distances itself equally from the Enlightenment myth of progress and from a reactionary, unrealistic impulse to return to the architectonic forms of the preindustrial past. [...] It is my contention that only an arriére-garde has the capacity to cultivate a resistant, identity-giving culture while at the same time having discreet recourse to universal technique. (FRAMPTON, 1983, p. 20).

A forma crítica de se projetar e pensar a arquitetura e o urbanismo já é reconhecida e teorizada por Kenneth Frampton na década de 1980, onde considera que uma maneira racional de o fazer seria com identidade cultural verdadeira estabelecida e ainda utilizando-se de técnicas hoje facilitadas e desenvolvidas, o que nega tanto o mito do progresso quanto o desejo irreal de retornar as formas do período pré-industrial.

Assim, ao assumir os conceitos de espaço, a responsabilidade governamental sobre o espaço público e a definição do estabelecimento de lugares como objetivo central para se atingir uma concreta apropriação e identificação da sociedade com os espaços na criação de lugares, faz-se uma proposta de intervenção para a cidade de Uberaba, Minas Gerais, apresentada no próximo capítulo.

Espaços Livres Públicos em Uberaba



A CONSTRUÇÃO DOS SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES EM UBERABA

O município de Uberaba, faz parte do estado de Minas Gerais, mas já pertenceu à Capitania do Espírito Santo, São Paulo e Goiás. Inserido na Região do Triângulo Mineiro, nos meados de 1660 a 1670 era conhecida como Sertão do Novo Sul, Sertão Grande, Sertão Sul e Geral Grande, passando em 1807 a ser conhecida como “Sertão da Farinha Podre”, quando uma bandeira -expedições de exploração de metais preciosos, escravos e territórios- saiu de Desemboque e invadiu os sertões do Pontal do Triângulo Mineiro até as margens do Rio Grande, denominado “Sertão da Farinha Podre”. Uma das explicações para esta denominação se dava de viajantes que deixavam sacos de farinha no caminho para se alimentarem na volta, no retorno a encontravam farinha apodrecida, mas também, poderia ser que esta denominação seria originária de uma região portuguesa de onde vieram alguns exploradores.

A partir de 1590, Portugal passou a ter interesse pela Região pelo objetivo de encontrar minerais preciosos. Dominavam povos originários e se fosse preciso, até exterminavam-nos para que as metas da Coroa Portuguesa fossem cumpridas. Em 1722 partiu outra “bandeira” de São Paulo rumo a Goiás, visando a abertura de uma estrada para a exploração de minas de ouro, prata e pedras preciosas. Esta rota ficou conhecida como Estrada Real ou Anhanguera, que consistia em um importante caminho para que as autoridades portuguesas implantassem a colonização, a produção e escoamento dos minerais preciosos.

Em 1884 a região ficou conhecida como Triângulo Mineiro, denominado pelo Dr. Raymond Henrique Des Genettes, médico francês, jornalista e político, radicado em



Figura 25 - Praça Rui Barbosa, déc. 1940, Marcellino Guimarães.

Figura 26 - Igreja de Santa Rita, em direção ao Colégio Nossa Senhora das Dores, 1900, José Severino Soares.

Figura 27 - Praça Rui Barbosa em 1910, tirada da torre da Catedral, G1.



Uberaba, por saber que a região situava-se entre os rios Grande e Paranaíba, terminava na junção deles, formando o Rio Paraná, e apresentava a forma aproximada de um triângulo. Os primeiros habitantes da região foram os povos tupis, depois os tremembés, os caiapós e os araxás, de tradições seminômades, cujas tribos se movimentavam de um local para outro, viviam em pequenos grupos, com poucas famílias. A exploração e o povoamento de todo o Triângulo Mineiro ocorreu, de modo geral, como em todo o “Brasil-Colônia”, pelo “amansamento” e extermínio das populações indígenas e dos negros nos quilombos. As estradas para a Região do Triângulo Mineiro e Goiás tornaram-se palco de batalhas entre os exploradores dos sertões e os povos originários.

O Julgado de Nossa Senhora do Desterro das Cabeceiras do Rio das Velhas (Desemboque), foi criado sob a administração de Goiás, em 1766, abrangendo a região do Triângulo e quase todo o sul de Goiás, local rico em minas auríferas e de intensa exploração. A posse desse arraial pelo governo de Goiás era vantajosa aos moradores de Minas Gerais, pois estavam livres do pagamento de imposto sobre minerais, denominado “derrama”, cobrado em Minas Gerais. Desemboque teve o seu esplendor até 1781, quando as minas auríferas se esgotaram, e posteriormente, um grande número de pessoas migrou para outras terras, ou seja, para o Arraial de Uberaba, fundado por Major Eustáquio.

O “Regente dos Sertões” Major Antônio Eustáquio da Silva Oliveira, que fundou Uberaba, comandou outra expedição em fins de 1812, quando chegou ao Rio Uberaba e fixou-se na margem esquerda do Córrego das Lages com o Rio Uberaba, constatando que tal região tinha condições relevantes para o povoamento: recursos hídricos, terras férteis e posição estratégica favorável. Na mesma expedição vieram fazendeiros e aventureiros que passaram a produzir e comercializar com as caravanas que ligavam Goiás a São Paulo.

Em 1816 o Major Eustáquio, deu proteção para os colonos e “índios mansos”, além de expulsar para longe do arraial os “índios bravos” e quilombolas, atraindo um grande número de pessoas e famílias do arraial da Capelinha e do Desemboque. Era uma população muito heterogênea: mineiros que se estabeleceram como fazendeiros, boiadeiros, mascates, comerciantes, criadores de gado, ferreiros e até criminosos foragidos. Os moradores construíram suas casas térreas de pau-a-pique ao redor do retiro de major Eustáquio, formando a “Rua Grande” (atualmente Rua Manoel Borges e Vigário Silva). Edificaram suas casas e estabelecimentos comerciais acompanhando as ondulações dos terrenos e serpenteando os pequenos regatos.

Em 2 de março de 1820, o rei D. João VI decreta a elevação do Arraial de Santo Antônio e São Sebastião à condição de Freguesia (Paróquia), termo eclesiástico que

designava o território de atuação de um vigário, com isso ocorreu um desligamento dos laços religiosos que subordinavam o Arraial de Santo Antônio e São Sebastião (Uberaba) à Vila do Desemboque. O decreto constituiu um grande avanço para a comunidade. Significou a emancipação e gerência própria em assuntos de ordem civil, militar e religiosa, um reconhecimento oficial tanto pela Igreja, quanto pelo Governo Real.

A Freguesia de Uberaba em pouco tempo mostrava grande desenvolvimento e já contava com um número considerável de habitantes: agricultores, pecuaristas, comerciantes e de outras profissões, reunindo as condições para ser elevada à condição de Vila, dados esses fatos o Governo Provincial de Minas Gerais elevou Uberaba (Freguesia) à condição de Município (Vila) de Santo Antônio de Uberaba em 02 de fevereiro de 1836, tornando-se autônomo, com território demarcado e Câmara Municipal, esta instalada em 1837, em um prédio na Praça Rui Barbosa, que também abrigou a cadeia, uma tradição dos tempos coloniais. Os primeiros vereadores eleitos eram comerciantes prósperos, fazendeiros e representantes do clero; a Vila cresceu e assumiu importância pela posição geográfica e pela grande atividade econômica.

O crescimento econômico e populacional da Vila de Santo Antônio de Uberaba viabilizou em 1846 a conquista de um Colégio Eleitoral, vindo a ser sede de grande colégio, que era responsável pela nomeação de um Deputado Geral e de um suplente para a Assembléia Legislativa. Tornou-se assim, um importante centro comercial com uma população aproximada de duas mil pessoas e 337 habitações. Mereceu o título de Cidade em 02 de maio de 1856, pela Lei Provincial Mineira nº 759, devido ao seu grande crescimento.

Sabe-se que a história e o desenvolvimento de Uberaba na década de 1870 estão diretamente ligados à guerra do Paraguai, que ocorreu entre 1865 a 1870, com o consequente bloqueio do Rio da Prata que desviou todo o trânsito destinado à Província de Mato Grosso para Uberaba, esta passou a ter sua atividade comercial intensamente ampliada e serviu como ponto de passagem das tropas rumo ao Mato Grosso.

O progresso de Uberaba se acentuou com a inauguração da Estrada de Ferro em 1889, um acontecimento que viabilizou o desenvolvimento da pecuária zebuína que buscou melhoria da qualidade bovina, nascendo a zebuicultura, que projetou o criatório uberabense e transformou Uberaba em centro difusor de tecnologia e pesquisa genética das raças de origem indiana; que desencadeou o desenvolvimento comercial e intercâmbio com os grandes centros de Minas Gerais e São Paulo, e conseqüentemente, a aceleração da urbanização. O crescimento de edificações urbanas e comerciais, e ainda a vinda dos imigrantes europeus para a cidade acentuaram o desenvolvimento cultural e econômico de Uberaba que refletiu em sua estrutura urbana, onde surgiram requintadas construções no estilo eclético.

Atualmente Uberaba representa um centro comercial dinâmico, uma agricultura produtiva, uma pecuária seletiva com importação de reprodutores e matrizes da Índia, um parque industrial diversificado, uma estrutura de ensino desenvolvida, uma planejada estrutura urbana, com características culturais sui generis, que têm atendido as demandas nos aspectos econômicos, culturais e de serviços essenciais à população. Uberaba ainda conta com marcos reconhecidos no Brasil e no mundo: a expressão espiritual de Chico Xavier, a expressiva pecuária zebuína e a paleontologia.

LINHA DO TEMPO

1722

Criação da Estrada Real que passava pela região;



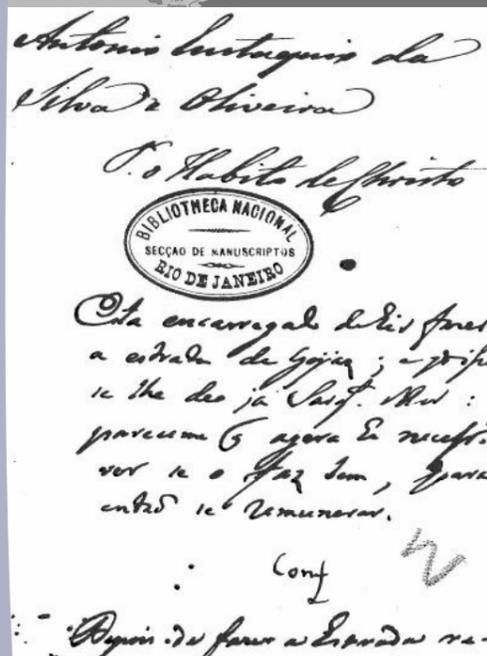
1807

A região estudada ganhou nome de Sertão da Farinha Podre;



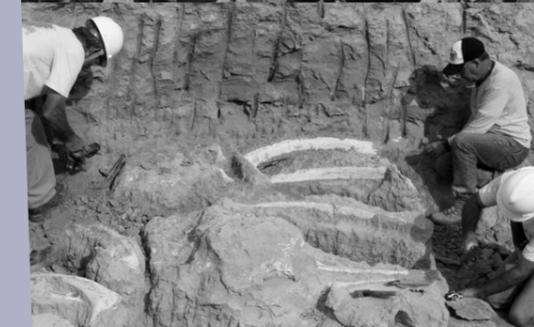
1812

Fundação do município pelo Major Antônio Eustáquio;



1820

Desligamento do aglomerado de Desemboque;



1836

Criação pelo Governo Provincial de Minas Gerais do Município de Santo Antônio de Uberaba;



1856

Santo Antônio de Uberaba é elevado à cidade;

1889

Início da pecuária zebuína e desenvolvimento da cidade;

1940

Coronel José Caetano Borges construiu uma rodovia onde ossos de dinossauros eram comuns;

1959

Chico Xavier se mudou para Uberaba, onde residiu e exerceu mediunidade até sua morte;

2024

Uberaba - Terra de gigantes - é reconhecida como geopark pela Unesco.

Figura 31 - Estrada Real, Instituto Ecobrasil.
Figura 32 - Uberaba-MG pelo Vigário Silva, Cap. Domingos.
Figura 33 - Rua Vigário Silva em 1876, G1.
Figura 34 - Rua do Comércio em 1905, G1.

Figura 35 - Parque Fernando Costa em 1968, IBGE.
Figura 36 - Geossítio Peirópolis, Geoparque Uberaba.
Figura 37 - Chico Xavier autografando, UFS.
Figura 38 - Mapa turístico Uberaba, PMU.

ATUALIDADE

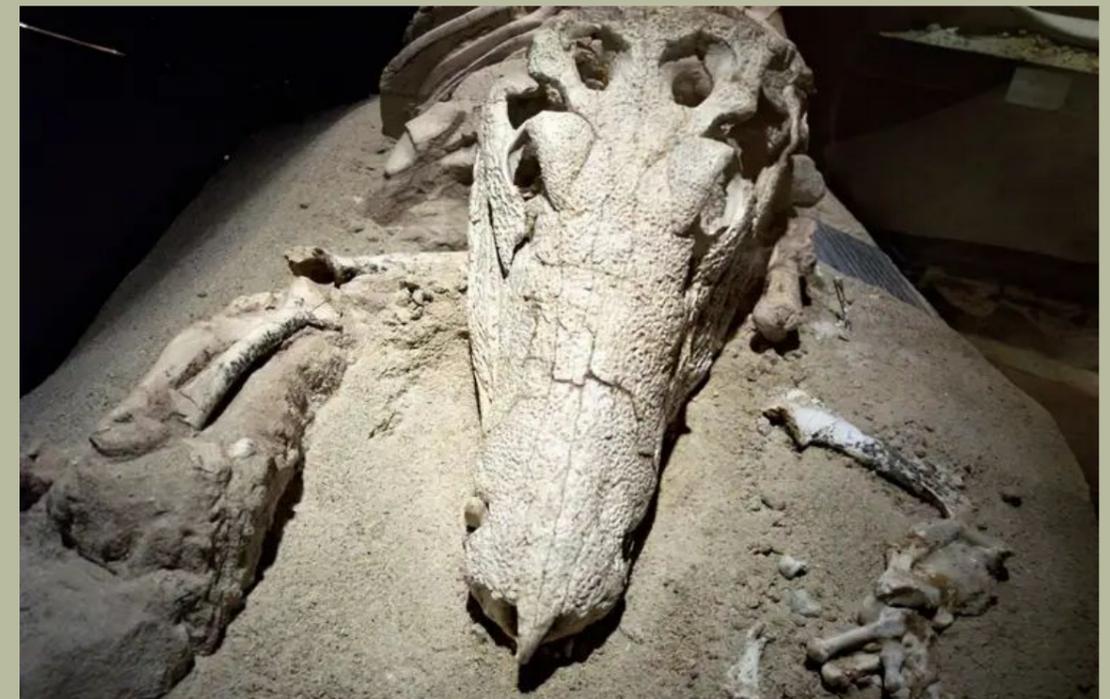
Em 27 de março de 2024, Uberaba, conhecida como Terra dos Gigantes, foi reconhecida como geoparque mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o sexto do Brasil.

O Geoparque de Uberaba que coleciona objetos de pesquisa em paleontologia e geologia se expande por 4.523,957 km², que abrange todo o município mineiro. Na região, já foram encontrados fósseis, dentes, ovos e ninhadas de dinossauros do período Cretáceo Superior – estimado entre 80 milhões e 66 milhões de anos atrás. Um dos destaques entre os achados são os ossos do Uberabatitan ribeiroi, o maior dinossauro já descoberto no Brasil e um dos últimos titanossauros (do latim lagarto titânico) do planeta, com 27 metros de comprimento e 14 metros de altura.

O diferencial do geoparque de Uberaba e sua relevância geocientífica se devem aos fósseis de dinossauros e outros descobertos no local. Existem geossítios de interesse paleontológico, que podem ser visitados e precisam ser geoconservados, pois foram locais de descobertas de fósseis e podem ainda revelar novas descobertas.

Explicou o geólogo Carlos Schobbenhaus, um dos idealizadores do Projeto Geoparques do SGB e coautor do estudo que forneceu subsídios para o dossiê de candidatura. Segundo a Secretaria de Cultura e Turismo de Minas Gerais, o reconhecimento “projeta Uberaba e o estado em nova rota turística, além de gerar mais desenvolvimento econômico, emprego e renda para a região”.

Outro ponto destacado pela secretaria é da chancela da Unesco fomentar pesquisas científicas e a valorização dos patrimônio geológico, cultural e histórico de Uberaba.



Em 02 de março de 2024, Uberaba completou 204 anos, com população em torno de 340 mil habitantes, com localização geográfica privilegiada, e um grande potencial econômico, turístico e cultural.

Figura 39 - Visão Geral de Uberaba

Figura 40 - O Geoparque de Uberaba, Carlos Schobbenhaus

Figura 41 - Crânio do Uberabasuchus encontrado, André Borges Lopes

LOCALIZAÇÃO

Brasil - estado de Minas Gerais



Minas Gerais - município de Uberaba



Uberaba - zona urbana



Zona urbana - bairro Olinda



A ÁREA DE INTERVENÇÃO

A área escolhida para intervenção se localiza no estado de Minas Gerais, na região do Triângulo Mineiro e mais precisamente na cidade de Uberaba, dada a naturalidade e familiaridade da autora com o local.

Após a localização do município e de sua zona urbana, é possível averiguar como esta se deu ao longo das décadas, observando assim uma área central consolidada com uma ocupação crescente de áreas espalhadas.

Uberaba-MG: Ocupação da área urbana (1930-2000)

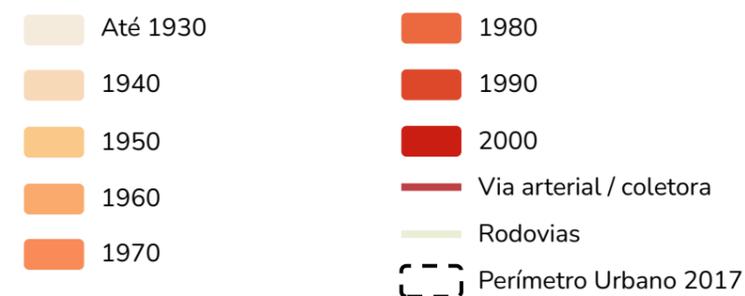
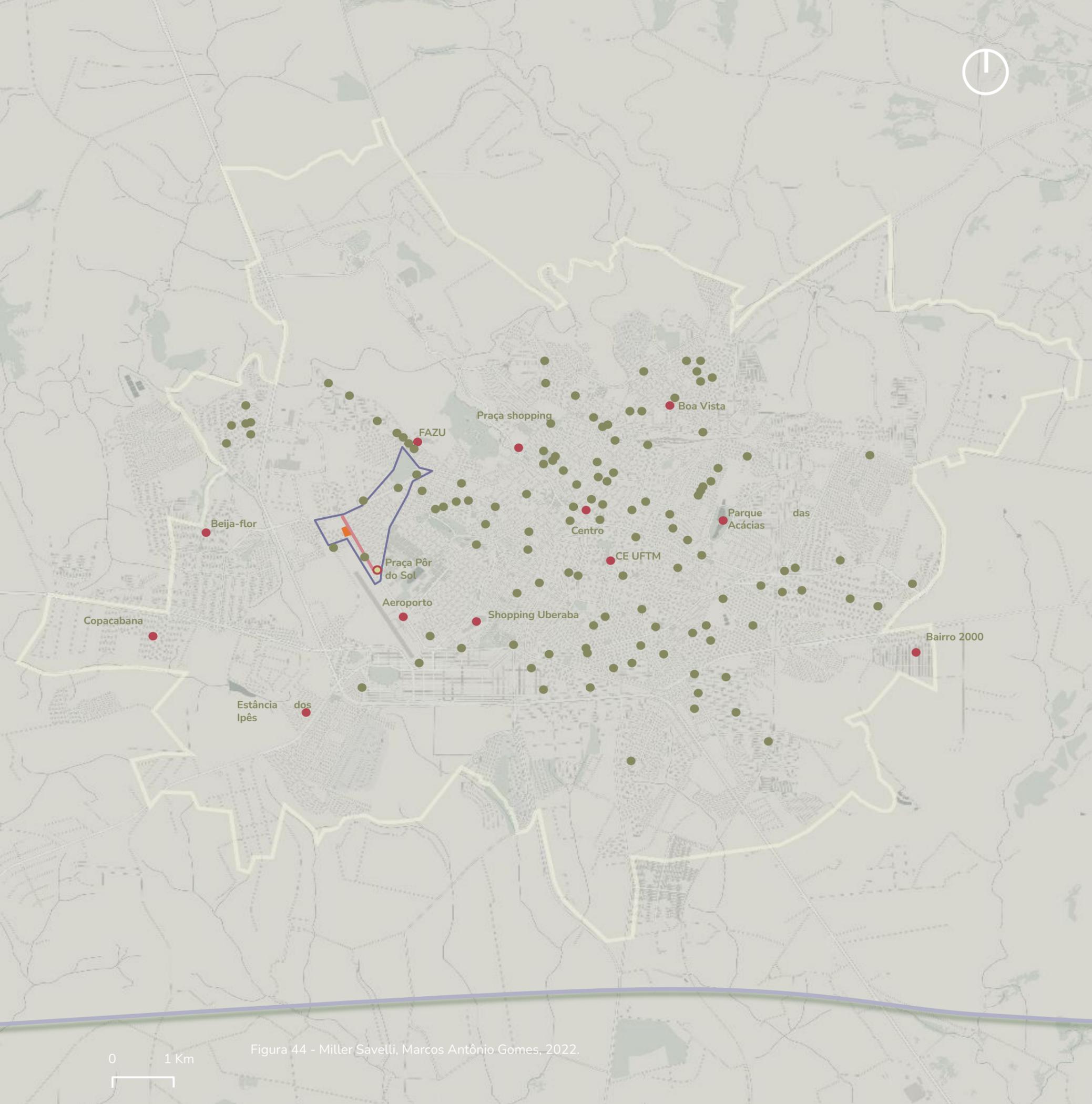


Figura 42 - Localização MG, Uberaba e Olinda, autor.

Figura 43 - Secretaria Municipal de Planejamento PMU, 2017.



DISTRIBUIÇÃO DE PRAÇAS EM UBERABA - MG

O mapa da figura 42 demonstra as praças no perímetro urbano com uso minimamente efetivo, independente de seu grau de ocupação, infraestrutura ou manutenção presentes. A presença de marcos facilita a localização como a do aeroporto, sabendo-se que está localizado na avenida Nenê Sabino que se conecta à praça consolidada Pôr do Sol.

A noroeste, pode-se localizar a área trabalhada em laranja, à uma distância de 700m, ligadas pela rua Edgar Vidal Leite Ribeiro, possibilitando uma conexão e interação entre esses espaços livres públicos, na contribuição para a construção de um sistema de espaços livres municipal efetivo e integrado.

Figura 44 - Área trabalhada, R. Edgar Vidal Leite Ribeiro, autora, 2024.

- Praça Pôr do Sol
- Praças
- Marcos
- Via trabalhada
- Área trabalhada
- Bairro Olinda
- Perímetro Urbano



O BAIRRO OLINDA

Ao analisar os sistemas de espaços livres da cidade de Uberaba, destaca-se o Bairro Olinda, aprovado há aproximadamente 50 anos. É um loteamento residencial próximo ao aeroporto e a Universidade de Uberaba – UNIUBE, circundada por avenidas de ligação entre os bairros da cidade, com localização privilegiada. Além de residências familiares, abriga também um grande número de estudantes que migram de todo o país para cursar universidades, dado a cidade também ser universitária.

O bairro em si tem um uso de maioria residencial com alguns comércios de alimentação, mercados e serviços de beleza e saúde. Dentre os diversos equipamentos públicos na cidade de Uberaba, e em específico no bairro Olinda, destacamos a praça Pôr do Sol, ela possui o nome de Carlos Bernardo González Pecotche, também conhecido pelo pseudônimo Raumsol, localizada em frente à Universidade de Uberaba – UNIUBE, e do lado do Aeroporto. Seu acesso é fácil, com um grande fluxo de trânsito de pessoas, ela atende à população do bairro mas também pessoas da cidade toda que se deslocam para ter um momento de lazer, em uma região não central da cidade.

É possível notar, após observações, que a praça já existente em questão corresponde a um local responsável por concentrar diversos usos, com um grande fluxo de visitantes, na luz do dia serve de espaço para aulas de esportes, recreação para as crianças e passeio dos animais, já no período noturno e nos finais de semana é palco de prática de esportes, recreação, alimentação e atividades culturais, apresentação de

peças teatrais, shows musicais e eventos esportivos.

Além desses, a praça é equipada com mobiliário de bancos, postes e lixeiras, infra estrutura para a prática de esporte, como quadra de areia, quadra de basquete e academia ao ar livre, para equipamentos destinados a alimentação, como containers de lanches, espetinhos, pastel, barzinho e ainda água de côco e frutas, além de espaços com exercício de fé, e outras diversas atividades.

Além de todo já destacado, recentemente foi construído o “Parcão”, equipamento destinado para a população levar seus animais para passear, fechado por grades, com brinquedos e bebedouros para os animais, além das lixeiras para o recolhimento de fezes e bancos para interação entre tutores ali presentes, gerando também convívio social.

A adição da estrutura, assim como a observação do local apontam sua relevância perante o município como um todo, seja por sua variedade em usos, ou a proximidade a Uniube que pode gerar familiaridade com seus estudantes, ou ainda o fato da avenida próxima se fechar em parte para ciclovia aos domingos o que gera a ocupação do entorno, o fato é de um potencial eminente para o lazer e a apropriação da população.

Com as experiências vivenciadas na cidade de Uberaba, em Minas Gerais, a escolha do local onde o projeto será implantado recaiu sobre um terreno desocupado no bairro Olinda, assim como em uma área próxima ao Aeroporto Mário de Almeida Franco, com o objetivo de realizar uma conexão entre o projeto e a Praça Pôr do Sol, integrando-se em um sistema de espaços livres na cidade.

ESPAÇO LIVRE CONSOLIDADO - PRAÇA PÔR DO SOL

Localizada no bairro Olinda, na cidade de Uberaba-MG, próxima ao aeroporto municipal, o que proporciona a ela uma vista do amplo terreno ao lado, a maior universidade privada da cidade, Uniube, e também de uma Delegacia Especializada de Repressão a Crimes Rurais, onde se tinha um AISP.

A praça de uso cotidiano e de, entre muitos outros, lazer por moradores dos bairros de entorno e de toda cidade foi revitalizada por volta de 2019 em decorrência da comemoração de 200 anos no município em que se localiza, Uberaba, Minas Gerais, a ação se deu por uma estratégia de associação público-privada em que o banco SICOOB “adotou” o local para investir em seu melhoramento e infraestrutura, nesse processo foi colocado um brinquedo infantil plástico que em um curto período de tempo foi depredado e sucateado.

Após a mudança, a ocupação já relevante do local se escalou com um aumento não apenas de visitantes como por containers de fins de comércio alimentício que contribuem para o fluxo de pessoas no local mas acarretou também na super ocupação do local que possui hodiernamente nove estruturas para tal fim, duas quadras de basquete, uma quadra de areia, aparelhos de ginástica, o Parcão, além de mobiliários de iluminação, lixeiras, bancos e casinhas para cachorros.

O histórico de sucesso na ocupação presente e passada, também por apresentações, ações universitárias, de saúde, religião, e outros, gera a concretização do espaço público como um lugar para diversas pessoas, muito dado a diversidade de suas atividades citadas e localização. Sua apropriação ímpar pode influir na criação do espaço conectado, praça proposta, por um circuito na contribuição de um sistema de espaços livres públicos qualificados para o município e sua população.



Figura 45 - Fotos praça Pôr do Sol, autora, 2019 e 2024.



Localização áreas no bairro Olinda

0 200 m

Área trabalhada Via trabalhada Praça Pôr do Sol



Aproximação áreas trabalhadas

0 100 m

Figura 46- autora, 2024.

LEGISLAÇÃO MUNICIPAL

A proposta para o Município de Uberaba, Minas Gerais, terá como suporte as legislações nacionais, estaduais e municipais, além de procurar ao máximo atender ao que se entende a uma cidade hodierna, coerente aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas.

Na própria plataforma do município são salientados trechos que evidenciam o objetivo deste com sua organização política e urbana, da Constituição Federal Brasileira:

CAPÍTULO II

Da Política Urbana

Art. 182. A política de desenvolvimento urbano, executada pelo poder público municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei, tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes.

§ 1.º O plano diretor, aprovado pela Câmara Municipal, obrigatório para cidades com mais de vinte mil habitantes, é o instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana.

§ 2.º A propriedade urbana cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no plano diretor.

§ 3.º As desapropriações de imóveis urbanos serão feitas com prévia e justa indenização em dinheiro.

§ 4.º É facultado ao poder público municipal, mediante lei específica para área incluída no plano diretor, exigir, nos termos da lei federal, do proprietário do solo urbano não edificado, subutilizado ou não utilizado que promova seu adequado aproveitamento, sob pena, [...].

Art. 183. Aquele que possuir como sua área urbana de até duzentos e cinquenta metros quadrados, por cinco anos, ininterruptamente e sem oposição, utilizando-a para sua moradia ou de sua família, adquirir-lhe-á o domínio, desde que não seja proprietário de outro imóvel urbano ou rural.

§ 1.º O título de domínio e a concessão de uso serão conferidos ao homem ou à mulher, ou a ambos, independentemente do estado civil.

§ 2.º Esse direito não será reconhecido ao mesmo possuidor mais de uma vez.

§ 3.º Os imóveis públicos não serão adquiridos por usucapião. (1988).

E a Lei 10.257 de 10 de julho de 2001 do Estatuto das Cidades, que regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelecendo diretrizes gerais da política urbana, e outras providências.

Para o entendimento das setorizações e classificações geral das áreas da cidade estudada foram inicialmente postos os mapas de Macrozoneamento e Zoneamento junto da *Lei Complementar n.º 376/07 - Lei de Uso e Ocupação do Solo*, alterada pelas leis 387/2008 e 456/2011, complementado pelos Parâmetros para dimensionamento de quadras e lotes da *lei complementar n.º 455/2011*.

O Plano Diretor é o principal instrumento da política de desenvolvimento urbano e ambiental como legislação reguladora das cidades e para esse estudo foi-se utilizado a Minuta de Revisão - 2018 - do PD de Uberaba de 2006, dado que no período de execução do presente trabalho um outro Plano Diretor estava sendo desenvolvido mas ainda não fora divulgado.

As propostas a seguir feitas tem então, embasamento legal nas leis demonstradas e teórico nas teses discutidas.

PERÍMETRO MUNICIPAL

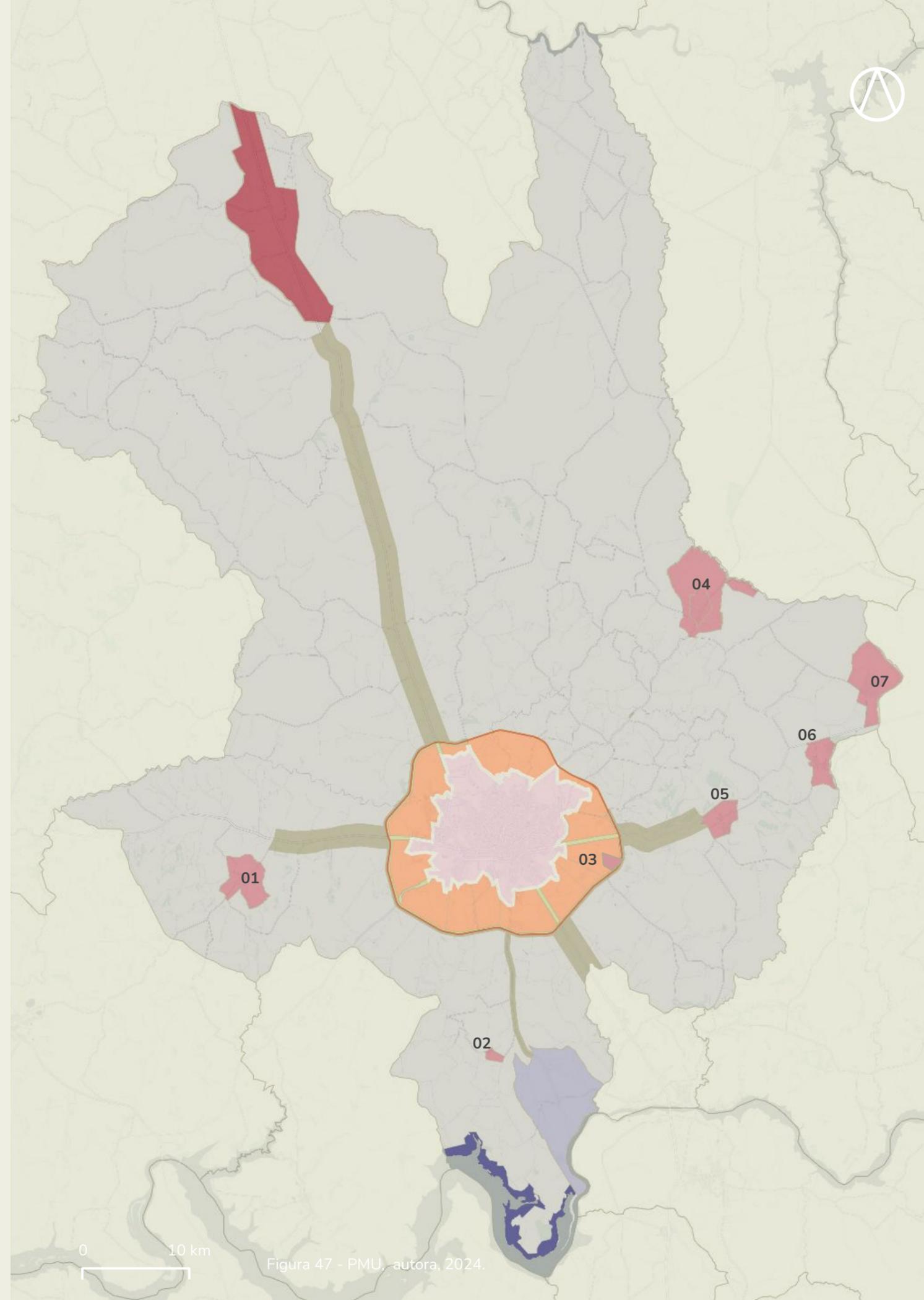
- 01 - Capelinha do Barreiro
- 02 - Baixa
- 03 - Parque do Café
- 04 - Santa Fé
- 05 - Peirópolis
- 06 - Ponte Alta
- 07 - São Basílio

Enumerados estão as urbanidades ou núcleos de desenvolvimento exteriores ao perímetro da área urbana, demonstrados no mapa em rosa médio.

O seguinte mapa demonstra o perímetro municipal delimitando, em rosa claro, o perímetro urbano hodierno assim como sua zona de transição, em laranja, e seus eixos de desenvolvimentos internos e externos, estes com uma amplitude de 1000m dos eixos projetados das rodovias federais, 050 de norte a sul e 262 de leste a oeste.

São demonstrados também ao norte a Área de Proteção Ambiental Bom Jardim, em rosa escuro, e ao sul o Complexo Rio Grande, em azul escuro, e o Distrito Industrial I, azul claro.

- | | |
|--|--|
|  Complexo Rio Grande |  Interno ao anel projetado |
|  Distritos Empresariais |  Externo ao anel projetado |
|  Núcleos de Desenvolvimento |  Hidrografia geral |
|  APA Rib. Bom Jardim |  Perímetro urbano |
|  Anel Federal Projetado |  Zona de transição |



BACIAS HIDROGRÁFICAS

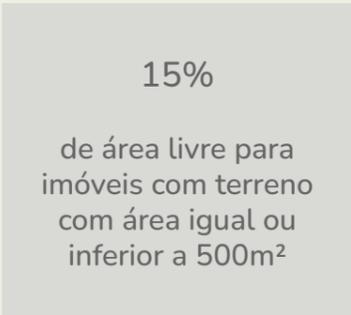
Delimitados pelo perímetro municipal de Uberaba estão as bacias hidrográficas que banham o local, destacando-se a bacia do Rio Uberaba e as sub-bacias de Conquista, Buriti e Toldas.

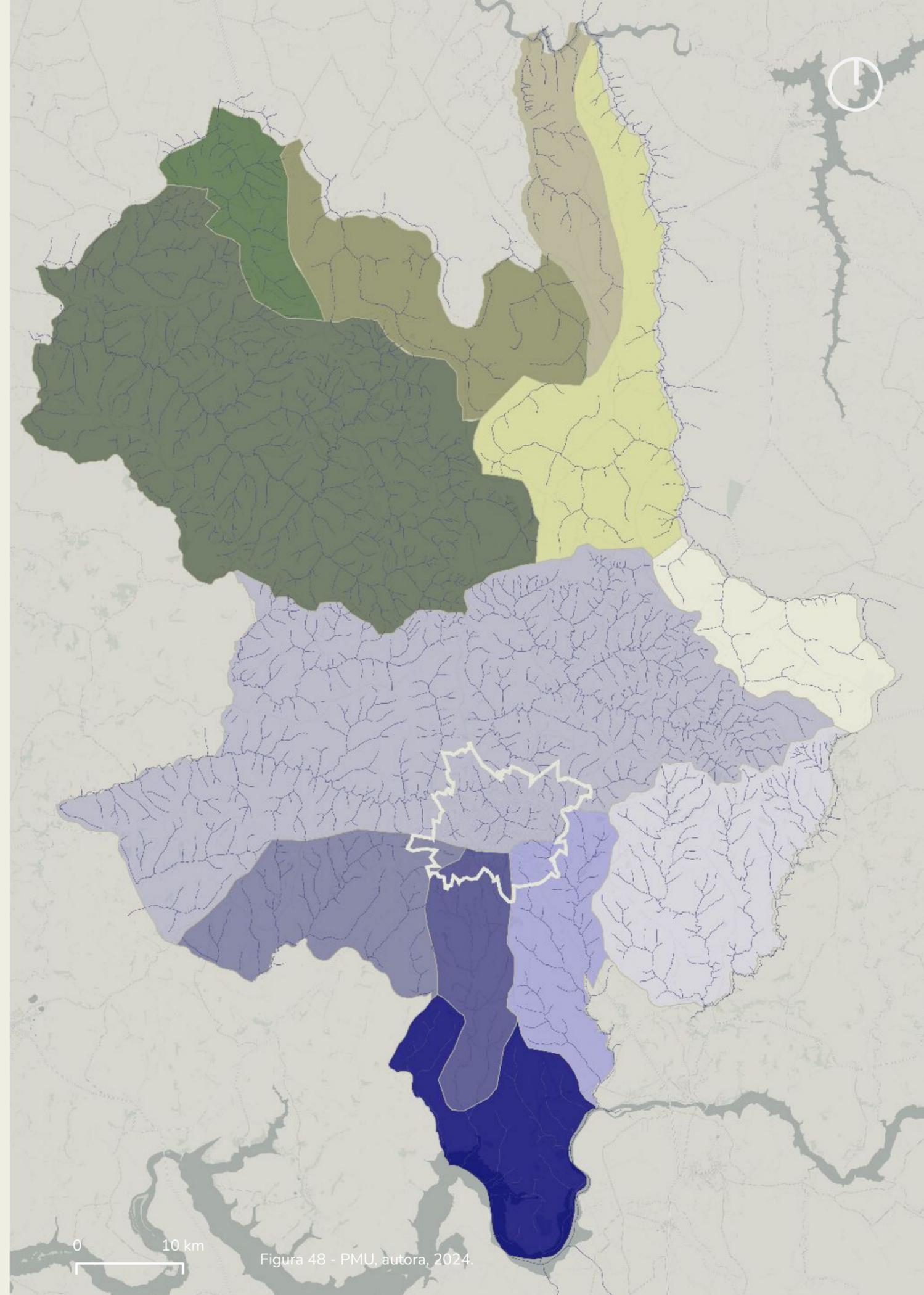
Com ênfase na Bacia do Rio Uberaba que banha grande parte do perímetro urbano, inclusive as áreas analisadas para inserção de um projeto ambientalmente considerado.

 Hidrografia geral	 Bacia do Rio Uberaba
 Bacia do Tijuco	 Sb Conquista
 Bacia Bom Jardim	 Sb Buriti
 Bacia do Rio Uberabinha	 Sb Toldas
 Sb Rib do Rocinha, etc	 Sb Afluentes Rio Grande
 Sb Rib Claro Jusante-T	 Hidrografia Uberaba
 Sb Rib Claro Montante-T	 Perímetro urbano
 Sb Ponte Alta	 Município de Uberaba

PERMEABILIDADE

Em ordem da manutenção da infraestrutura hídrica municipal, junto ao controle da intensidade de ocupação para as zonas urbanas, é estabelecido pelos parâmetros urbanísticos pela Lei Complementar nº 559/2017 que a taxa de permeabilidade mínima exigida será de:

 <p>15%</p> <p>de área livre para imóveis com terreno com área igual ou inferior a 500m²</p>	 <p>20%</p> <p>de área livre para imóveis com terreno com área superior a 500m²</p>
--	--

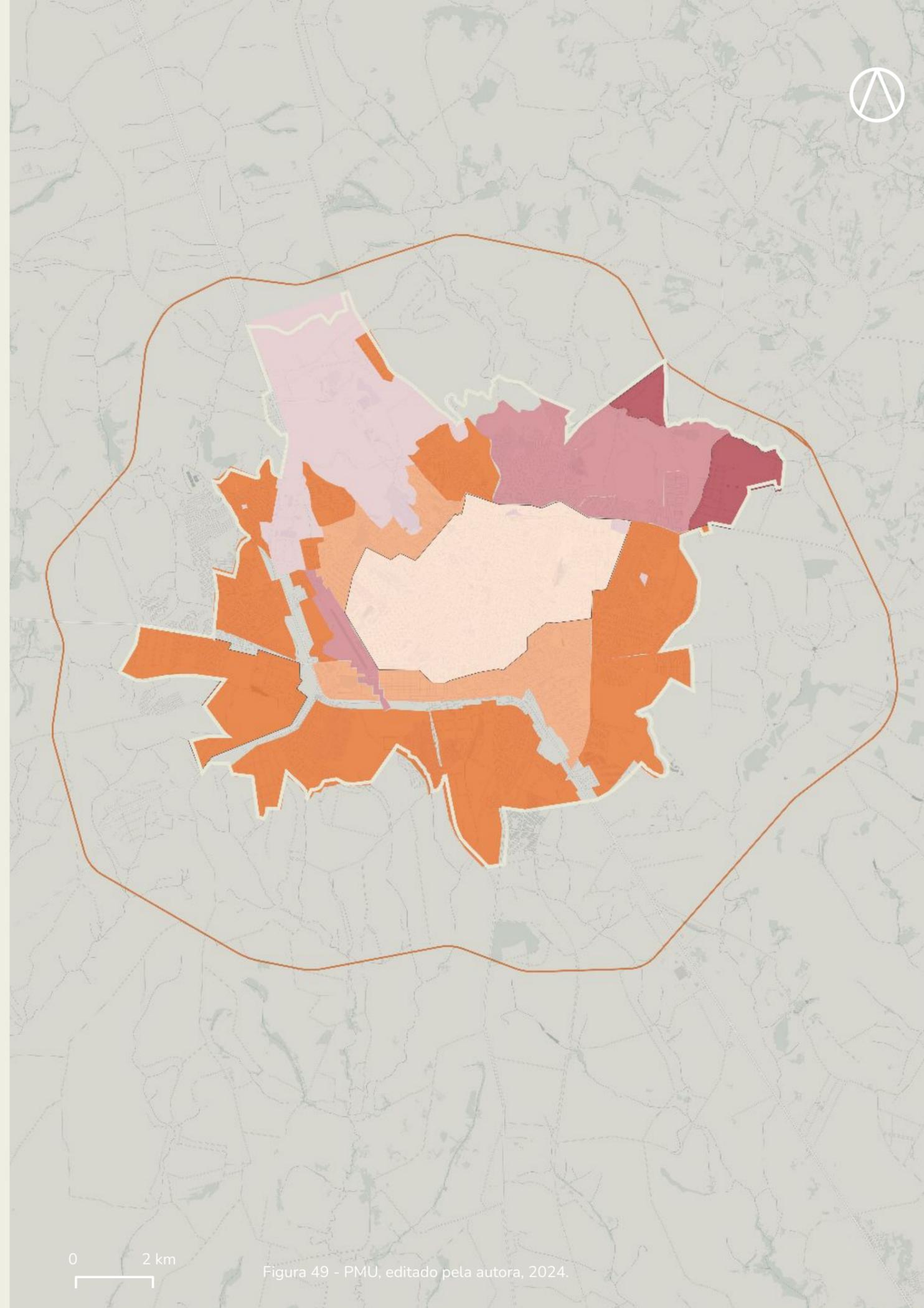


MACROZONEAMENTO

O perímetro urbano de Uberaba é dividido em cinco macrozonas, as quais são associadas com diferentes zoneamentos estabelecendo índices e normas a serem seguidos por construções ali localizadas.

A classificação de macrozoneamento leva em consideração o grau de urbanização tido em cada seção, influenciando no adensamento e ocupação em diferentes escalas e tipologias dada se são restritas, econômicas ou especiais, por exemplo.

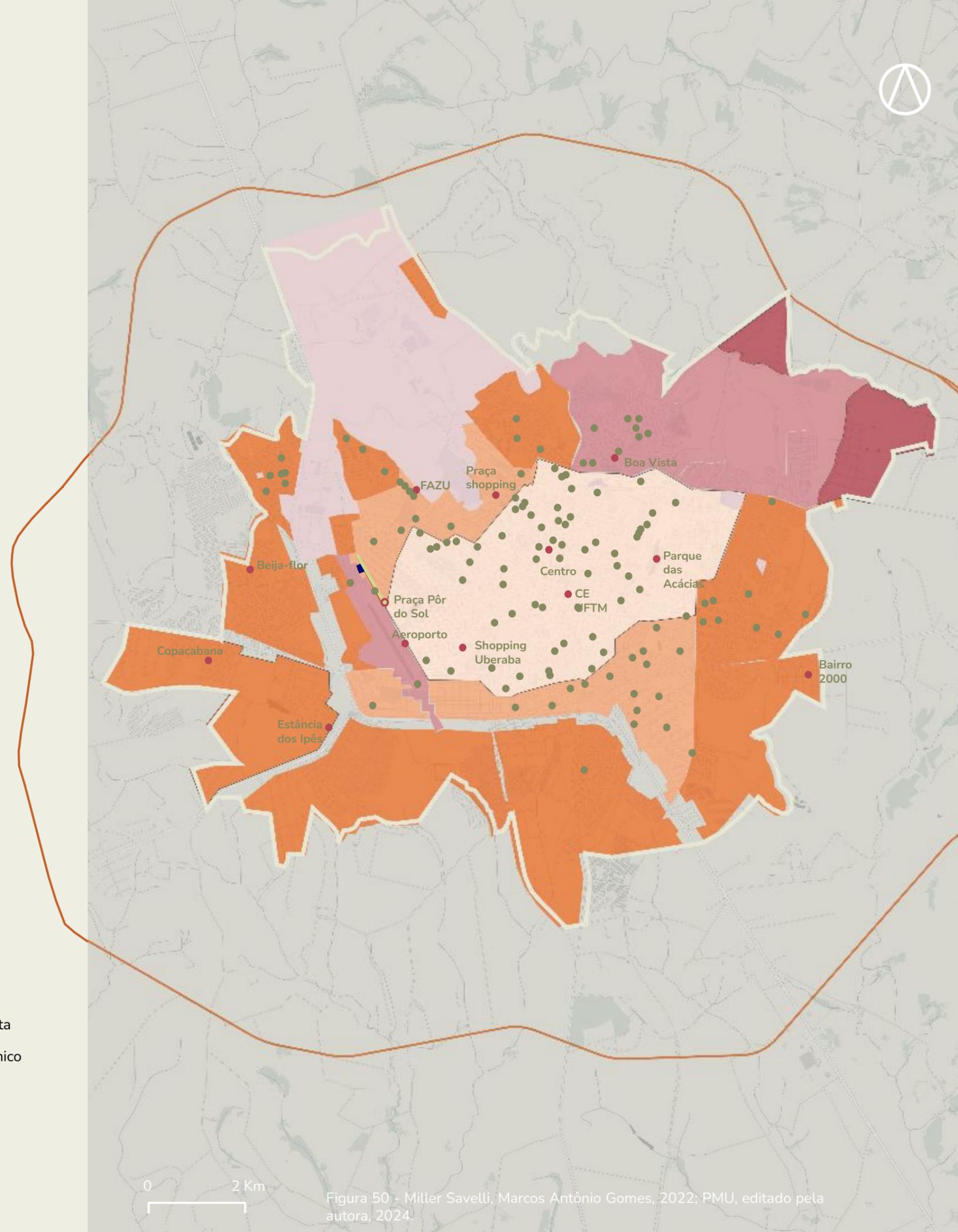
Assim a definição por determinada macrozona descreve parte do tecido urbano como de adensamento controlado, consolidação urbana, estruturação urbana, regime especial - locado na Área de Proteção Ambiental -, ocupação restrita e desenvolvimento econômico.



DISTRIBUIÇÃO DE PRAÇAS NAS MACROZONAS

O mapa da figura 47 demonstra as praças no perímetro urbano com uso minimamente efetivo sobre o macrozoneamento deste, o que indica quais macrozonas são abastadas pela maior concentração de áreas para tal fim, tendo destaque a de Adensado Controlado por local a ocupação mais antiga e consolidada do perímetro.

Ainda é possível notar a presença de praças em uma pequena porção das macrozona de Ocupação Restrita e Estruturação Urbana. A macrozona onde estão inseridas as áreas de projeto, de Consolidação Urbana, possuem um número mediano desses espaços de lazer mas sua maioria está localizada ao sul, fazendo do entorno das áreas selecionadas carentes de tal equipamento de lazer.

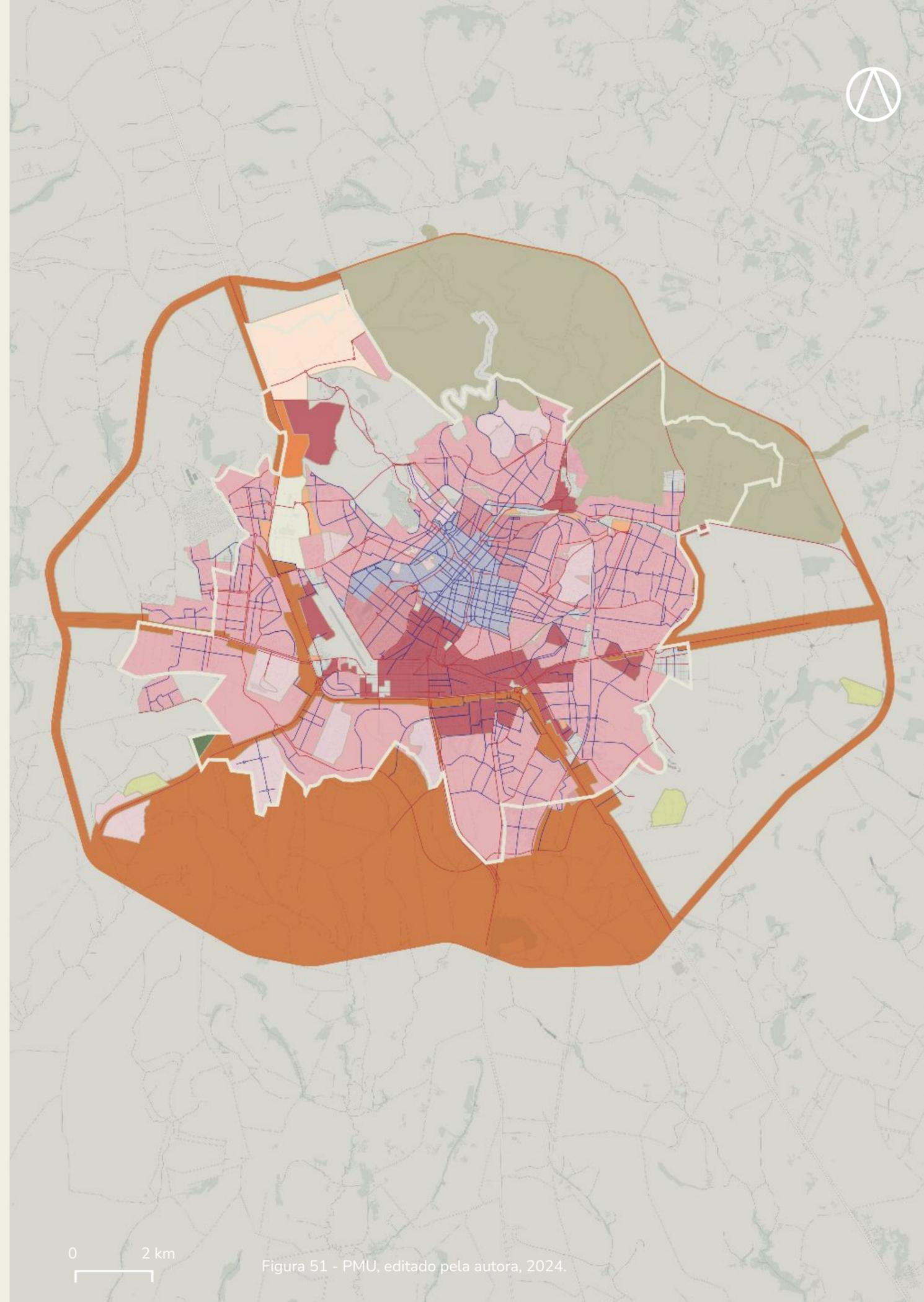


ZONEAMENTO

O zoneamento urbano se divide em categorias direcionais ao seu fim majoritário, são eles as chácaras, residencial, misto, de comércio e serviços e empresarial.

As zonas de chácaras são divididas em duas instâncias e localizadas na zona de transição do perímetro urbano, enquanto as zonas residenciais 1, 2 e 3 ocupam grande parte da área definida como urbana do município.

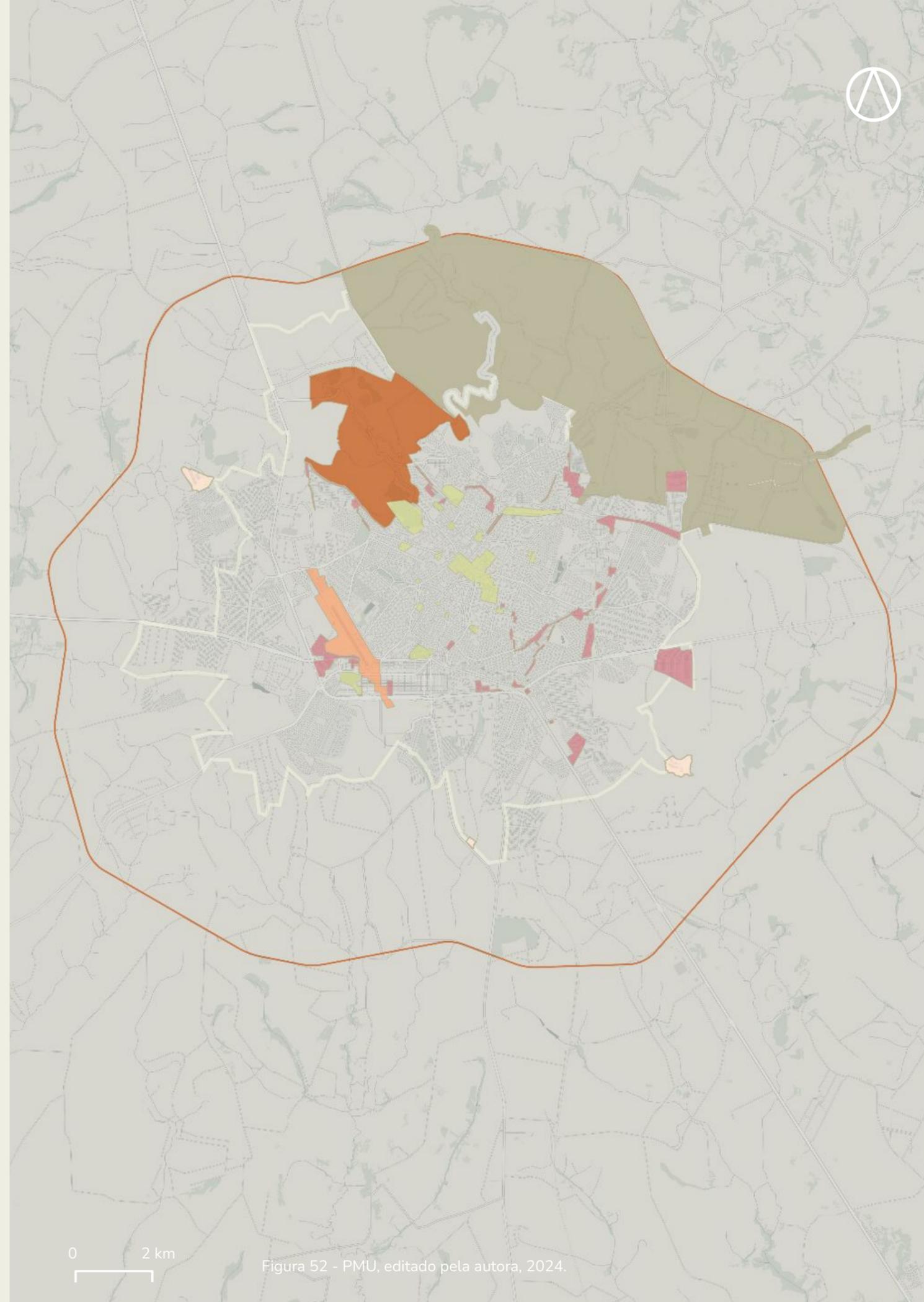
Com um uso majoritário de comércios e serviços têm-se as zonas mistas, tendo uma de suas classificações como as vias arteriais, as zonas de comércio e serviços propriamente ditas, sendo uma delas colocada como as vias coletoras, e por fim as zonas empresariais que tem quantitativamente pouca expressão em meio a cidade porém se destacam no bordamento da zona de transição e principalmente ao seu sul.



ZONEAMENTOS ESPECIAIS

Além do zoneamento tradicional segundo categorias de ocupação, Uberaba também possui um porção de zonas categorizadas por razões diferenciais, sendo elas as zonas Especial de Interesse Social, Especial 1, 2 e 3, Especial de Interesse cultural e ampla Área de Proteção Ambiental à nordeste.

Cabe-se ressaltar a Zona Especial 2 de normatização do uso e ocupação do solo no entorno dos aeroportos pela proximidade desta ao que se deseja ser trabalhado na cidade, sendo seu maior direcionamento quanto ao índice de elevação das edificações.





Leitura do espaço



ESPAÇOS LIVRES DE ENTORNO

Área trabalhada Via trabalhada Praça Pôr do Sol

Figura 53 - Autora, 2024.

DESCRIÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO



● Espaços livres resultantes de excedente de quadras com determinada qualificação:

- 1 . Estacionamento
- 2 . Praça
- 3 . Praça



● Espaços livres qualificados:

- 6 . Praça de bairro
- 9 . Praça de bairro



● Espaços livres sem qualificação:

- 10 . Área livre resultante de excedente de quadra
- 11 . Vazio urbano

Figura 54 - Descrição área de intervenção

A ÁREA

A área central para intervenção é um amplo terreno que contempla duas esquinas, entre as ruas Neto da Cunha Bessa e Afonso Silveira, e em paralelo à rua Edgar Vidal Leite Ribeiro, ligação entre o terreno de trabalho e a praça Pôr do Sol.

A área também abrange o grande canteiro central entre as vias José Bandeira de Melo, Braz Gonçalves Coelho de Rezende e Alaor Teodoro Vilela, ambos os espaços estão hoje em descuido do poder público a ponto de não cumprir seus objetivos de servir à sociedade de maneira ativa e proposital, hoje há uma ocupação noturna e aos fins de semana pela iniciativa privada de um bar no entorno que se utiliza destes como estacionamento (figura 50), via improvisada, e canteiro citado como espaço para mesas. A ocupação irregular privada e por seu público demonstra ali uma carência de atendimento de demandas de lazer e encontro, demonstrando com clareza que onde o poder público falta a própria sociedade e a esfera privada tomam partido de ação para atender-se.

Considerando-se a localização da área trabalhada próxima a outra com potencial super explorado e a demanda demonstrada pela ocupação irregular apresentada junto a necessidade de espaços públicos qualificados na cidade e especialmente em bairros menos atendidos, como os à oeste, Beija-flor, Jardim Imperador e Dom Eduardo.

Figura 55 - Carros ocupando área, autora, 2024.



Áreas trabalhadas

Figura 56 - Autora, 2024.

- Praca Pôr do Sol
- Via trabalhada
- Área trabalhada



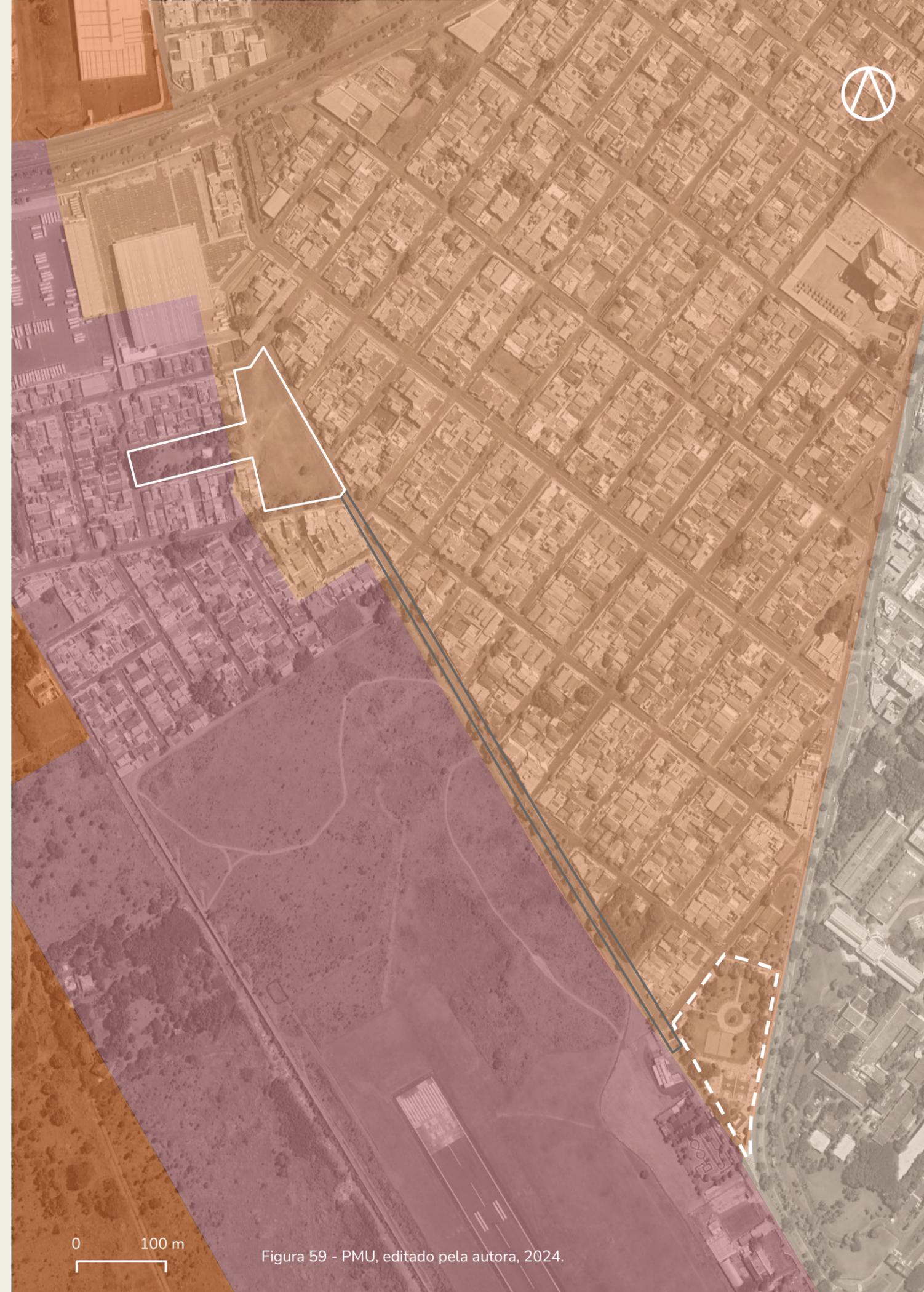
Na figura em destaque temos a Rua Edgar Vidal Leite Ribeiro com 1,03 Km que será objeto de projeto, assim como o terreno de 1,4ha adjacente, ambos espaços livres receberão projetos para sua qualificação enquanto espaços livres.

MACROZONEAMENTO DA ÁREA DE ESTUDO

O terreno linear, escolhido para a conexão entre o projeto e a praça, está inserido na Macrozona de Ocupação Restrita, no interior no cone de ruído do Aeroporto. Conforme o Art. 304 da Lei Complementar nº 359/06, a aplicação da Transferência do Direito de Construir poderá ser realizada nos imóveis próximos ao Aeroporto de Uberaba, a fim de viabilizar a ampliação e/ou melhoria da capacidade operacional do Aeroporto.

Já o terreno escolhido para a proposta do Parque está situado nas macrozonas de Consolidação Urbana, a qual constitui-se pelas áreas nos bairros da cidade, que apresentam condições adequadas de mobilidade, de serviços urbanos e equipamentos sociais, e portanto, são suscetíveis ao adensamento; e de Ocupação Restrita, prevista na Lei do Plano Diretor de Uberaba e situadas no entorno das Estações de Tratamento de Esgoto – ETE's existentes e a serem implantadas em Uberaba, na Área Urbana ou de Transição Urbana prevista na Lei do Plano Diretor de Uberaba, destinadas aos usos diversificados, com as seguintes diretrizes: (NR – LEI COMP. 475/2014).

- | | | | |
|---|------------------------------|--|------------------|
|  | Macrozona de Ade. Controlado |  | Praça Pôr do Sol |
|  | Macrozona de Cons. Urbana |  | Área trabalhada |
|  | Macrozona de Est. Urbana |  | Via trabalhada |
|  | Macrozona de Ocup. Restrita | | |



ZONEAMENTO DA ÁREA DE ESTUDO

A Zona Especial 2 (ZESP2) corresponde à áreas situadas no cone de ruído do Aeroporto de Uberaba, possui médio potencial construtivo e deverão ser considerados os parâmetros de uso para Zona Especial 2 (ZESP 2) e os parâmetros de intensidade para Zona de Comércio e Serviços 2 (ZCS 2), desde que obedecidos os limites máximos de altura definidos na legislação aeroportuária (AC – LC 387/08).

Possui a parte oeste na na citada Zona Especial na Macrozona de Ocupação Restrita e a leste na Zona Residencial 2 na Macrozona de Consolidação Urbana. Possui em seu entorno vias coletoras também classificadas como Zona de Comércio e Serviço 2.

Classes Viárias	Tipo de uso	Afastamentos mín ZR2 e 3, ZCS1 e 2, ZM 1 e 2, ZESP 2, ZEIS2 e AEIC		
		Até 2 pavtos		
		Frontal (comp. da largura do passeio)	Frontal (após comp. da med. passeio)	Laterais e fundos
Vias coletoras	residencial	Complementação da medida de 3,00m na largura do passeio, contada a partir do meio-fio, exceto para ZCS1 e nas áreas já consolidadas anteriormente ao primeiro PD de Uberaba (1991), cuja complementação deverá ser de 2,00m a partir do meio-fio	Sem abert de vão: 0m Com abertura de vãos: 1,5m	Sem abertura de vão: 0m Com abertura de vãos: 1,5m se nos fundos existir compartimento de permanência prolongada: 2m
	demais usos		Com ou Sem abertura de vão: 0m	
	misto		Ver art. 73	

Figura 57 - PMU, Quadro 3, Anexo 2, Lei complementar 287/07.

	Zona Residencial 1		Zona de Comércio e Serviço 2 - Via coletora
	Zona Residencial 2		Zona Especial 2
	Zona Residencial 3		Praça Pôr do Sol
	Zona Mista 1 - Via arterial		Área trabalhada
	Zona Mista 2		Via trabalhada
	Zona de Comércio e Serviço 1		

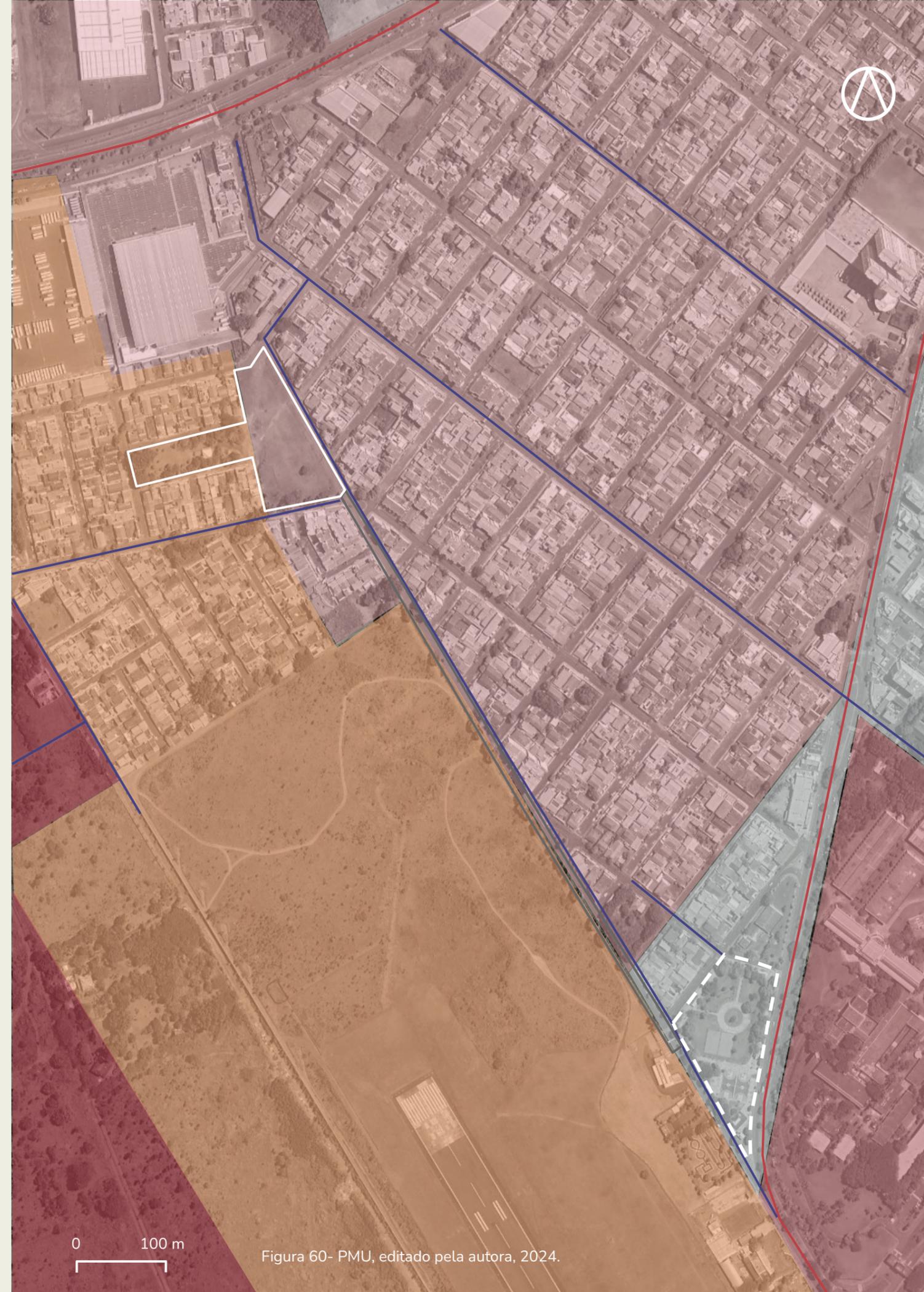


Figura 60- PMU, editado pela autora, 2024.

HIERARQUIA VIÁRIA DA ÁREA DE ESTUDO

A área trabalhada (vermelho) possui cercamento de vias

locais: R. Nelo da Cunha Bessa,

R. José Bandeira de Melo,

R. Alaor Teodoro Vilela,

R. Braz Gonçalves Coelho de Rezende:



E coletoras: R. Afonso Silveira,

R. Edgar Vidal Leite Ribeiro:



E é cercado ainda por vias de alto fluxos e ligação interbairros:

Av. Dona Maria de Santana Borges,

Av. Nenê Sabino:



Figura 61 -Vias de acordo com a hierarquia viária. 121



Figura 62 - PMU, editado pela autora, 2024.

TRANSPORTE PÚBLICO

A cidade conta com sistema de terminais que se localizam em pontos estratégicos, para isso os ônibus se dividem em atender ao sistema BRT ligando os vetores, e em linhas convencionais que levam dos bairros à eles e avenidas.

Na região estudada são encontrados quatro tipo de paradas: a primeira sem mobiliário e, por vezes, sem de sinalização; a segunda com ponto antigo e sem manutenção;



A terceira possui ponto em bom estado:



A quarta se trata das estações para BRT:



- Santa Maria | Uniube
- Parque das Laranjeiras
- Cássio Rezende | Uniube
- Interbairros 1
- Pontal via Hospital Universitário
- Vetor | BRT
- Paradas de ônibus
- Praça Pôr do Sol
- Área trabalhada
- Via trabalhada

Figura 63 -Pontos de transporte coletivo. 123



Figura 64 - Bus2, editado pela autora, 2024.

CICLOVIAS NO ENTORNO DA ÁREA DE ESTUDO

As vias arteriais circundantes à área trabalhada possuem certo atendimento ao público não motorizado de ciclistas, por uma ciclovia na Av. Dona Maria de Santana Borges e uma ciclofaixa na Av. Nenê Sabino que possui funcionamento exclusivamente em domingos e feriados para ampliar a proposta de locomoção urbana em momentos de lazer.



Ciclovia



Ciclofaixa dominical

Área trabalhada

Praça Pôr do Sol

Via trabalhada

Figura 65 - Ciclovia no bairro Olinda e entorno, autora, 2024.
Figura 66 - Ciclovia na área trabalhada, autora, 2024.



Figura 67 - Autora, 2024.



Rua trabalhada
Figura 68 - Autora, 2024.



Área trabalhada

Figura 69- Autora, 2024.

Área trabalhada

● ARBORIZAÇÃO EXISTENTE

É notável que a área e a rua de trabalho são discrepantes em arborização diante o bairro como um todo, ainda sim seu aumento é primordial na qualificação de ambos.



Figura 70 - Autora, 2024.

USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

A ocupação dos terrenos de entorno da área de projeto contempla principalmente o uso residencial como é característico do bairro Olinda mas possui ainda considerável número de imóveis destinado ao uso de comércio ou misto deste com o uso residencial.

Em sua proximidade também há um uso institucional da escola técnica EFOP (figura 57) e o uso territorial por uma pequena praça - Praça das Violetas - inserida para a correção de um excedente de terreno da quadra a qual não possui infraestrutura para ocupação ou manutenção (figura 58). Também é notável a existência de sete vazios urbanos na área coletada.



- | | |
|---|---|
|  Uso Residencial |  Uso Territorial |
|  Uso Comercial |  Áreas verdes |
|  Uso de Serviços |  Vazio urbano |
|  Uso Misto 1 (Res-Com) |  Via trabalhada |
|  Uso Misto 2 (Ser-Res) |  Área trabalhada |

Figura 71- Autora, 2024.

Figura 72 - GoogleMaps, 2024. ¹³⁰



GRADAÇÃO DE SEGURIDADE

O projeto dos espaços será feito buscando locar os usos garantindo melhor visibilidade, acesso e segurança para seu público fim, no parque Sol foi priorizado o convívio social de indivíduos e famílias, priorizando diversas idades, como na escolha de usos como o playground, campinho de futebol e uma caminho interno para a prática do ciclismo a fim de gerar a apropriação do lugar pelas crianças.

Figura 73 - Autora, 2024.



GRADAÇÃO DE RUÍDOS

Avaliou-se ruídos pelo uso dos terrenos, classificação e movimentação das vias que diretamente afetam a área de projeto. As vias coletoras possuem uma produção mais elevada de ruídos, assim como a edificação em azul que abriga um hipermercado com barulhos de veículos, pessoas e música.

Em laranja uma escola técnica que á noite produz sons de pessoas e sinais, junto às vias Nelo da Cunha Bessa (à noroeste), Dona Helena Abrão e Jonas de Carvalho (à sueste) por possuir maior movimentação de veículos dados seus acessos a vias coletoras que as demais vias locais de baixo ruído, são postas como fontes intermediárias de ruídos.

Figura 74 - Autora, 2024.

DADOS CLIMÁTICOS

GRÁFICO CLIMATOLÓGICO

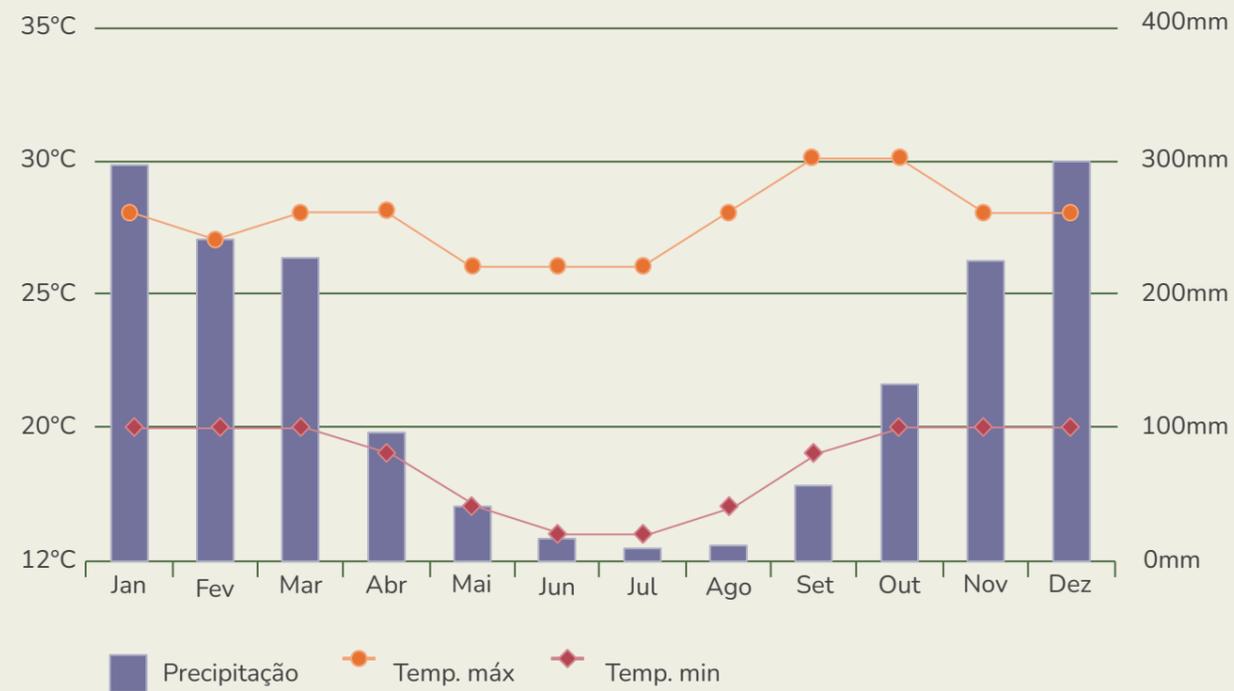


Figura 75: Climatempo, editado pela autora.

Em relação ao dados climáticos da cidade que será realizada a intervenção, Uberaba, percebe-se uma maior precipitação entre os meses de Novembro a Março, em contraponto aos meses de Maio a Agosto, que possuem os menores índices. Influenciado por esta menor precipitação e umidade neste período também é possível perceber uma maior disparidade entre as temperaturas máximas e mínimas.

Ao se analisar a rosa dos ventos da região, é possível perceber uma predominância dos ventos nordestes em relação ao restante, o que indica não apenas maiores períodos de incidência de ventos, mas também maiores velocidades de correntes de ar vindas neste sentido, por fim é possível ver que os ventos noroeste são os com menor incidência.

CARTA SOLAR

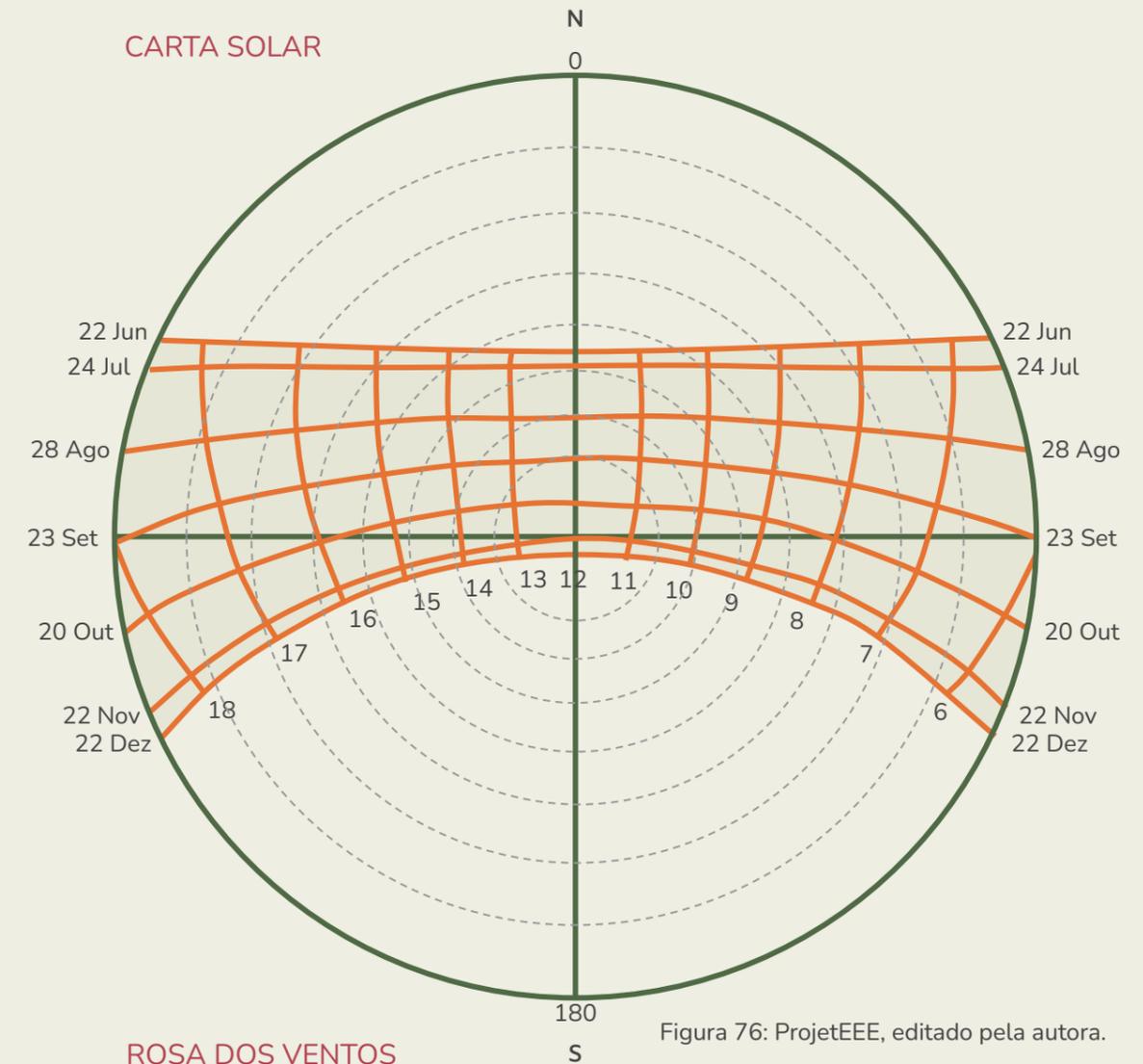
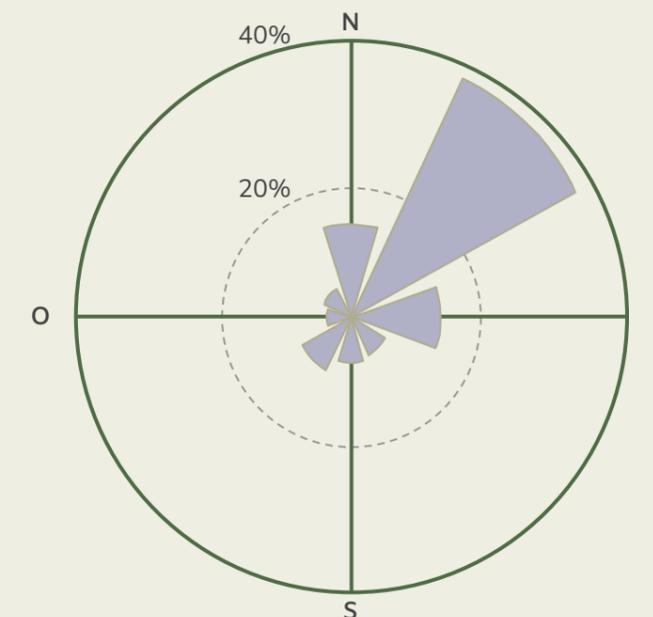


Figura 76: ProjetEEE, editado pela autora.

ROSA DOS VENTOS



Quanto a insolação, é possível perceber uma predominância da insolação norte, com uma quantidade de momentos menores vindas do sul. Além disso é possível ver os meses de Junho e Julho como os meses com os maiores ângulos de incidência dos raios solares.

Figura 77: ProjetEEE, editado pela autora.

PÚBLICO DEMANDANTE

	Minas Gerais	Uberaba
População total	20.539.989	337.836
População masculina	9.641.877	144.461
População feminina	9.955.453	151.527
Proporção da população no total da Região Urbana (%)	100,00	1,645
Idade mediana	30	34
Área (km²)	586.513,983	4.523,957
Área urbanizada (km²)	4.699,69	98,72
Percentual de área urbanizada (%)	0,801	2,182
Densidade demográfica (hab/ha)	35,02	74,68

Figura 78 - IBGE, Censo Demográfico 2022.

Na análise dos dados demográficos para se entender o cidadão mineiro, e principalmente uberabense cabe-se identificar a dimensão de sua população sobre seu território principalmente urbanizado. Uberaba salienta-se assim como um território muito adensado, quando comparado a Minas Gerais, de jovens adultos com leve predominância feminina.

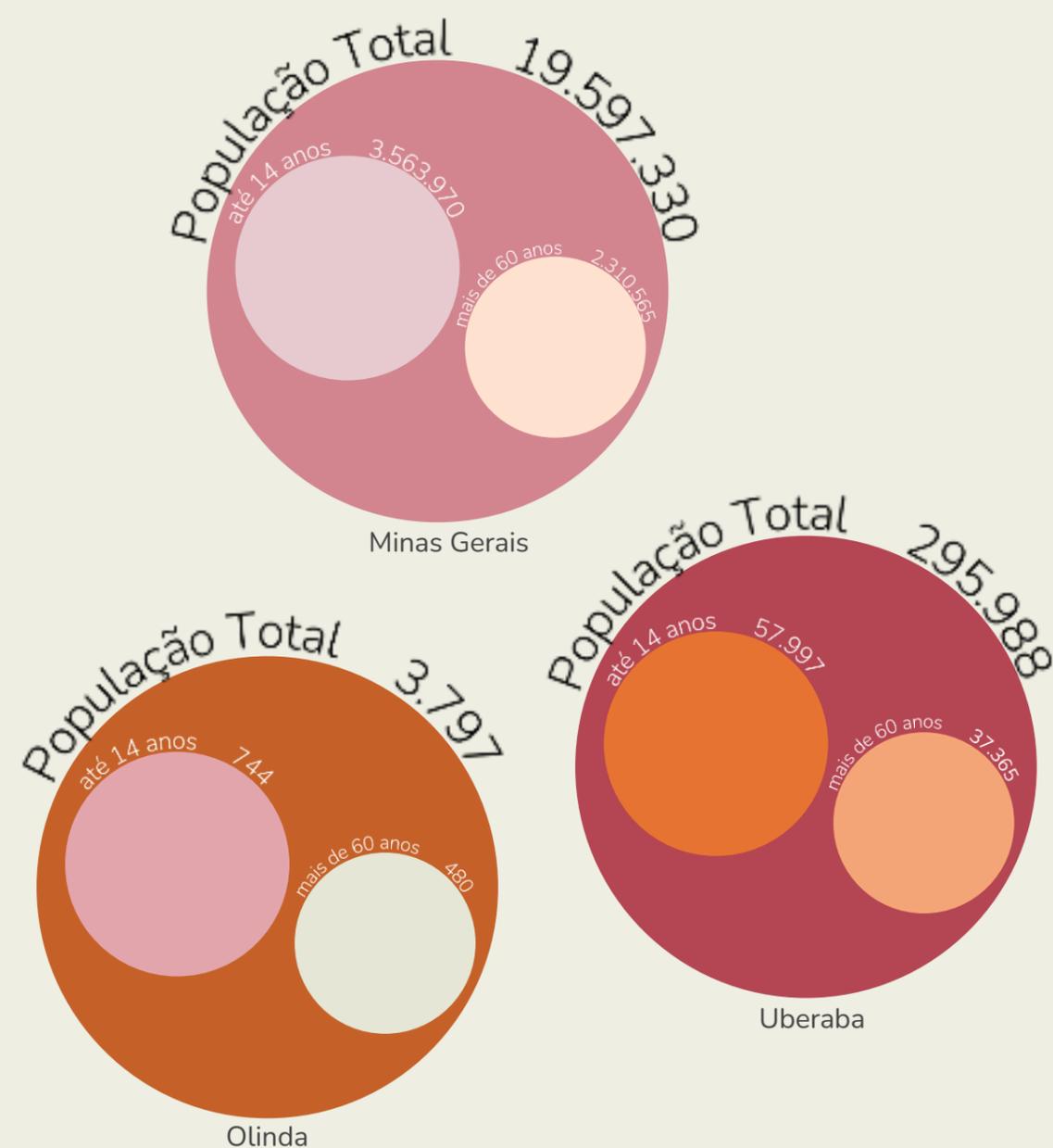
Como referência o panorama estadual, mesmo o município possuindo maior rendimento nominal *per capita*, seus índices de educação, empregabilidade e desenvolvimento se deparam abaixo na média.

	Minas Gerais	Uberaba
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) [2021]	6	5,7
População ocupada (%)	61,9	30,89
Índice de Desenvolvimento Humano (IDH); Municipal (IDHM)	0,774	0,772
Rendimento nominal mensal médio <i>per capita</i> (R\$)	2.489	3.671

Figura 79 - IBGE, Censo Demográfico 2022.

População total, até 14 e com mais de 60 anos

Figura 80 - IBGE, Censo Demográfico 2010, bairro calculado pela autora.



Com base nas quantificações do Censo de 2010 e seguindo a proporcionalidade para atribuir dimensões numéricas às populações estudadas é possível estabelecer uma determinância das populações idosas e infantis nos panoramas populacionais de Minas Gerais, Uberaba e finalmente, no bairro Olinda, o que demonstra uma demanda por essas populações de espaços qualificados para tantas.

CONTATO COM MORADORES

O que acha do seu bairro e de seus espaços livres?

ESPAÇOS

R: Nosso bairro nos finais de semana fica lotado em especial a área da praça principal, ela tem seu charme, porém já exigindo uma melhoria de estrutura urgente.

VERDES

R: Bom, apesar de não ter muitas opções de lazer e comércio.

Quais seus aspectos positivos?

R: O bairro é relativamente plano, sem ladeiras íngremes.

PESSOAS

R: É um bairro universitário, grande circulação de pessoas, bairro de ligação entre bairros de moradia com bairros industriais, servindo de travessia de trabalhadores além do fluxo de moradores e estudantes.

Um aspecto negativo?

CONTEMPLAÇÃO

R: Faltam espaços verdes para contemplação e distração.

Apesar de calmo, o bairro Olinda é um bairro residencial e com muitos universitários, com movimentação noturna diária, necessitando de uma atenção especial na iluminação pública.

INFRAESTRUTURA

R: A circulação de ônibus não irriga todo o bairro, passa pelas avenidas que o circundam mas não possui pontos em seu interior, os moradores que se situam mais no centro do bairro precisarem se deslocarem por uma distância maior para chegar aos pontos de ônibus.

Há espaços qualificados para o lazer?

ILUMINAÇÃO

R: Espaços de lazer e distração são insuficientes, os poucos que tem são concorridos ou sem equipamentos adequados.

R: A praça Pôr do Sol tem um fluxo grande de visitação, possui excessiva quantidade de containers que abrigam serviços de alimentação (lanche, espeto, água de coco, pastel e etc); tem uma estrutura precária equipamentos destinados ao lazer e ao esporte (duas quadras, uma área de areia e alguns equipamentos de ginástica).

LAZER

COMÉRCIO

De interação social? O que falta neste aspecto?

R: A praça principal está abarrotada de comerciantes, em uma simples caminhada se embaraça em mesas e cadeiras.

R: A comunidade do bairro e circunvizinhos aproveitam o espaço público para a realização de eventos culturais, esportivos e de saúde, promovidos por órgãos diversos, em virtude da grande circulação de pessoas, mas não tem muito espaço físico para abrigar estes tipos de promoções, tem um tumulto de atividades ao mesmo tempo e no mesmo lugar.

Tem o hábito de andar a pé ou de bicicleta pelo bairro?

VIAS

R: Tenho o hábito de andar de bicicleta, mas o espaço para você andar é perigoso e o pavimento das vias está grosso, precisando de melhorias e pinturas.

R: Não muito, não tem nada muito perto por isso mais o carro.

CULTURA

Qual a situação das calçadas? Tem boas condições para o trânsito de pedestres ou ciclistas?

R: Os passeios do bairro, precisam de um atenção também dos moradores, para evitarmos acidentes.

QUALIDADE DE

VIDA

R: Foi definido uma ciclovia improvisada, utilizada nos finais de semana na avenida de frente da praça/universidade, a vias urbanas e as calçadas não tem boa conservação e não oferece boas condições de circulação para os pedestres e ciclistas.

Acredita que uma intervenção urbanística nesses aspectos, melhoria a convivência, dos moradores, da região e até da cidade?

SEGURANÇA

R: Acredito que a expansão de área de convivência da comunidade do bairro traria qualidade de vida às pessoas, espaço de caminhada ou bicicleta com segurança, mais opções de equipamentos de esporte, lazer, cultura e infra-estruturas.

CRIANÇAS

R: Acho que inserir locais e estruturas que pudessem abrigar atividades diferentes, como para crianças e apresentações deixariam o bairro mais completo para a população.

DIAGNÓSTICO DOS ESPAÇOS LIVRES

FIXOS E FLUXOS CONSOLIDADOS NO ESPAÇO

A partir do estudo do espaço, foi possível notar que os pontos fixos geradores e atratores de fluxo de pessoas, dentre eles os supermercados na av. Dona Maria de Santana Borges, a universidade UNIUBE, a escola técnica EPOP, e a praça Pôr do Sol e o bar do Tomate, que estão localizados em torno direto do terreno trabalhado.

Por esses pontos são gerados um fluxo grande de estudantes na av. Nenê Sabino, intermediário na Av. Afrânio Azevedo, e um fluxo de ciclistas nas avenidas, por conta da presença de ciclovias e ciclofaixas, além de um fluxo menos intenso pelas vias locais do bairro, ainda um fluxo de pessoas nas avenidas e no entorno do bar do terreno a ser trabalhado.

Em contrapartida, foi percebido uma falta de movimentação de pedestres na av. Edgard Vidal Leite Ribeiro, principalmente durante à noite, pela sensação de insegurança causada pela iluminação desqualificada em consonância com a pouca movimentação de pessoas, dado ao grande terreno vazio ao lado e também a presença de muitos ônibus escolares estacionados na região aguardando os estudantes de municípios vizinhos que deslocam até Uberaba todos os dias para estudarem.

Fixos	Fluxos
 Praça Pôr do Sol	 Alto de estudantes
 Bar do Tomate	 Médio de estudantes
 Faculdades	 Ciclistas
 Escola	 Ônibus à noite
 Supermercado	 Não fluxo por insegurança
 Área trabalhada	 Pessoas em lazer

Figura 81 - Mapa síntese de consolidados do espaço, autora, 2024.





Figura 82- Autora, 2024.

FIXOS E FLUXOS CONSOLIDADOS NO TERRENO

Fixos

● Bar do Tomate



● Espaço Infantil



● Estacionamento de veículos para o bar



Fluxos

Caminhos de pedestres



Caminhos de veículos



Figura 83- Autora; GoogleMaps, 2024. 142

ADVERSIDADES

Locais Sistêmicas

em Uso e Ocupação do solo	Terreno amplo e em boa localização em subutilização.	<input checked="" type="radio"/>
	Ocupação irregular e privada do terreno.	<input checked="" type="radio"/>
	A pouca quantidade de serviços e comércio do bairro não atende às demandas da população.	<input type="radio"/>
	Subutilização de espaços livres, a via e sua praça.	<input type="radio"/>
em População e Demandas	Quantidade e qualidade de espaços livres verdes e de lazer não suprem às demandas da população.	<input type="radio"/>
	Falta de espaços com infraestruturas apropriadas para atender atividades infantis, culturais de contemplação.	<input checked="" type="radio"/>
	Insegurança de usar a R. Edgar Vidal Leite Ribeiro a noite dado sua má iluminação, falta de movimentação de pessoas, e bloqueio da visão da calçada por ônibus estacionados.	<input type="radio"/>
em Mobilidade Urbana	Ruas com tamanhos irregulares, pavimentação degradadas e sem demarcação de faixas.	<input type="radio"/>
	Vias que priorizam automóveis e não a acessibilidade.	<input type="radio"/>
	Ciclovias desconectadas entre si e com espaços livres.	<input type="radio"/>
em Mobiliário Urbano	Paradas de ônibus com pontos ausentes ou degradados.	<input type="radio"/>
	Pouca vegetação em espaços livres, pouquíssima em vias.	<input type="radio"/>
	Iluminação pública insuficiente para a escala humana.	<input type="radio"/>

POTÊNCIAS

Locais Sistêmicas

em Uso e Ocupação do solo	Terreno amplo para a qualificação do espaço livre.	<input checked="" type="radio"/>
	Grande potencial de ocupação visto que a esfera privada o tem feito.	<input checked="" type="radio"/>
	Fixos que geram fluxo de pessoas, como escola e mercado.	<input checked="" type="radio"/>
	Via com potencial de espaço livre de lazer.	<input type="radio"/>
	Proximidade a terrenos com uso de comércio e serviços.	<input checked="" type="radio"/>
	Ocupação majoritariamente residencial, alta densidade.	<input checked="" type="radio"/>
em População e Demandas	Praça próxima com grande ocupação e público.	<input type="radio"/>
	População significativa infantil demandante de espaços.	<input checked="" type="radio"/>
	Localização entre bairros, atendendo diversos públicos.	<input checked="" type="radio"/>
	Demanda de lazer, contato social e ambiental.	<input type="radio"/>
em Mobilidade Urbana	Grande fluxo de pessoas, ciclistas e automóveis na região.	<input type="radio"/>
	Proximidade a pontos de ônibus e ciclovias, assim como vias de conexão intra e entre bairros.	<input checked="" type="radio"/>
em Mobiliário Urbano	R. Edgar Vidal Leite Ribeiro com frondosas árvores que geram sombra, além de possuir uma vista do pôr do sol.	<input type="radio"/>

An architectural rendering of a public park at dusk. The scene features a winding light-colored path through lush green landscaping. In the center, a fenced-in sports court with a net is visible, with several figures playing. A large palm tree stands prominently in the foreground. To the right, there are trees with bright yellow flowers. In the background, a modern building and a body of water are visible under a dramatic, cloudy sky. A red diagonal graphic element is present in the bottom-left corner.

Construção de
um Lugar Público

REFERÊNCIAS PROJETUAIS - RUA JARDIM

LA RAMBLA

É uma das principais artérias de Barcelona, Espanha, e um dos lugares mais conhecidos da cidade. Com 1,2 quilômetros, ela conecta a Plaça Catalunya, ao norte o antigo porto da cidade, ao sul da mesma imagem, sendo um eixo cultural, comercial, artístico e social de ligação.

A rua passou a ser sistematicamente desenvolvida em uma espécie de avenida arborizada no final do século XVIII. Ficou conhecida por sua vida ativa e por ser um local animado e com grande quantidade de comércios, por isso ela e suas ruas adjacentes ficaram conhecidas como "Las Ramblas".



A via se destaca pela priorização da escala humana, o que é palpável por sua atratividade à turistas, por exemplo. Ademais, possui marcos físicos, visuais e esculturais, como ilustrado pelas imagens A, D e E da figura 66; e comerciais, como a Feira das Flores na imagem C; que junto ao espaços de início e fim do percurso, corroboram pelo interesse e permanência no eixo urbano na formação de um sistema de espaços livres coeso e consolidado.

Figura 84 - Mapa Las Ramblas, Wikimedia.

Figura 85 - Imagens das partes das vias, Barcelona Tourist Guide.



ORLA DO PORTO GERAL

A Orla Portuária Rüter Cunha de Oliveira se localiza no município de Corumbá, Mato Grosso do Sul, entre o Casario do Porto e o Rio Paraguai, sendo um amplo e linear calçadão que permite a contemplação do conjunto de seu entorno.

O espaço contém um chafariz circular, ilustrado na figura abaixo, mobiliário, mirante para o rio, figura 66, além de atender a população com alimentação por carrinhos de alimentos que ficam abaixo das árvores, em uma faixa da via.

Apesar de ser amplamente utilizada pela população da cidade e por turistas, sua revitalização está em voga há anos para se fazer mais eficiente e harmônica para o local, como o Projeto Orla de 2012 e com participação do IPHAN e da UFMS.

Figura 86- Chafariz da Orla, Regina Candido.
Figura 87 - Região do Porto Geral, O Pantaneiro.
Figura 88 - Mirante da Orla, Clube Candeias.



A Orla é interessante como equipamento de lazer e espaço livre urbano ao conectar dois marcos, um histórico cultural e outro natural, de forma a utilizar do vazio como elemento de destaque à esses, e do ocupado e sombreado como aproximação e conforto à escala humana, oferecendo conjuntamente infraestrutura e comércio.



HIGH LINE

Foi construída na década de 1930, em Nova York, como linha de trens de carga e em 2003 convertida em parque público por James Corner Field Operations e Diller Scofidio + Renfro. Após mais de seis anos de trabalho, o projeto transformou a estrutura linear em um espaço urbano elevado.

As três seções do parque proporcionam uma experiência única por suas vistas panorâmicas do Rio Hudson e do horizonte da cidade, sendo um respiro das ruas movimentadas. O projeto ainda inclui mais de uma dúzia de pontos de acesso ao elevado, cada um com elementos distintos para atrair visitantes, como decks, áreas molhadas, gramados abertos e mirantes.

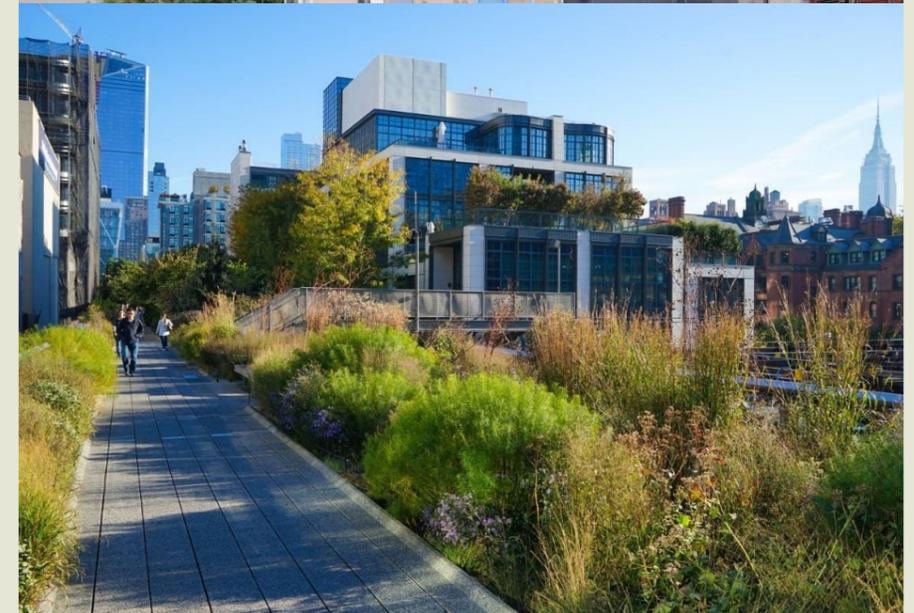
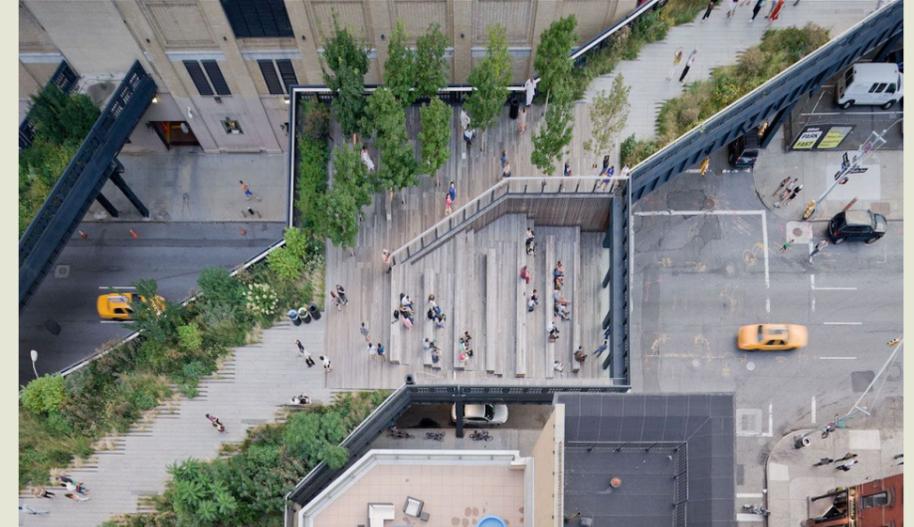
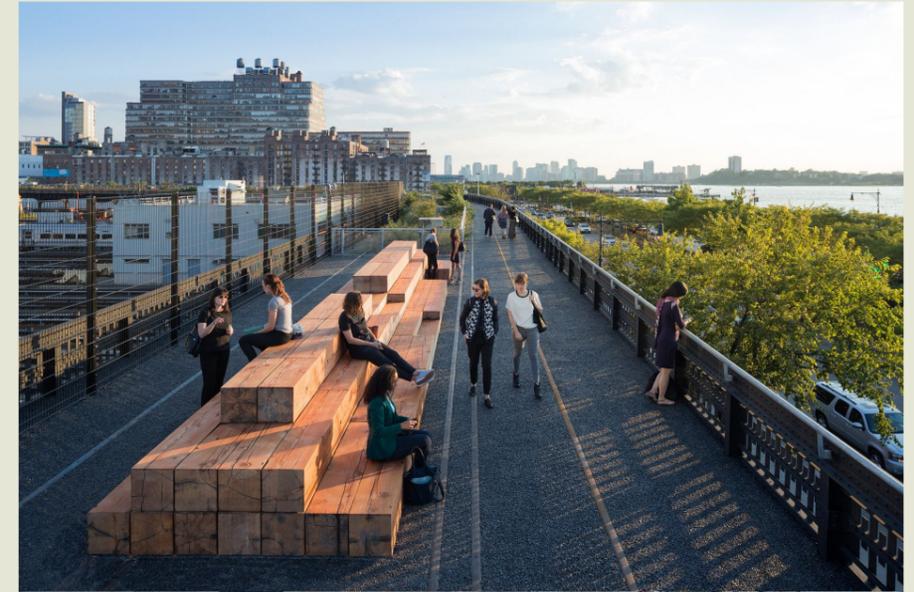
O paisagismo utilizado inspirou-se na paisagem selvagem que emergiu após o abandono da linha ferroviária, figura 00, utilizada uma pavimentação que promove o crescimento natural, criando uma paisagem "sem caminhos" onde as pessoas se aproximam do verde, o que o torna um ambiente múltiplo, flexível e convidativo, e permite que o público explore e desfrute do parque de maneiras diversas, buscando uma harmoniosa integração da arquitetura da cidade, natureza e a atividade humana.

As características projetuais e de uso do parque linear destacam-se pelo espaço livre ser um sistema dentro de outro ao ligar áreas e pontos distintos da cidade enquanto oferece usos de contemplação do ambiente a céu aberto, da cidade, e do verde, gerando uma interação das pessoas em tais escalas.

Figura 89 - Arquibancada com vista ao Rio Hudson, Iwan Baan.

Figura 90 - Mirante urbano, Iwan Baan.

Figura 91 - Vegetação nativa no High Line, Iwan Baan.



REFERÊNCIAS PROJETAIS - PARQUE DE BAIRRO

PARQUE DA ACLIMAÇÃO

O Parque da Aclimação, com seus 112 mil m², oferece um ambiente calmo, que contrasta com a agitação de São Paulo, onde funcionou um antigo zoológico.

Hoje é popular para moradores da Liberdade e Aclimação, atraindo visitantes para a prática esportiva para de corridas e caminhadas, e momentos de tranquilidade e lazer ao ar livre, o que atende também famílias, pelos parquinhos, mobiliários como bicicletários e bancos, e oportunidade de observação de pássaros.



Apesar de sua grande escala por conter espaços como o lago e o bosque, figura 99, o parque inspira por acolher a atividade de contemplação ao possuir mobiliários e áreas próprios, como a Pérgola, figura 88, o Pier e o Jardim Japonês. Além disso, atende públicos diversos, como o infantil ao possuir quadras bem equipadas, figura 11, e três playgrounds.

Figura 92 - Mapa do Parque da Aclimação, Prefeitura SP.

Figura 93 - Espaço Pérgola, Monique Renne.

Figura 94 - Quadras de futebol, Monique Renne.

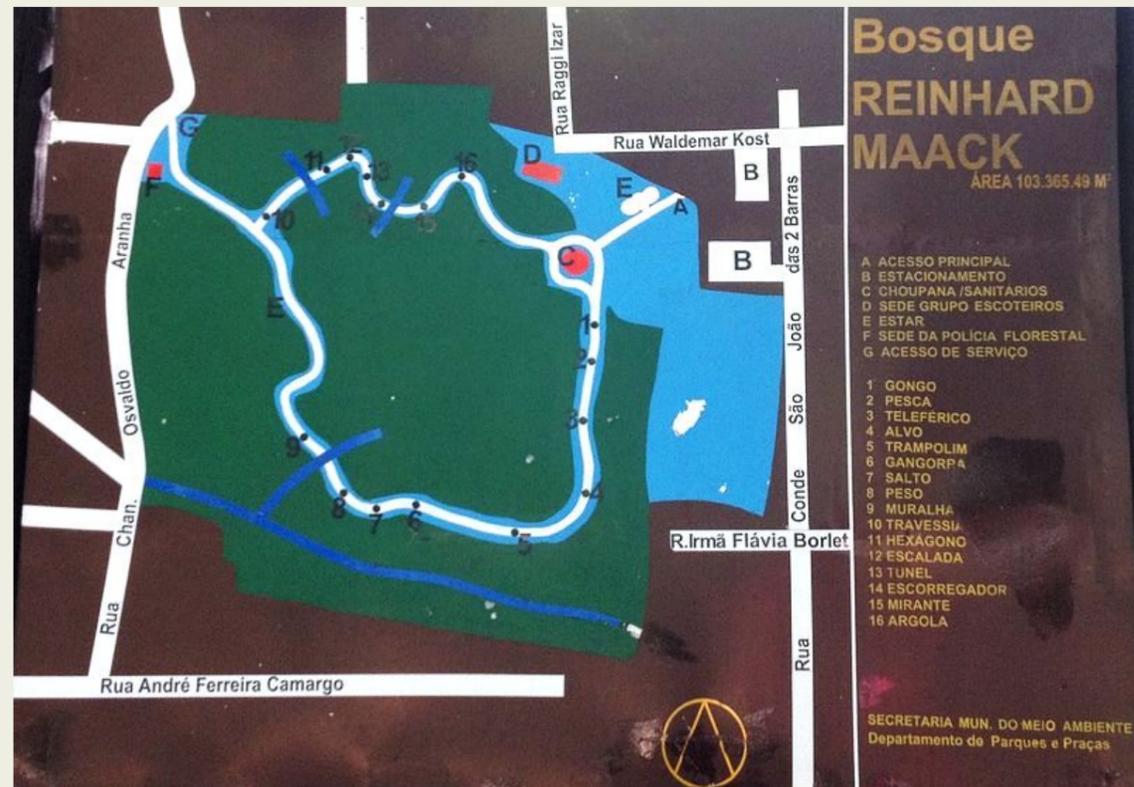


BOSQUE MUNICIPAL REINHARD MAACK

Situado em Curitiba, Paraná, o bosque principalmente utilizado pelos moradores da cidade, é uma área que fomenta a educação ambiental com exposições sobre a fauna e flora local dada sua biodiversidade nativa, com remanescentes de Floresta Ombrófila Mista.

O bosque oferece trilhas para caminhada, áreas para piquenique, playgrounds e espaços para contemplação, com o diferencial da Trilha da Aventura, “um percurso de 900 metros com 16 brinquedos construídos em madeira e materiais rústicos”, nela as crianças se divertem em meio a natureza aprendendo sobre as demais espécies que habitam o local e desenvolvendo habilidades físicas e motoras.

Figura 95- Mapa do Bosque Reinhard Maack, TripAdvisor.
Figura 96- Brinquedos em madeira, XV Curitiba.
Figura 97- Teleférico em madeira, M Cities.



Para além da motivação da preservação e convivência com o meio ambiente, o bosque se destaca de outros espaços livres e de lazer por sua materialidade prioritariamente natural e o foco em atender o público infantil que nem sempre tem suas demandas em destaque, o que atrai não apenas as crianças como seus acompanhantes.

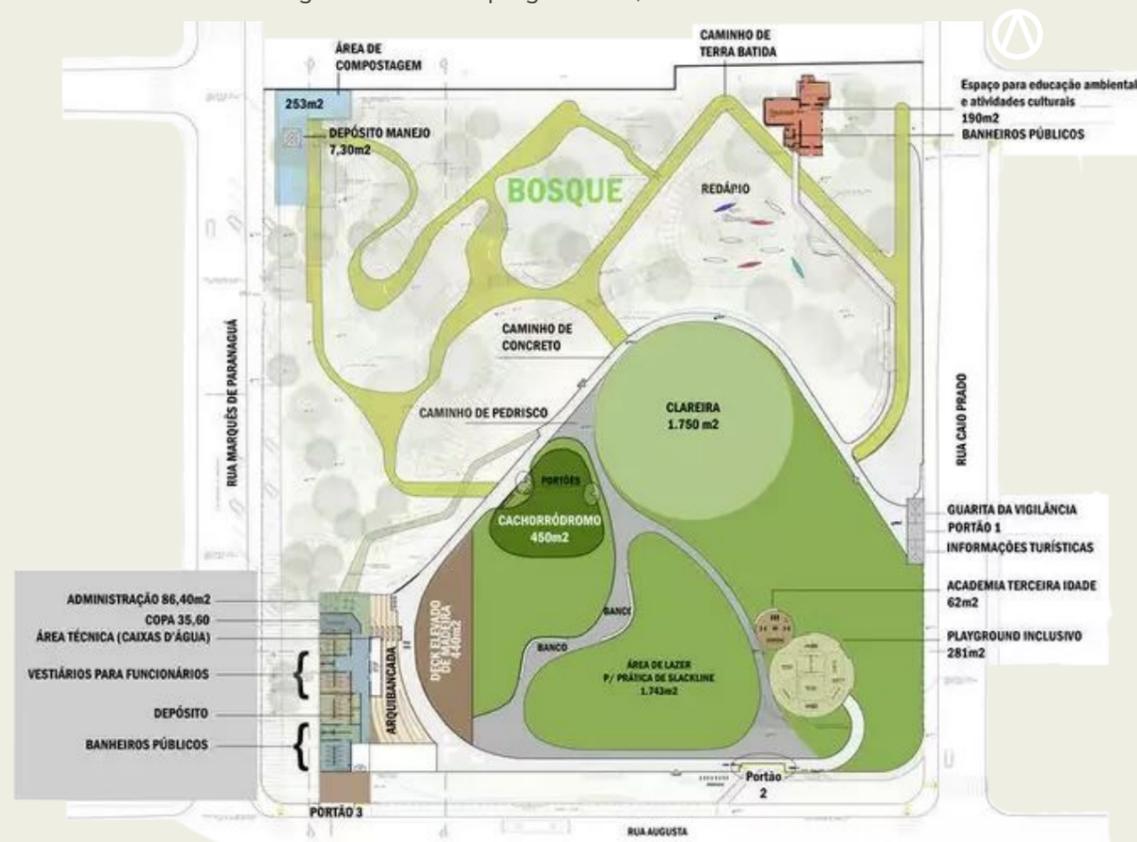


PARQUE AUGUSTA

O projeto de 2021 com a colaboração de SETIN Incorporadora, Cyrela e a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo, no bairro Consolação e com aproximadamente 23.000 m² dos quais 90% são por definição do Plano Diretor de São Paulo.

Projetado pela Kruchin Arquitetura e urbanista Samuel Kruchin, o parque preserva fragmentos históricos como construções do século XX, além de espécies vegetais exóticas e uma variedade de espaços e infraestruturas como “caminhos e passeios, playground inclusivo, cachorródromo, equipamentos de ginástica, sede administrativa, sanitários públicos, arquibancada, deck elevado para apresentações e eventos, trilha, redário e área para prática de slackline”.

Figura 98 - Planta programática, Terra.



O parque se utilizou de usos que fomentam a cultura e a arte como a arquibancada e o deck elevado, figuras 66 e 66, um desenho fluido e claro que colabora para seu uso contemplativo, figura 66, e do atendimento ao público infantil que atrai grande público com um parquinho que se destacou por sua acessibilidade, figura 99.

Figura 99 - Arquibancada, Kruchin Arquitetura.
 Figura 100 - Arquibancada, Kruchin Arquitetura.
 Figura 101 - Foto do projeto executado, Estadão.
 Figura 102 - Parquinho, André Bueno.



PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

JUSTIFICATIVA

Após o entendimento que a vivência humana nas cidades é composta por fixos, onde as pessoas executam a maior parte de suas atividades e fluxos - espaços não edificadas que ligam os determinantes fixos-, e estabelecida em espaços e lugares que se diferem pelas experiências, é pensado um projeto que não apenas ligue pessoas a fixos, mas faça dos fluxos, lugares.

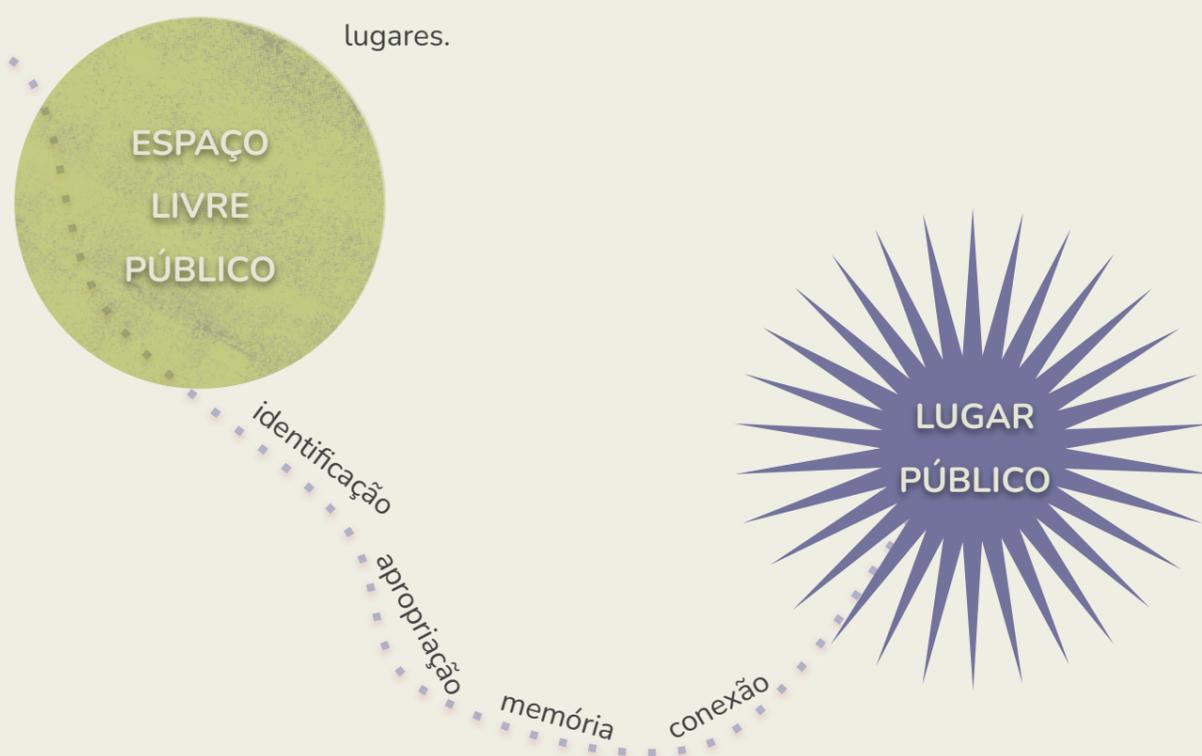


Figura 103 - Justificativa, autora, 2024.

Sob as situações de trabalho e cotidiano estabelecidas que contribuem na dissociação das pessoas, percebe-se que a composição, a qualidade e as características destes espaços livres influenciam e afetam diretamente nas vidas dessas que habitam as cidades, então é proposto uma leitura e entendimento da situação e estruturação desses espaços livres: vias, espaços de lazer, vazios vegetados, entre outros.

(...) Quando não houver esperança
Quando não restar nem ilusão
Ainda há de haver esperança
Em cada um de nós, algo de uma criança

Enquanto houver sol
Enquanto houver sol
Ainda haverá
Enquanto houver sol
Enquanto houver sol

Quando não houver caminho
Mesmo sem amor, sem direção
A sós ninguém está sozinho
É caminhando que se faz o caminho (...)
(TITÃS, 2003).

Como posto pela poesia acima, as dificuldades individuais assim como as demandas coletivas são um só problema cujo dever é social e público e para isso a integração é o caminho, caminho esse que para de percorrer são necessários os espaços livres.

A partir do estudo da cidade de Uberaba, localizada no estado de Minas Gerais, do bairro Olinda, do seu entorno e mais precisamente da região de trabalho, é possível inferir nesse sistema de maneira a consolidar a conexão do espaço projetado a com a Rua Edgar Vidal Leite Ribeiro com a praça Pôr do Sol e suas adjacências, como a Universidade de Uberaba, aeroporto e as praças dos bairros próximos.

CONCEITO

A partir do entendimento conceitual de sistemas de espaços livres e a diferenciação entre espaços e lugares, percebe-se assim, a importância da identificação e apropriação das pessoas por esses espaços para que se tornem lugares.

Para a cidade de Uberaba foi proposta uma intervenção nos sistemas de espaços livres, com foco no bairro Olinda, a partir disso são estabelecidas diretrizes gerais para vias e cruzamentos, além da inserção de projetos específicos, ambos com objetivo de centralidade ao homem e suas relações:

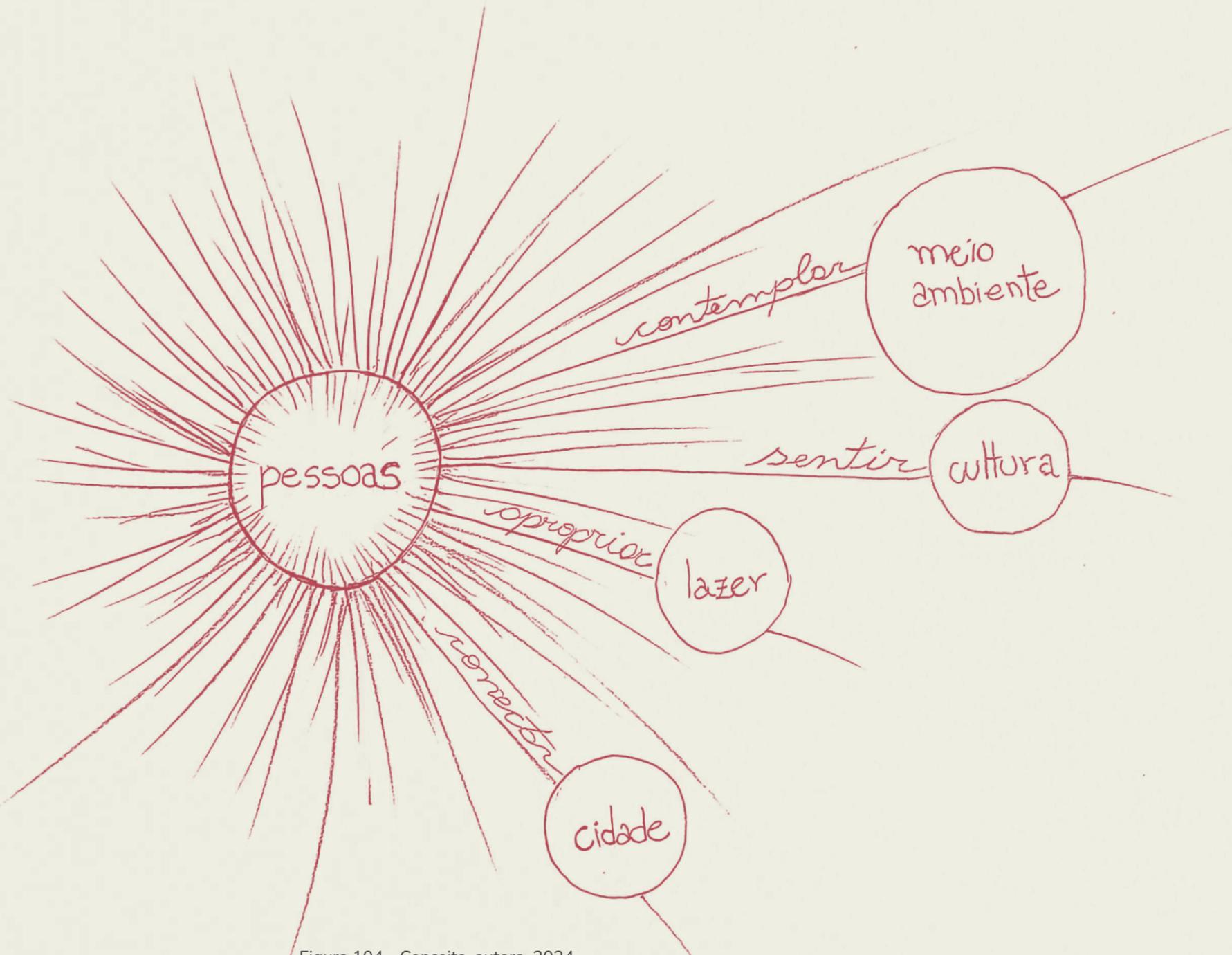


Figura 104 - Conceito, autora, 2024.

No empenho da construção de um sistema de espaços livres públicos que sejam ao mesmo tempo respiro urbano e refúgio social, faz-se a proposta de um parque de bairro, que atenda não apenas aos moradores de entorno (foco imediato), mas como toda população municipal carente de tal estrutura e que ao momento já ocupa a praça Pôr do Sol, o objetivo do projeto é atender às demandas apresentadas pela ocupação irregular da área demarcada e a super ocupação da praça existente, gerando um lugar que corresponda a seu público e à sua cidade à medida que se integre ao restante do SEL a que está inserido por um sistema viário eficiente, seguro e de priorização da escala humana que conecte lugares para pessoas. Para tanto a rua Edgar Vidal Leite Ribeiro também recebe uma proposta de melhoramento e adequação.

Parque de Bairro

É um espaço público destinado a proporcionar recreação, lazer e contato com a natureza, projetados para atender às necessidades específicas da comunidade em termos de tamanho, instalações, necessidades e tipos de atividades oferecidas multifuncionais.

Rua Jardim

Visa criar ambientes urbanos mais ecologicamente benéficos ao promover a biodiversidade, melhor qualidade do ar e espaços de convívio, além de reduzir o tráfego de veículos ao e priorizar pedestres e ciclistas. O objetivo das ruas jardim é transformar o espaço público urbano em áreas mais humanas, saudáveis e agradáveis de se viver e circular.

“A rua-jardim, arborizada, com calçadas gramada [...] se torna o arquétipo, o modelo de espaço público.” (Macedo, 1995)



A partir do entendimento da malha urbana da cidade, de seus fixos e fluxos, faz-se uma proposta sistêmica, para proporcionar a interligação espacial e de propósito dos espaços livres públicos em sua formação sistêmica, com foco no terreno à leste e sua via estruturante.

Figura 105 - Perspectiva de Uberaba, Google Earth, editado pela autora, 2024.

DIRETRIZES
em escala de Espaço

para Uso e Ocupação do solo	Qualificação da via como espaço livre, Rua Jardim e adjacentes. Incentivo do aumento da ocupação por comércio e serviços por meios fiscais e da instalação desses serviços na via trabalhada.
para População e Demandas	Qualificação e conexão dos espaços livres para que eles possam de fato gerar lazer, contato social e ambiental. Conexão entre o parque proposto, a praça consolidada e demais espaços livres de lazer para gerar um fluxo de pessoas no sistema da cidade. Fiscalização pública da ocupação irregular de vias por ônibus e aumento do fluxo de pessoas na rua Edgar Vidal Leite Ribeiro para deixá-la segura para fluxo de pedestres e ciclistas.
para Mobilidade Urbana	Incentivo à fiscalização do condicionamento e pavimentação de vias periodicamente. Regularização das vias e calçadas para atender as escalas humana e de automóveis. Conexão de ciclovias na formação de sistema de espaços livres.
para Mobiliário Urbano	Colocação e qualificação de pontos em paradas de ônibus. Incentivo e plantio de vegetação em vias e espaços livres. Regularização da sinalização e iluminação pública atender às diferentes escalas. Distribuição pela via do excedente de containers alimentícios.

Figura 106 - Quadro de diretrizes, autora.

DIRETRIZES
em escala de Terreno

para Uso e Ocupação do solo	Aproveitamento da área do terreno para instalação de vegetação e espaços diversos. Criação de uma área para alimentação, contemplando o uso atual pelo público que já frequenta o local pelo bar do Tomate. Utilização de desenhos que impeçam a movimentação interna de veículos no parque. Projeto de espaços que sejam chamativos aos passantes, moradores, usuários dos comércios e escolas, e que atendam as demandas levantadas por programa e infraestrutura. Solicitação de manutenção pública do parque e rua jardim proposto, como varrição e limpeza de banheiros pela CODAU.
para População e Demandas	Atendimento à atividades infantis, culturais de contemplação por espaços e infraestruturas apropriadas. Proposta de áreas que contemplem e priorizem diferentes públicos, inclusive o público infantil.
para Mobilidade Urbana	Alteração da parada norte de ônibus da rua Afonso Silveira para instalação de um ponto.
para Mobiliário Urbano	Colocação de mobiliário que atenda os usos do parque projeto.

Figura 107 - Quadro de diretrizes, autora.

MEMORIAL

Com objetivo projetual de gerar integração e apropriação de espaços pelas pessoas na busca de um fazer-se cidadão mais social, participativo e ambientalmente empenhado.

Para a concretização de tais ações é proposto a criação de um parque de bairro, dado a escala do espaço ocioso, conectado com uma praça já ocupada, Pôr do Sol, por uma rua jardim, ambos com princípios de valorização e convívios entre.

Dado a população local e também a frequentadora dos espaços lê-se um público de estudantes, jovens adultos, famílias com crianças, idosos e animais de estimação, a variedade posta classifica-se portanto a priorização de usos mais dinâmicos e diversos para os espaços livres presentes e propostos:

Rua-Jardim	<ul style="list-style-type: none">Circuito com ciclofaixaCalçada ampla e adequadaVegetação sensorialBancos, bicicletário e bebedourosMiranteEspaço para feira livreContainers e mesas de alimentação
Parque Sol	<ul style="list-style-type: none">Campinho de futebolParquinhoCasa da árvorePista de aventurasRelógio solarSolárioRedárioPérgolasJardim de esculturasPraça de alimentaçãoEspaço cultural

Inicialmente a transformação da atual av. Edgard Vidal Leite Ribeiro em uma “rua Jardim” na atual, qualificá-la para atingir seu potencial máximo de atendimento à escala humana, priorizando e preferenciando esse espaço e seus atributos, como: contemplação do pôr do sol, contato com a natureza, prática de esporte e lazer, além da socialização da população que a visita, O melhoramento do espaço se dá a partir de inserção de vegetação, ciclovias, iluminação adequada e mobiliários.

Além da revisão do espaço atualmente denominado praça Pôr do Sol, mais uma vez a intenção é de priorizar o contato social e ambiental pelos visitantes, deixando o comércio em segundo plano, por meio da redução dos containers destinados à alimentação, responsáveis pela subutilização do espaço destinado à praça.

Por fim, propõe-se a intervenção e qualificação de um espaço livre atualmente ignorado pelo poder público, localizado no final da av. Edgard Vidal Leite Ribeiro, que está conectado por meio das vias e ciclovias sistêmicas propostas pela gestão da cidade à praça Pôr do Sol, assim como os outros espaços livres da cidade, Para este terreno é proposto o “Parque Sol”, que busca atender ao público que não é beneficiado pela praça Pôr do Sol, devido sua grande área, proporcionando mais um espaço de convivência à pessoas, como uma maior diversidade, seja da vegetação como dos equipamentos, melhorando a qualidade de vida da população dos bairros do entorno, e da cidade como um todo.

Estrutural	Social / Cultural	Contemp.	Infantil
Sanitários e bebedouros <input type="radio"/>	Praça de alimentação <input type="radio"/>	Redário <input type="radio"/>	Campinho de futebol <input type="radio"/>
Caminhos para pedestres <input type="radio"/>		Solário <input type="radio"/>	Parquinho <input type="radio"/>
Marcos <input type="radio"/>	Espaço cultural <input type="radio"/>	Bancos <input type="radio"/>	Casa na árvore <input type="radio"/>
Ponto de ônibus <input type="radio"/>	Jardins de esculturas <input type="radio"/>	Pérgolas <input type="radio"/>	Pista de aventuras <input type="radio"/>
Bicicletário <input type="radio"/>		Mirante <input type="radio"/>	Relógio solar <input type="radio"/>
Vegetação <input type="radio"/>	<input type="radio"/> Locais <input type="radio"/> Sistêmicas		

Figura 108 - Programa de necessidades, autora, 2024.

PROGRAMA

O projeto dos espaços será feito buscando local os usos garantindo melhor visibilidade, acesso e segurança para seu público fim, no parque Sol foi priorizado o convívio social de indivíduos e famílias, priorizando diversas idades, como na escolha de usos como o playground, campinho de futebol e uma caminho interno para a prática do ciclismo a fim de gerar a apropriação do lugar pelas crianças.

Além disso, a demais população será atendida por uma praça de alimentação confortável, pista de caminhada, academia pública para prática de exercícios físicos, os quais também poderão ser efetuados no espaço de atividades que conterà esses, assim como atividades de fé, artísticas, culturais e sociais, e por um solário que atenderá as necessidades de ócio e apreciação ambiental.

Ainda foi proposto da rua-jardim a colocação de um mirante visto que o local proporciona a melhor vista do pôr do sol, evento que dá nome a famosa praça no entorno.

Para a constituição da área trabalhada denominada Parque do Sol, foram planejados quatro eixos:

- 1) Estrutural: atenderá o espaço e a população aos setores de vegetação, caminhos, pontos focais, pontos de ônibus, bicicletários, sanitários e bebedouros;
- 2) Social e Cultural: praça de alimentação - atendendo aos atuais containers de alimentação, no entanto, de forma compartilhada com o poder público visando desprivatizar o lazer; e Cultural: jardim de escultura;
- 3) Contemplação: redário - descanso e contemplação da natureza (vegetação), solarium - contemplação do ambiente e contato direto com o local - bancos e pérgolas;
- 4) Infantil: parquinho, casa da árvore, campinho de futebol, pista de aventuras e relógio solar, todos pensados em acessibilidade e contato com o ambiente.

A criação do espaço destinado às crianças, se dá na expectativa de atender o máximo à população infantil, que tem alto potencial de ocupação de lugares e é uma grande demanda da cidade, principalmente pela deficiência dessa demanda pela praça Pôr do Sol.

Visando despertar brincadeiras, socialização, esporte e até conhecimento, foi planejado equipamentos comuns como parquinhos, campinhos de futebol e casa da árvore, complementando com a pista de aventuras, local que oferece mais segurança aos usuários e ainda o relógio solar, despertando a curiosidade e a busca do conhecimento.

ESTUDO DE DESENHOS E FLUXOS

HIERARQUIA VIÁRIA PROPOSTA

A área trabalhada mantém-se com entorno de vias locais e as arteriais próximas, porém seu redimensionamento à atender o Anexo III - Parâmetros para Sistema Viário da Lei Complementar 375, junto a priorização da escala humana ao aumentar calçadas ao necessário e cabível no desenho urbano estabelecido.

Quadro 3
Dimensionamento das Seções Transversais das Vias e das Faixas

CATEGORIA DA VIA	Nº DE FAIXAS DE TRÂNSITO (m)	LARGURA FAIXA DE TRÂNSITO (m)	FAIXA DE ESTACIONAM. (m)	CAÇADA (m)	CICLOVIA (m)	FAIXA DE DOMÍNIO (m)
Arterial Primária	2x2	2x3,5	2x2,5	2x6	-	35
Arterial Primária c/Ciclovia	2x2	2x3,5	2x2,5	2x3,5	2x2,5	35
Arterial Secundária	2x2	2x3,5	2x2,5	2x4,5	-	30
Coletora	2x2	2x3	2x2,5	2x3	-	24
Local	2	2x3,5	-	2x2,5	-	12
Ciclovia	-	-	-	-	2,5	-

Fonte: Câmara Municipal de Uberaba, editado pela autora

Uma adaptação foi proposta à via coletora da rua Edgar Vidal Leite Ribeiro, que ao chegar em sua bifurcação com rua Maximiano José de Souza ela tem sua continuidade pela rua José Salge até atingir a avenida Nenê Sabino. Tal proposta é feita com o intuito de priorizar o uso da Edgar Vidal Leite Ribeiro como espaço livre de uso público, possibilitando a mobilidade e uso mais seguros por pedestres e ciclistas.

Para isso haverá uma mudança no sentido das vias paralelas José Salge e Jonas de Carvalho, e na Edgar Vidal Leite Ribeiro à partir da rotatória.

	Vias arteriais		Praça Pôr do Sol
	Vias coletoras propostas		Área trabalhada
	Vias coletoras		Via trabalhada
	Sentido proposto		Sentido atual



Figura 111 - Plano Diretor, editado pela autora, 2024.

TRANSPORTE PÚBLICO PROPOSTO

O transporte público na região atende às medidas máximas entre pontos de 500m, portanto, é proposta a qualificação e implantação de pontos de ônibus com cobertura e assentos, priorizando o conforto de pedestres e usuários.

A parada da Rua Afonso Silveira sentido leste-oeste foi realocada para a frente do terreno de projeto visto não ocupar a calçada do local onde antes estava dado suas dimensões, e trazer visibilidade e fluxo de pessoas à área de projeto.

Ainda sobre transporte público, para a atual ocupação noturna das vias próximas à Uniube e a praça Pôr do Sol para o transporte de estudantes, como ilustrado na imagem, foi proposto o ordenamento da mudança desses para o interior da própria universidade que possui amplo espaço e vagas de estacionamento em seu interior, sendo prioridade a segurança e ocupação das vias por pessoas.



Figura 110 - Bus2, editado pela autora, 2024.

- Pontos de ônibus à serem mantidos
- Pontos de ônibus à serem qualificados
- Pontos de ônibus à serem instalados
- Linhas de ônibus
- Praça Pôr do Sol
- Área trabalhada
- Via trabalhada



Figura 111 - Bus2, editado pela autora, 2024.

CICLOVIAS PROPOSTAS

Como as vias arteriais de entorno do bairro possuem certo atendimento ao público não motorizado de ciclistas, dado as ciclovia na Av. Dona Maria de Santana Borges e ciclofaixa na Av. Nenê Sabino que possui funcionamento exclusivamente em domingos e feriados propõe-se então, para a conectividade das vias destinada à ciclistas mas também dos espaços livres públicos urbanos de Uberaba, na rua Edgar Vidal Leite Ribeiro, via coletora de ligação entre a praça também proposta e a já consolidada Pôr do Sol.

Mudança que cabe-se junto a conectividade geral propostas aos espaços livres da cidade, como observado no norte do mapa chave, onde tem-se a continuidade da ciclovia da Av. Dona Maria de Santana Borges com destino de ligação a Av. Randolpho Borges Júnior que dá acesso ao Parque das Barrigudas, destino conhecido e utilizados pelos ciclistas de toda cidade.



- Ciclovia
- Ciclofaixa proposta
- Ciclofaixa dominical
- Praça Pôr do Sol
- Área trabalhada
- Via trabalhada

Figura 112 - Ciclovias propostas no bairro Olinda e entorno, autora, 2024.
Figura 113 - Ciclovias propostas na área trabalhada, autora, 2024.



USO E OCUPAÇÃO DO SOLO PROPOSTO

É projeto a transformação das duas áreas, de canteiro central e vazio urbano, em um parque de bairro o qual é conferido uso de área verde por seu caráter público, de espaço e acesso livres.

Também é proposta a mudança do caráter de uso dos terrenos de vazio urbano e aqueles em proximidade à área de projeto de estritamente residencial para misto 1 - residencial e comercial - e misto 2 - serviços e residencial -, com exceção de alguns terrenos em esquinas que mantiveram-se residenciais para preservar certa fluidez no trânsito da região.

A escolha da mudança para uso misto deu-se para fomentar os comércios e serviços já existentes na região, mas também para promover maior movimento, visitação e ocupação do espaço localizado em um bairro de caráter majoritariamente residencial, o que acaba conseqüentemente, contribuindo para um acesso facilitado e humanizado das pessoas com os serviços de atendimento às suas demandas cotidianas, e assim, minimizando a necessidade do transporte motorizado em escala intra bairro.

- | | |
|--|--|
| Uso Comercial | Uso Residencial |
| Uso de Serviços | Uso Territorial |
| Uso Misto 1 (Res-Com) | Áreas verdes |
| Uso Misto 2 (Ser-Res) | Vazio urbano |
| Uso Misto 1 Proposto (Res-Com) | Área verde proposta |
| Uso Misto 2 Proposto (Ser-Res) | Uso Institucional proposto |

Figura 114 - Autora, 2024.



Figura 115 - Autora, 2024.

LEITURA ESPACIAL - ESPAÇO LIVRE

O terreno trabalhado possui uma vegetação prévia, porém assim como o bairro Olinda, o que está inserido, sua situação de terreno vazio e subutilizado possui um quantitativo arbóreo menor do que o esperado.

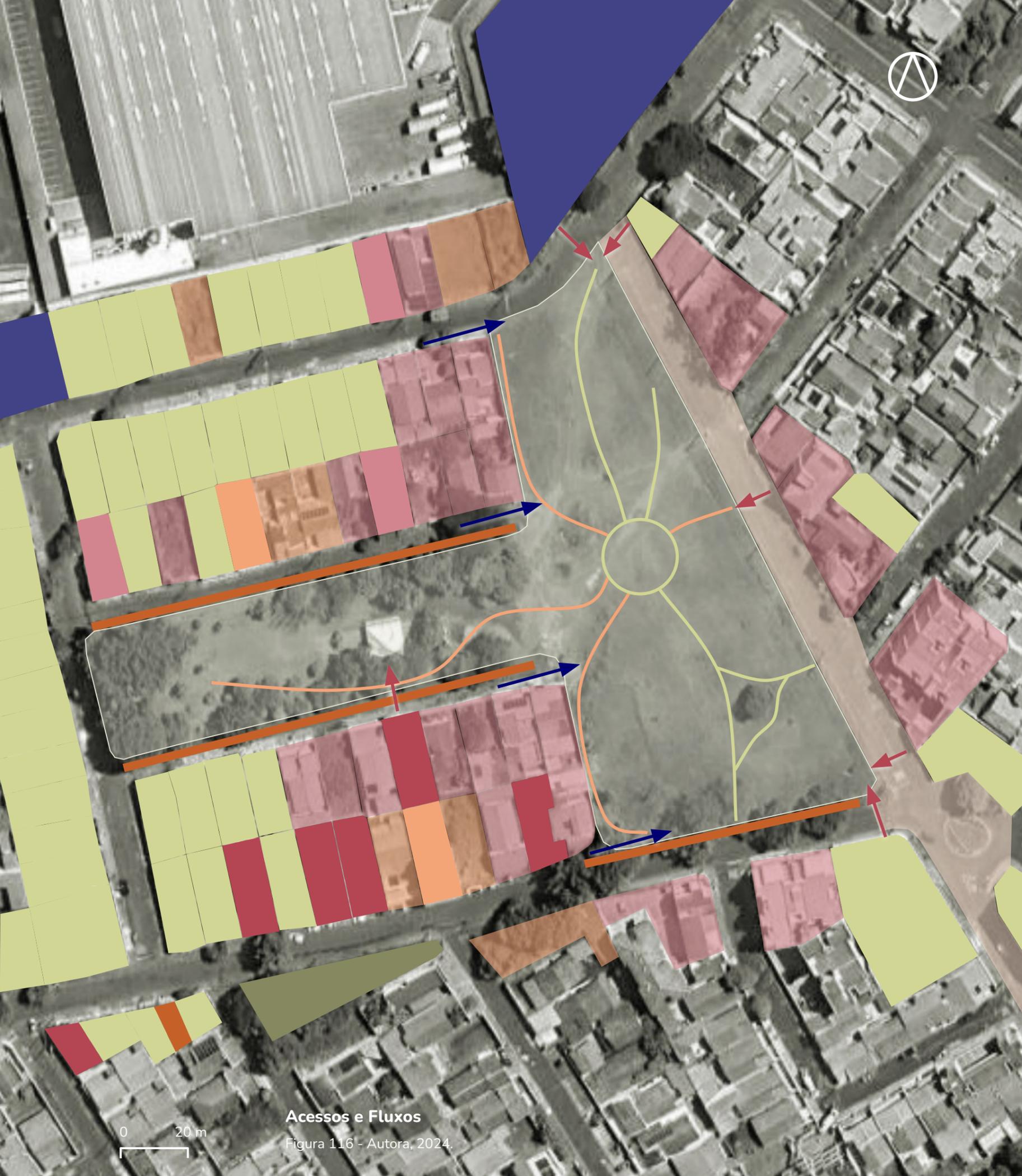
Como marco, possui o Bar do tomate, que fica no entorno do terreno trabalhado, e que possui uma influência direta nesse local com a ocupação da sua parte leste por pessoas, principalmente nos períodos noturnos e finais de semana, a ocupação da sua parte central por veículos além da movimentação desses mesmos veículo pelo terreno, utilizando-o como via e estacionamento, além de área privada de lazer.

De marcos naturais, o terreno possui Ipê Amarelo a sudoeste, e uma grande Mangueira ao centro, enquanto também é possível verificar um fluxo de pessoas de sua lateral Oeste até seu centro, e do seu limite sul ao seu centro novamente.

Por fim, salienta-se as vias coletoras que cercam o local, gerando movimento e fluxo de pessoas e veículos, assim como um ponto de ônibus também presente na Rua Afonso Silveira.

Tendendo assim o potencial do local para a ocupação de pessoas, o fluxo de pessoas e também pela ocupação vegetal, propondo o aproveitamento do fluxo de pedestres e dos Marcos existentes, e buscando impedir a movimentação de veículos no local.

- | | |
|---|---|
|  Fluxo de veículos |  Ocupação do Bar do Tomate |
|  Fluxo de pessoas |  Marco vegetal verde |
|  Vias coletoras |  Marco vegetal Ipê Amarelo |
|  Terreno de trabalho |  Vegetação existente |



ACESSOS E FLUXOS

O espaço público de livre acesso possui calçamento em todo o seu entorno por onde o usuário pode adentrar, assim como pela continuidade de calçada das vias de entorno, pela travessia de faixas de pedestre que o conectam com os demais quarteirões, ou ainda pelas faixas de estacionamento que diretamente acessam a calçada.

Quanto aos fluxos, foram se mantidos os de pedestres agora tidos como principais representados pela dimensão de 3 m, adequado ao fluxo de pessoas, animais, e usuários de bicicleta, skate, entre outros. Na utilização de um desenho de sol que confere uma centralidade ligada à segmentos, têm-se os caminhos secundários que circundam a área de trabalho e os espaços propostos pela dimensão de 2 m.

- ➔ Acesso pedestres por calçada
- ➔ Acesso por faixa de pedestres
- ➔ Acesso por faixa de estacionamento
- Uso Residencial
- Uso Comercial
- Uso de Serviços
- Uso Misto 1 (Res-Com)
- Uso Misto 2 (Ser-Res)
- Fluxo principal consolidado
- Fluxo secundário proposto
- Uso Territorial
- Uso Institucional
- Vazio urbano
- Via trabalhada
- Área trabalhada

Acessos e Fluxos
 Figura 116 - Autora, 2024.



SETORIZAÇÃO JUSTIFICADA

- Campinho de futebol:** local de maior seguridade pelo uso infantil e fácil visualização para atratividade.
- Parquinho:** local de alto fluxo e visibilidade, com média seguridade a ser melhorada por vegetação.
- Casa da árvore:** local com ampla presença de árvores e vegetação, pouco barulhento e com alto fluxo de pessoas.
- Pista de aventuras:** local com que já possui barulho, com alto fluxo de pessoas e visibilidade.
- Relógio solar:** local próximo a entrada principal e locais de permanência de crianças.
- Solário:** ao centro da área para sua total visibilidade, grande fluxo de pessoas e incidência solar para contemplação e estar.
- Redário:** local vegetado, com pouco fluxo de pessoas e médio barulho, com visibilidade de área infantil.
- Pérgolas:** local de alta visibilidade e visualização do campinho, iluminação indireta confortável de permanência.
- Jardim de esculturas:** local sombreado para longa permanência, alta visibilidade para obter atenção.
- Praça de alimentação:** local de alto fluxo, próximo ao restaurante e ocupação consolidado.
- Espaço cultural:** local de alta visibilidade e fluxo, aproveitamento do paredão de divisória do terreno e proximidade ao espaço infantil.



PLANO DE MASSAS

A setorização das áreas determinadas para as atividades propostas se deram por parâmetros sonoros, de seguridade, iluminação, fluxo e visibilidade. Assim como os marcos vegetais existentes delimitaram locais de contemplação, os novos foram inseridos como ferramenta de ponto focal, a vegetação arbustiva ainda foi utilizada como efeito parede no recurso de barreira física entre espaços de atividades infantis e vias.

- | | | | |
|--|------------------------------------|--|-----------------------------|
| | Campinho de futebol | | Barreira física vegetal |
| | Parquinho | | Relógio solar |
| | Casa da árvore | | Solário |
| | Pista de aventuras | | Redário |
| | Jardim de esculturas | | Pérgolas |
| | Praça de alimentação | | Marco vegetal proposto |
| | Espaço cultural | | Marco vegetal existente |
| | Acesso pedestres por calçada | | Fluxo principal consolidado |
| | Acesso por faixa de pedestres | | Fluxo secundário proposto |
| | Acesso por faixa de estacionamento | | Área trabalhada |

0 20 m

Figura 118- Autora, 2024.



PROJETO

IMPLANTAÇÃO - ATUAL

1/5000



IMPLANTAÇÃO - PROPOSTO

1/5000



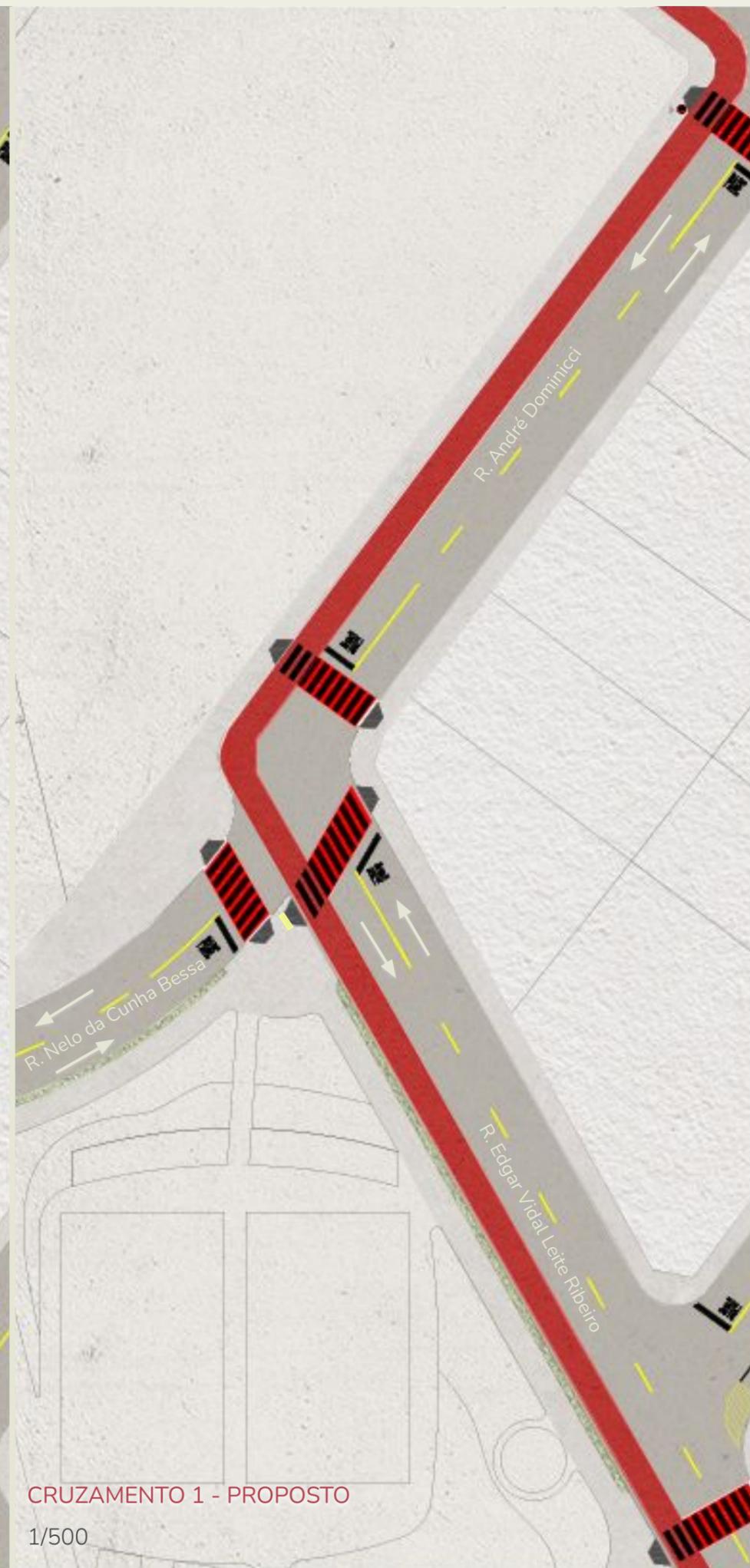
- Regularização de vias
- Acessibilidade
- Priorização de pedestres
- Inserção de ciclovia



Localização
1/10000

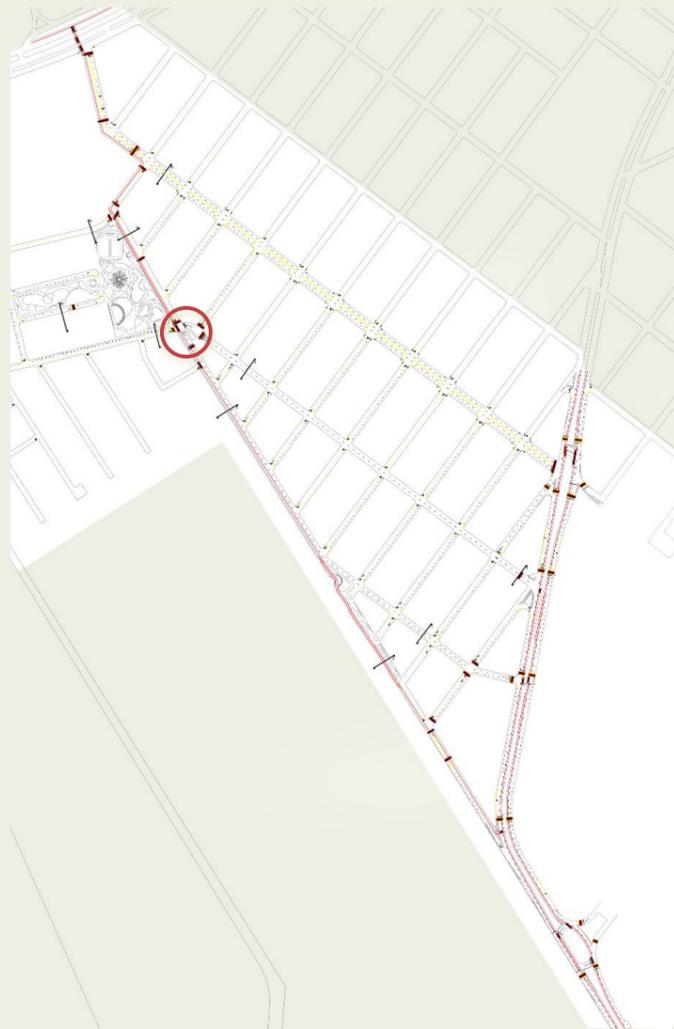


CRUZAMENTO 1 - ATUAL
1/500

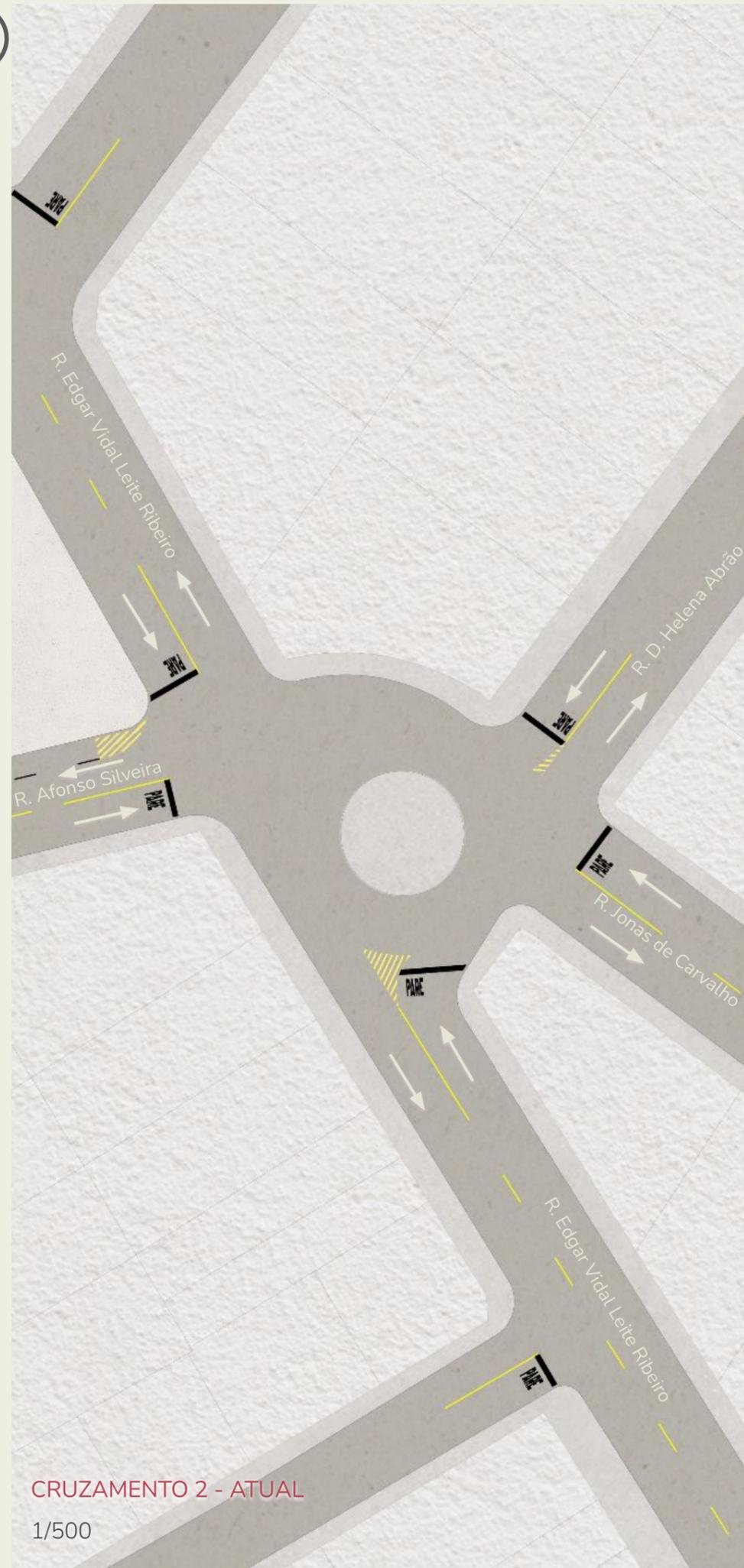


CRUZAMENTO 1 - PROPOSTO
1/500

- Regularização de vias
- Alteração de sentido de vias
- Regularização de cruzamento
- Inserção de sinaleiros
- Acessibilidade
- Priorização de pedestres
- Inserção de ciclovia



Localização
1/10000

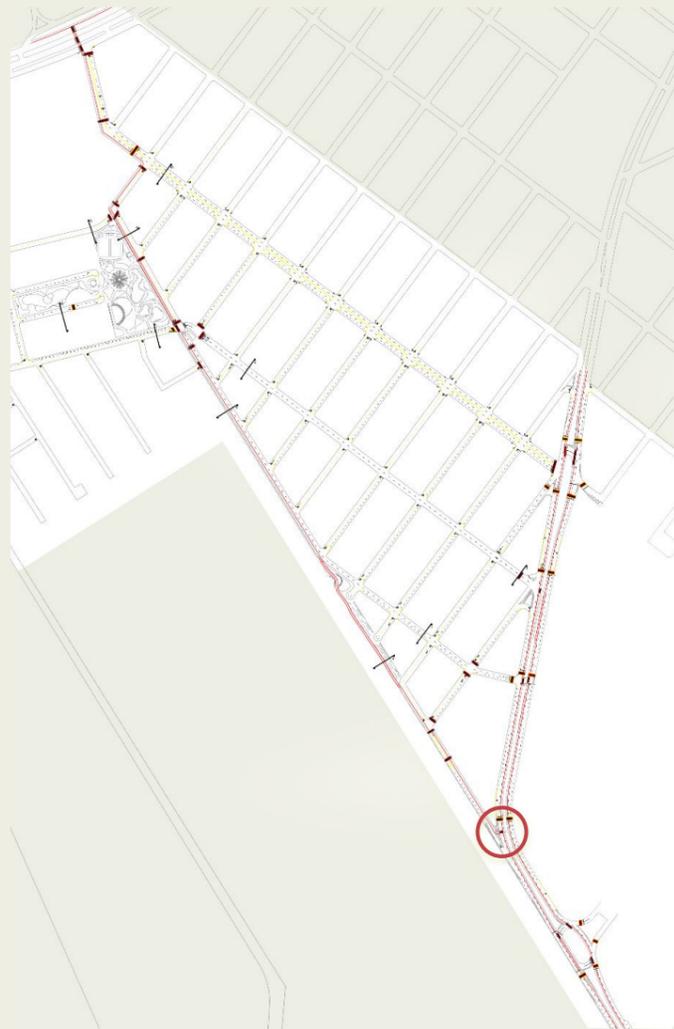


CRUZAMENTO 2 - ATUAL
1/500

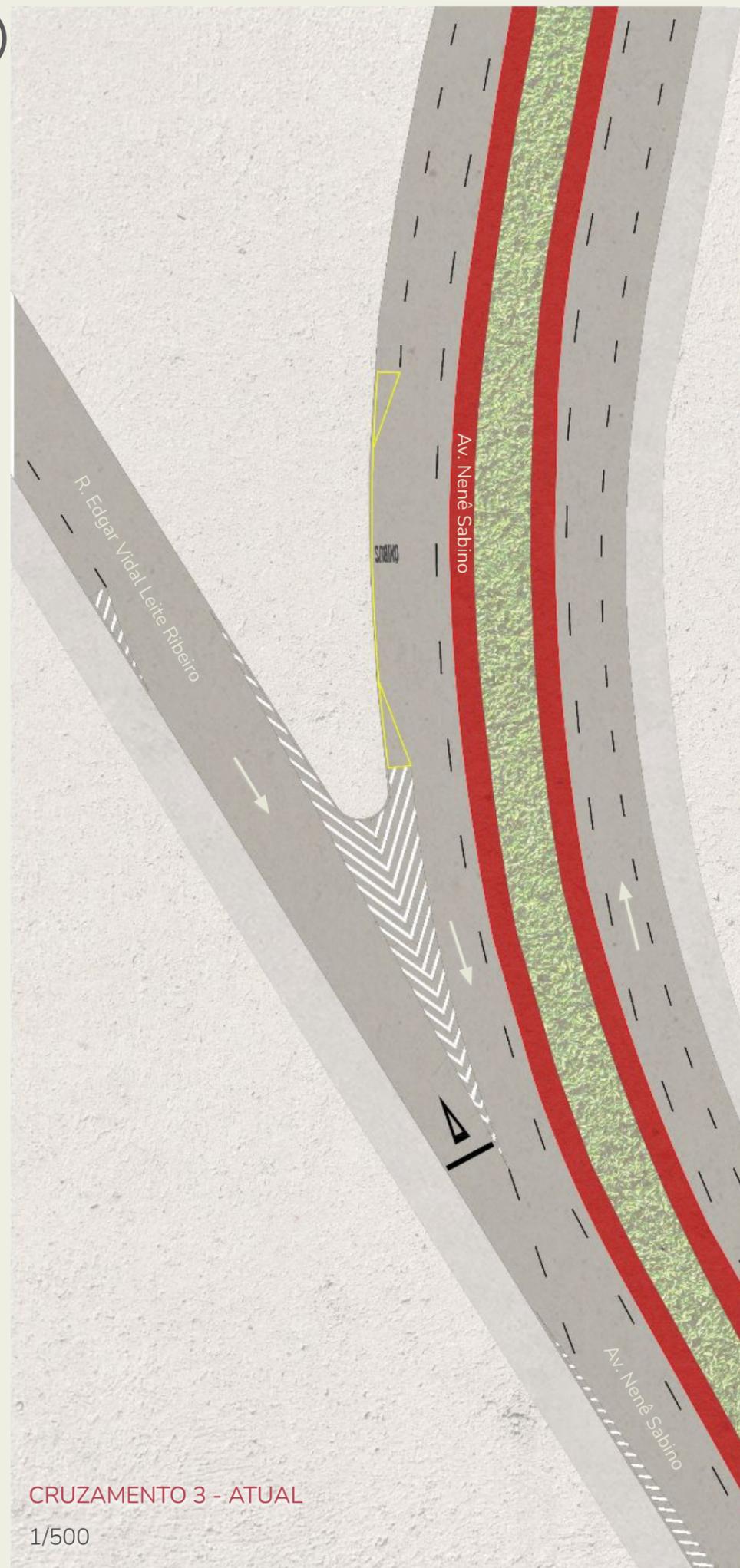


CRUZAMENTO 2 - PROPOSTO
1/500

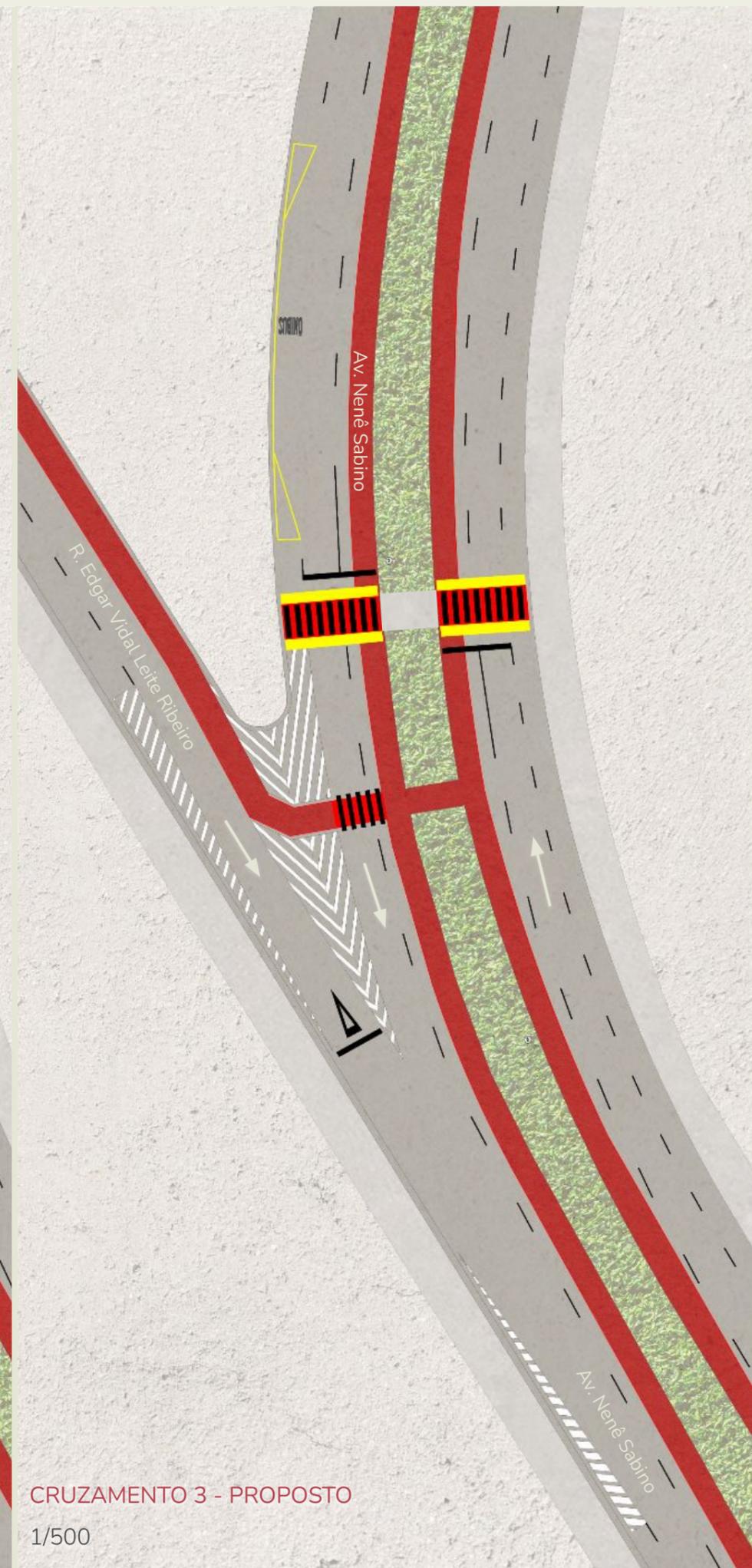
- Regularização de vias
- Inserção de faixas elevadas
- Inserção de sinalização vertical
- Acessibilidade
- Priorização de pedestres
- Inserção de ciclovia



Localização
1/10000

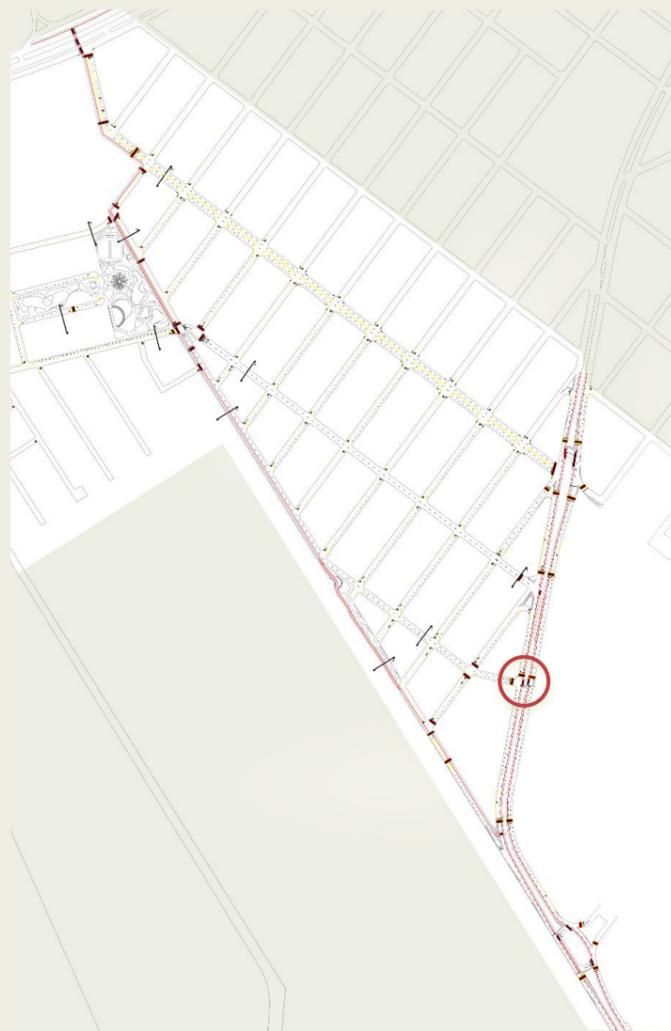


CRUZAMENTO 3 - ATUAL
1/500

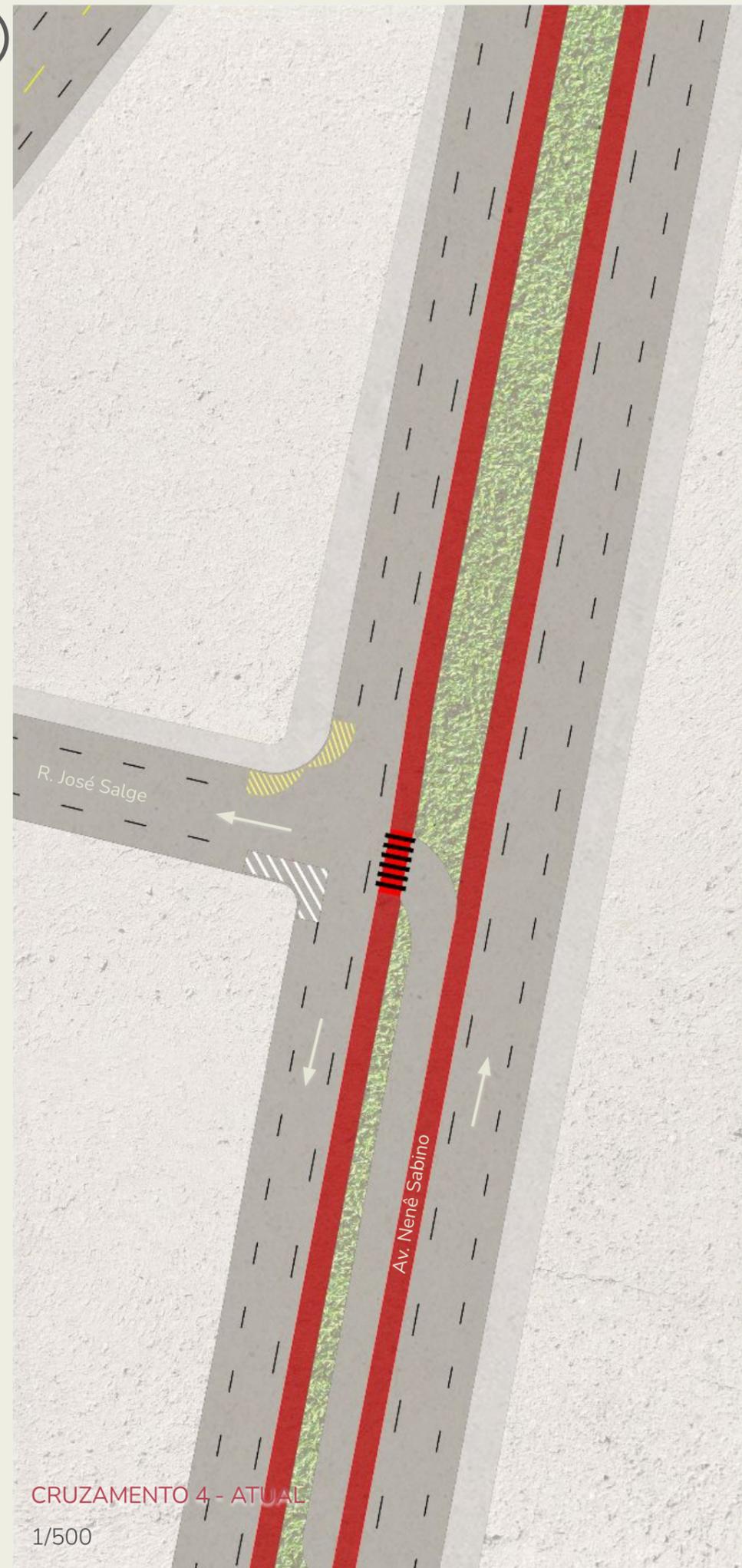


CRUZAMENTO 3 - PROPOSTO
1/500

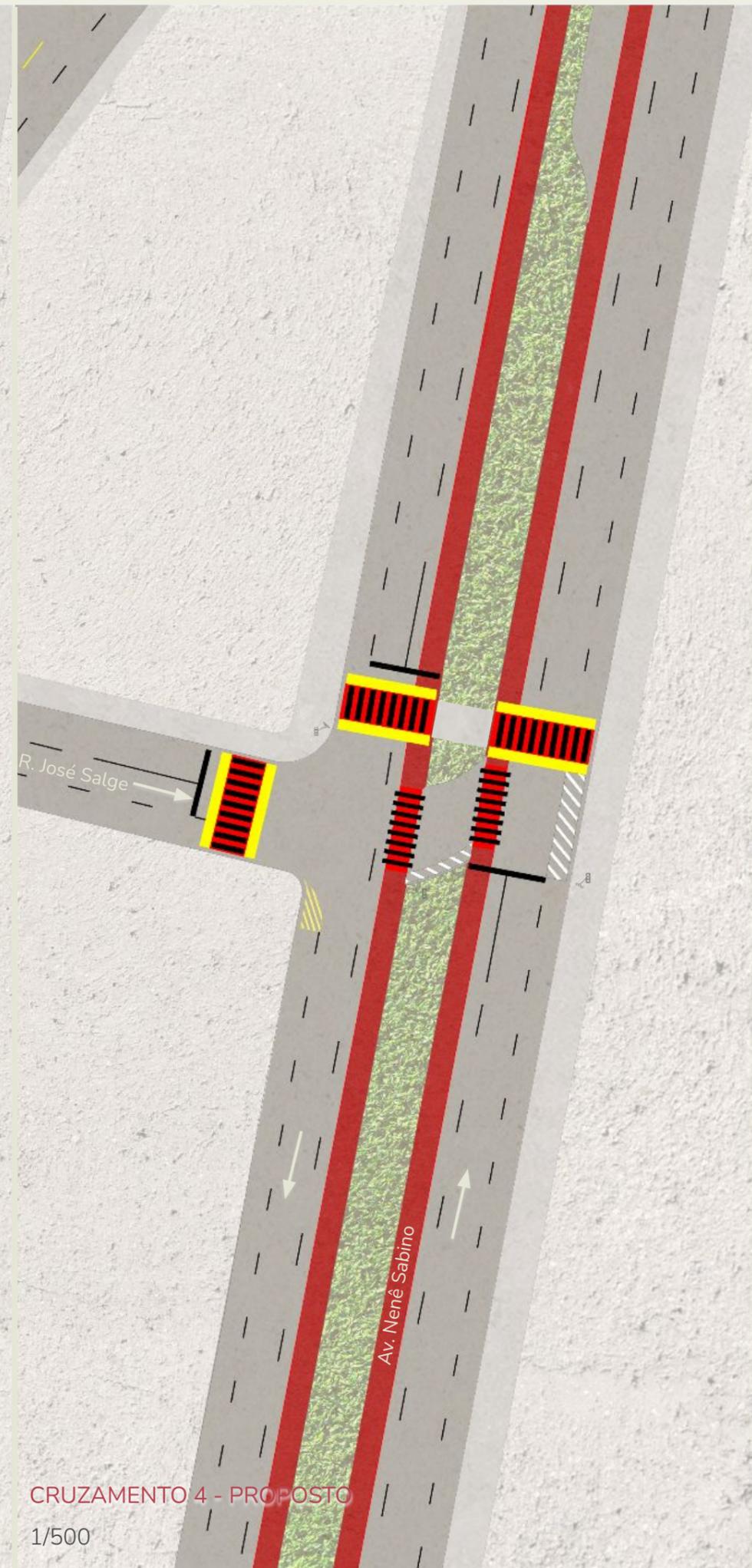
- Regularização de vias
- Inserção de faixas elevadas
- Alteração de sentido de vias
- Alteração de cruzamento
- Inserção de sinalização vertical
- Acessibilidade
- Priorização de pedestres



Localização
1/10000



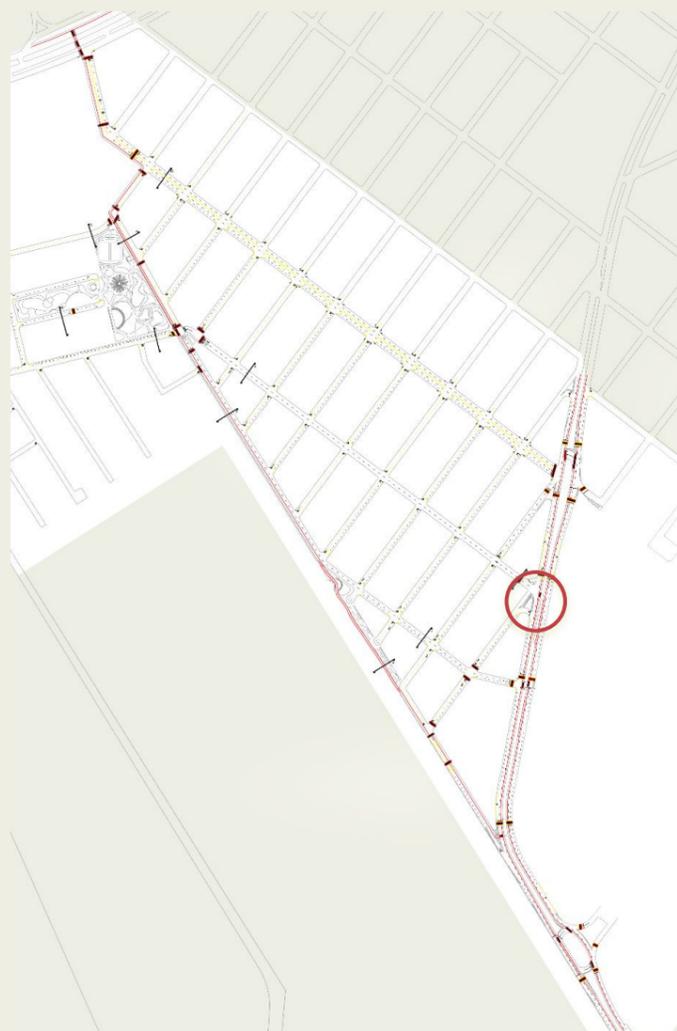
CRUZAMENTO 4 - ATUAL
1/500



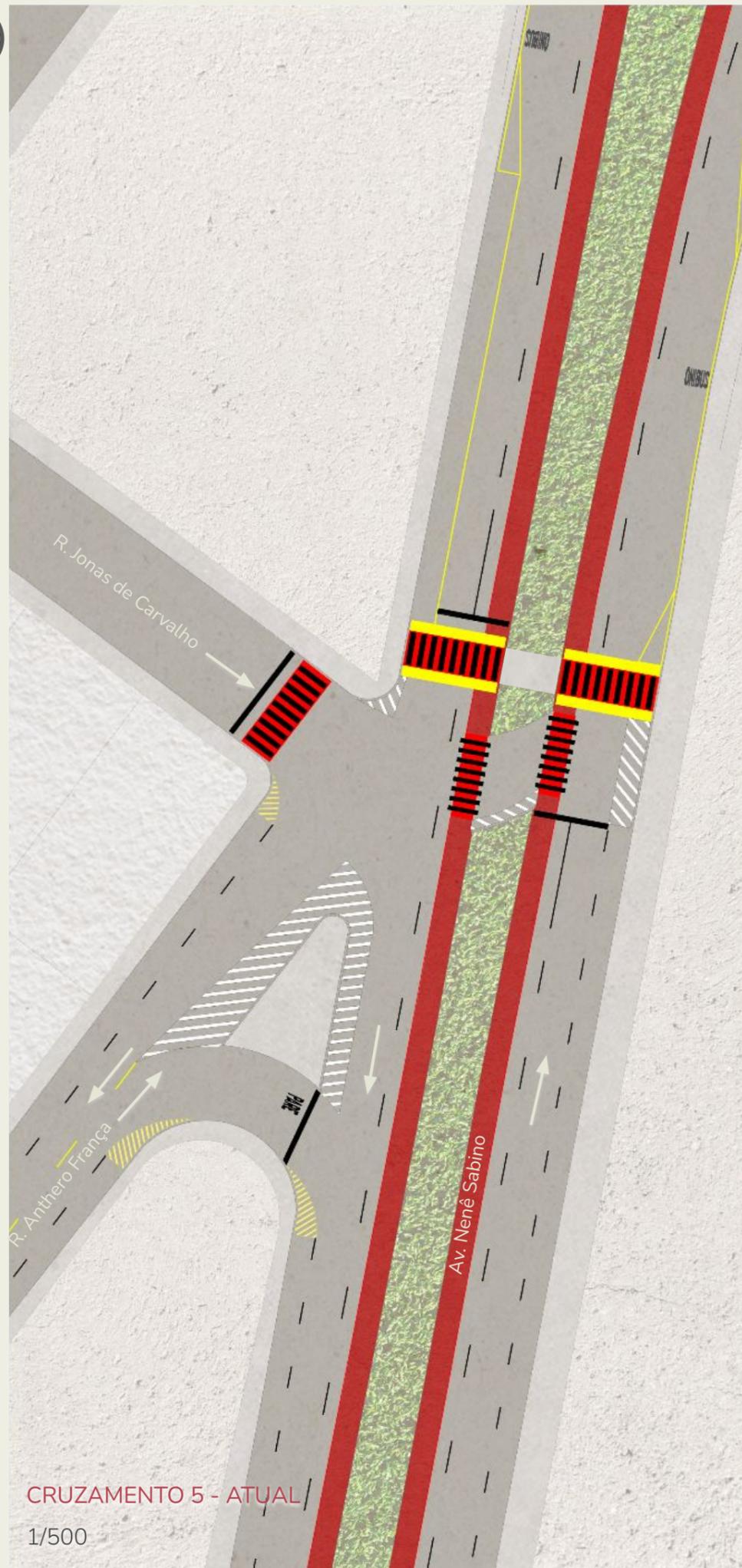
CRUZAMENTO 4 - PROPOSTO
1/500



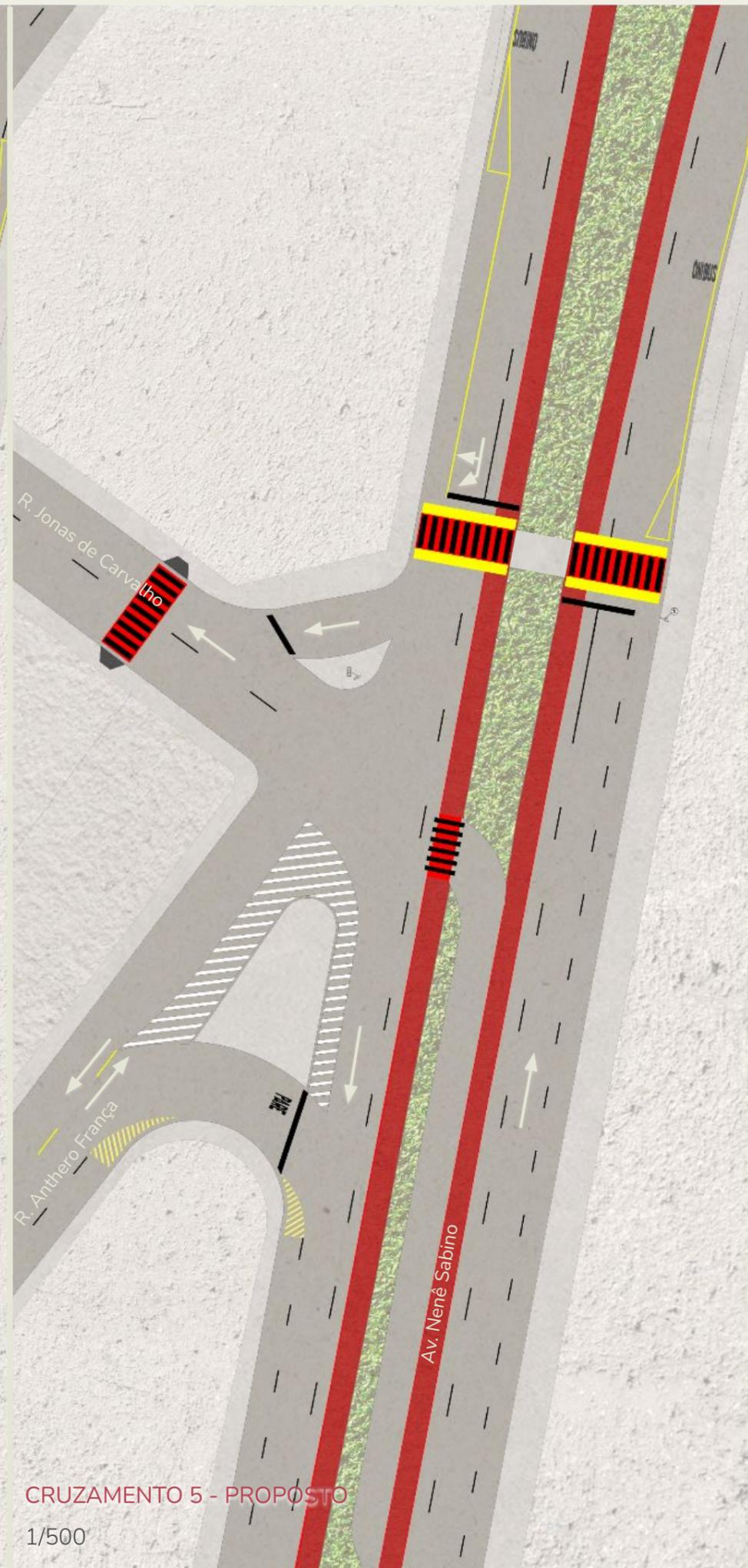
- Regularização de vias
- Alteração de sentido de vias
- Alteração de desenho de quadra
- Alteração de cruzamento
- Alteração de sinalização vertical
- Acessibilidade
- Priorização de pedestres



Localização
1/10000



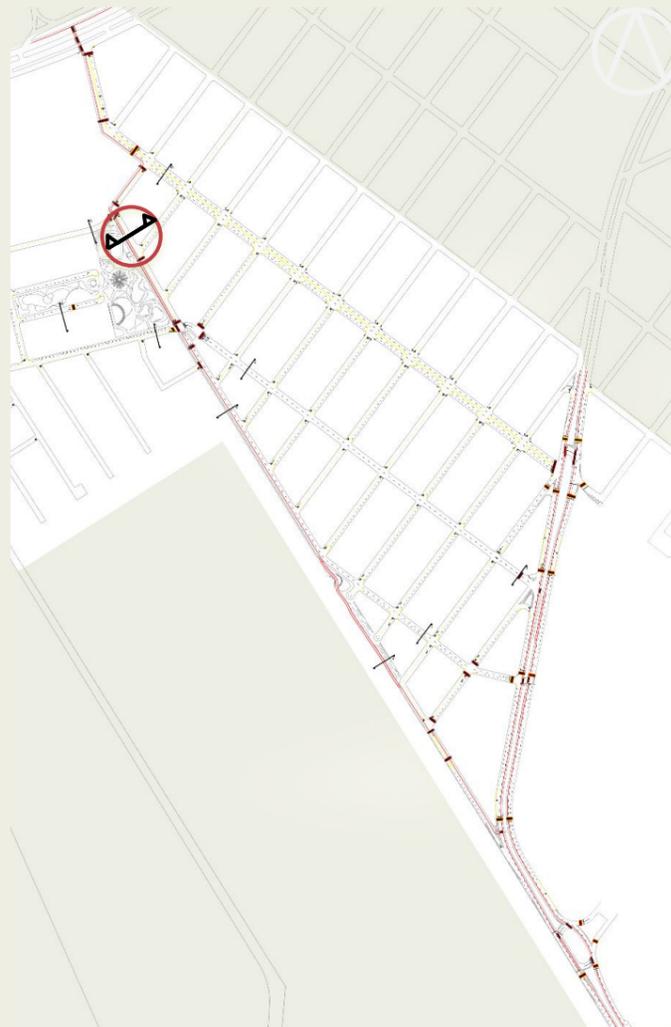
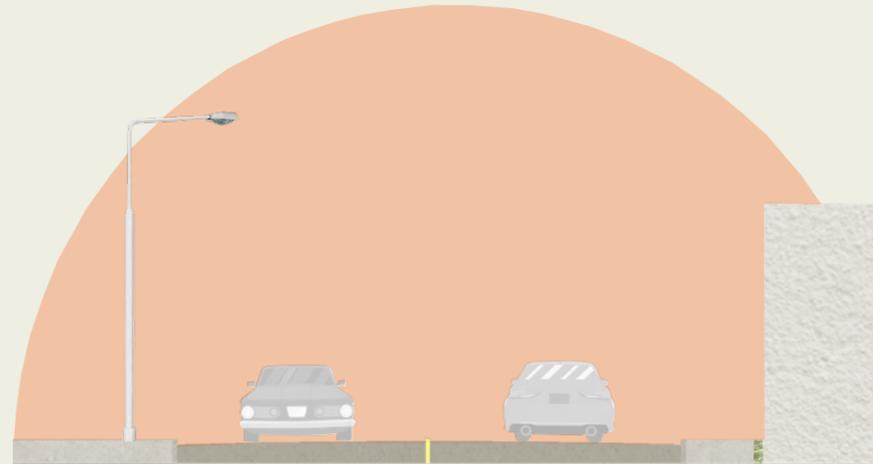
CRUZAMENTO 5 - ATUAL
1/500



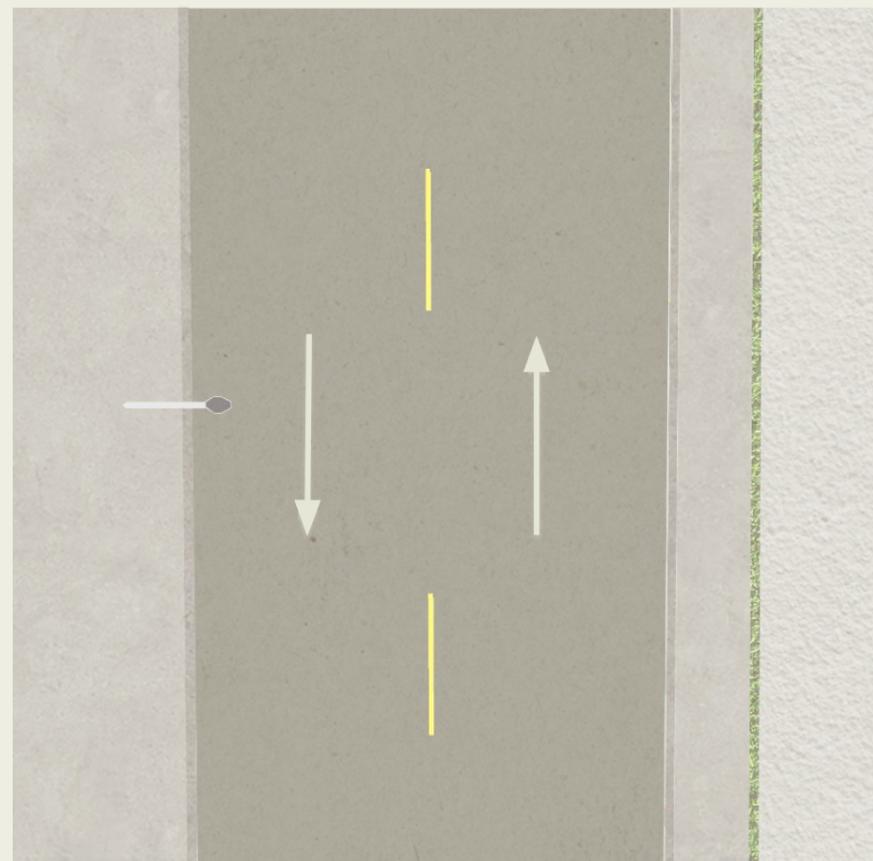
CRUZAMENTO 5 - PROPOSTO
1/500

Rua Edgar Vidal Leite Ribeiro - vista noroeste

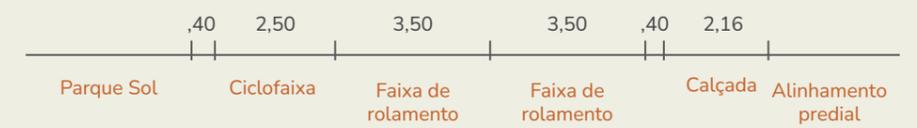
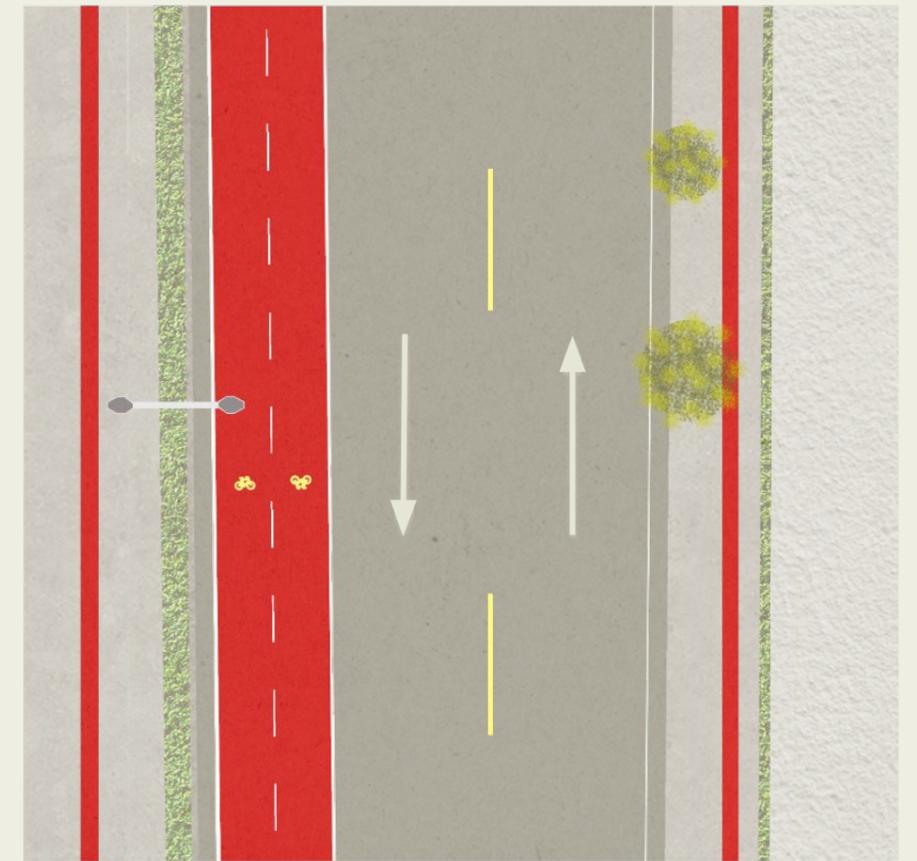
Regularização de vias
 Inserção de ciclofaixa
 Inserção de vegetação
 Inserção de iluminação para pedestres
 Acessibilidade de pedestres
 Priorização de pedestres



Localização
 1/10000

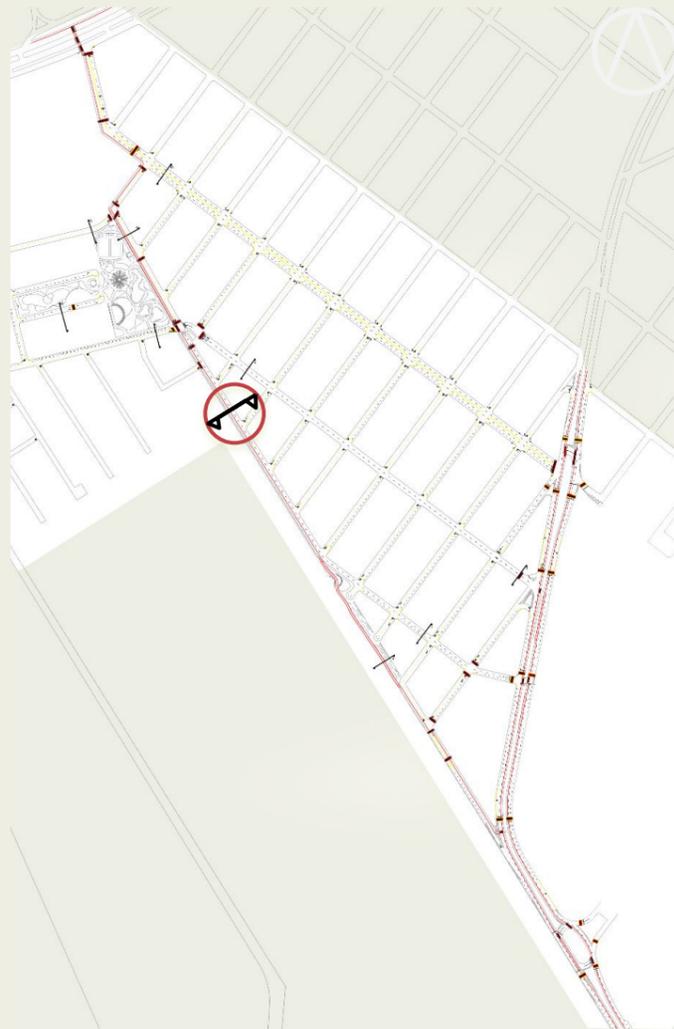
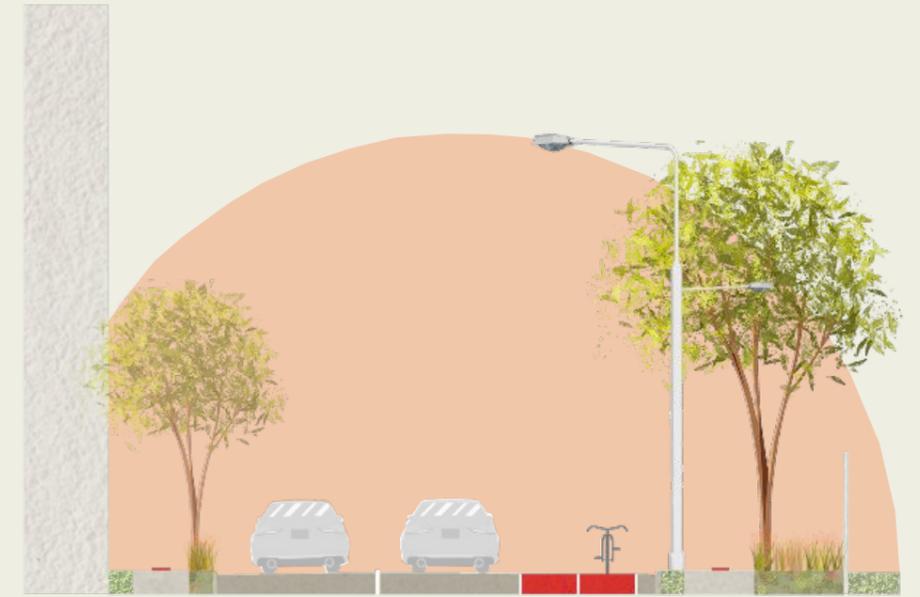


A RUA DE TRABALHO - TRECHO 1
 1/150

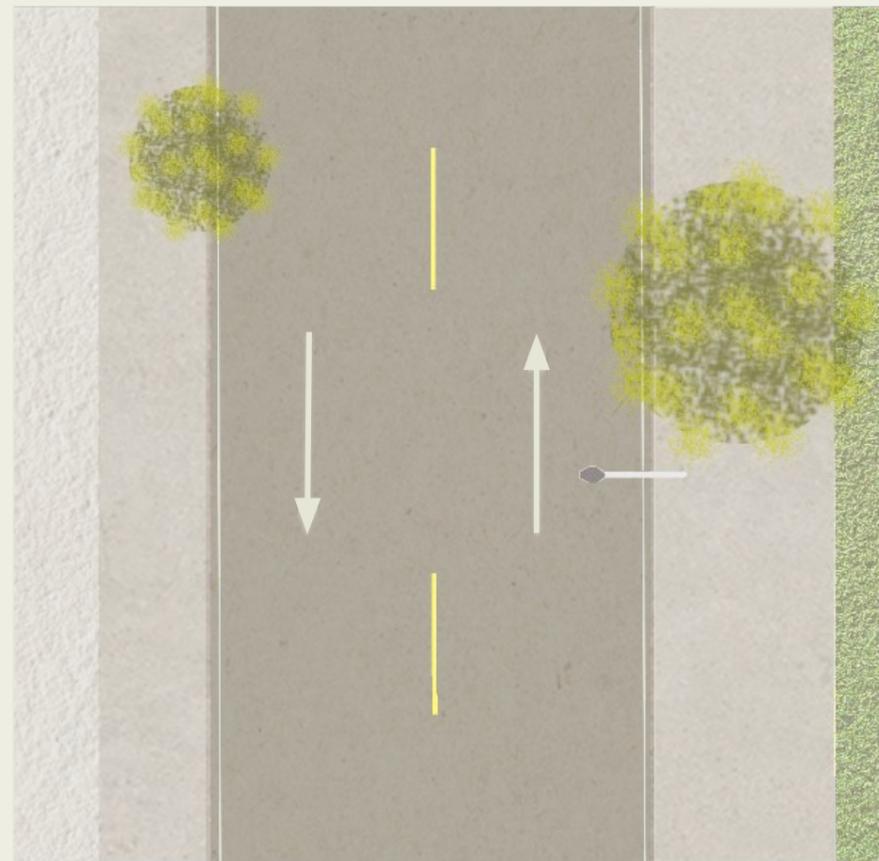


Rua Edgar Vidal Leite Ribeiro - vista sueste

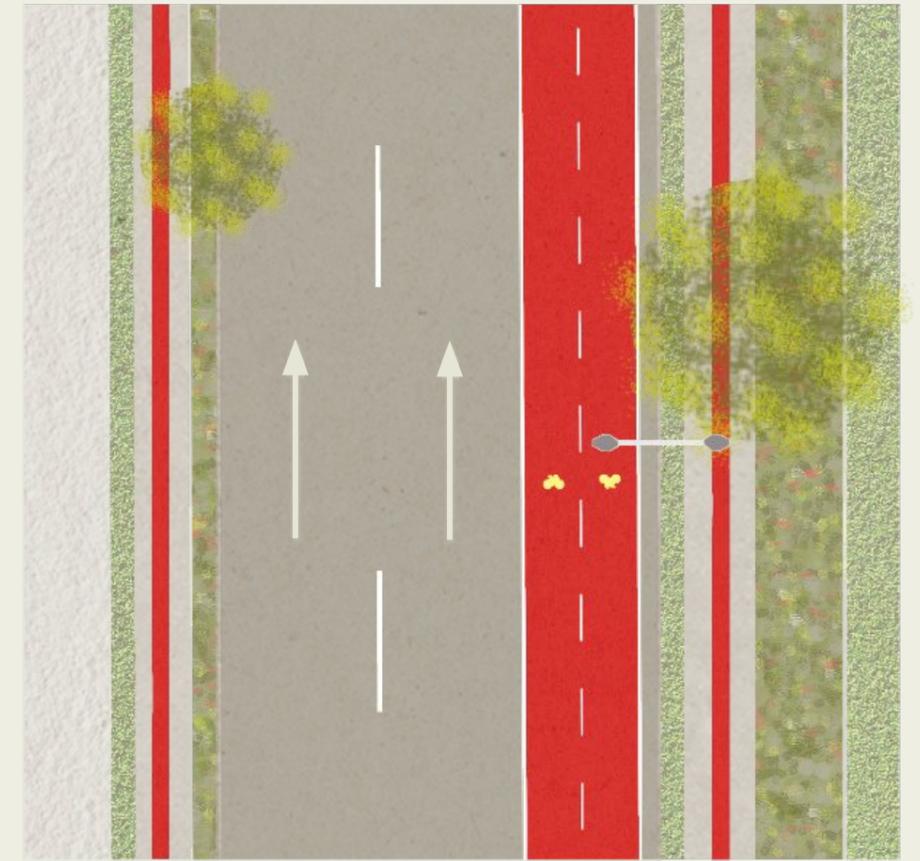
- Regularização de vias
- Inserção de ciclofaixa
- Unificação de sentido de vias
- Inserção de iluminação para pedestres
- Acessibilidade
- Priorização de pedestres



Localização
1/10000



2,31 ,20 4,59 4,40 ,20 3,89
Alinhamento predial Calçada Faixa de rolamento Faixa de rolamento Calçada Aeroporto

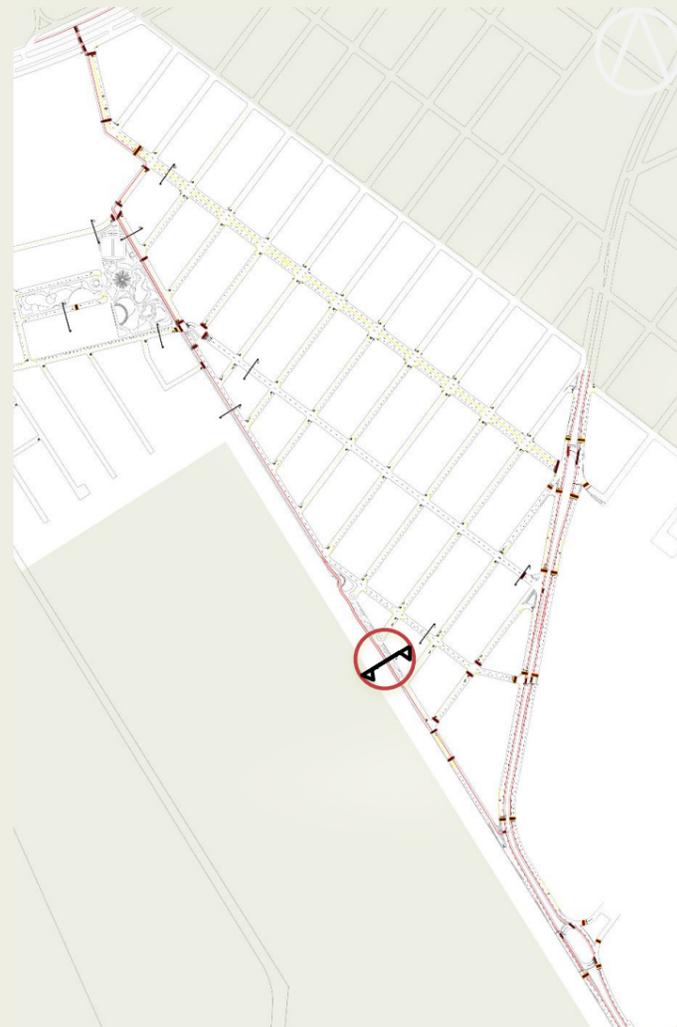
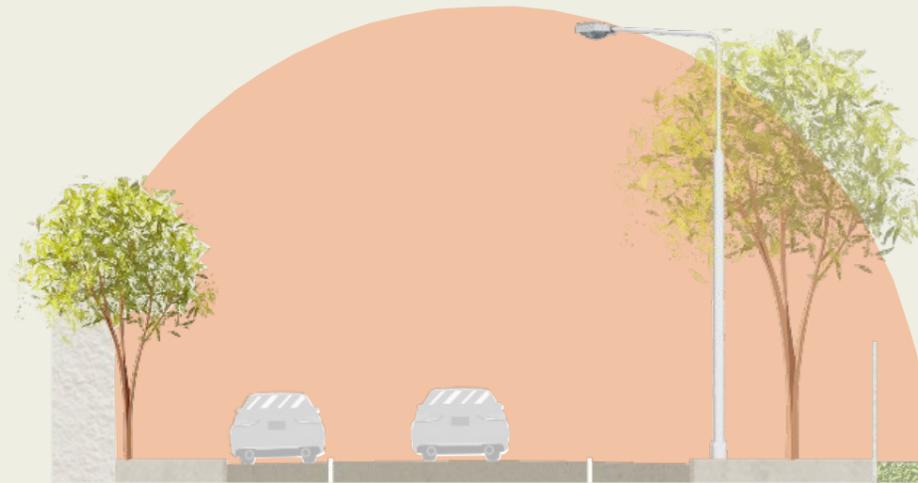


2,31 ,40 3,00 3,00 2,50 ,40 3,97
Alinhamento predial Calçada Faixa de rolamento Faixa de rolamento Ciclofaixa Calçada Aeroporto

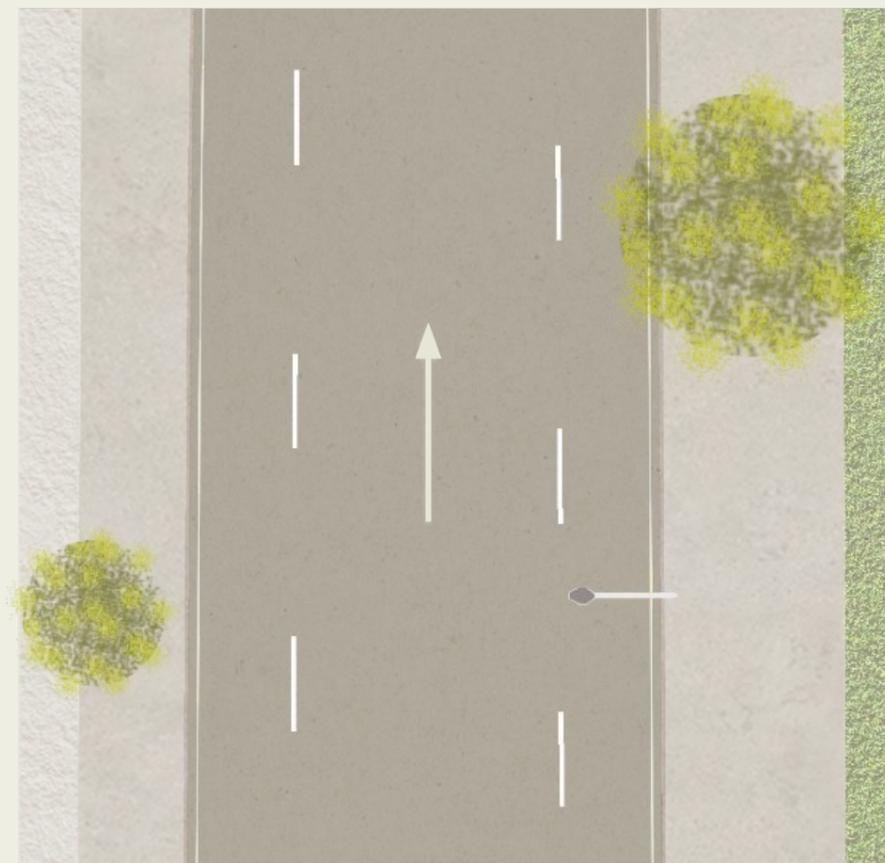
A RUA DE TRABALHO - TRECHO 2
1/150

Rua Edgar Vidal Leite Ribeiro - vista sueste

- Mudança de vias
- Inserção de ciclofaixa
- Inserção de vegetação
- Inserção de iluminação para pedestres
- Acessibilidade
- Priorização de pedestres
- Inserção de containers
- Inserção de espaço para feira livre

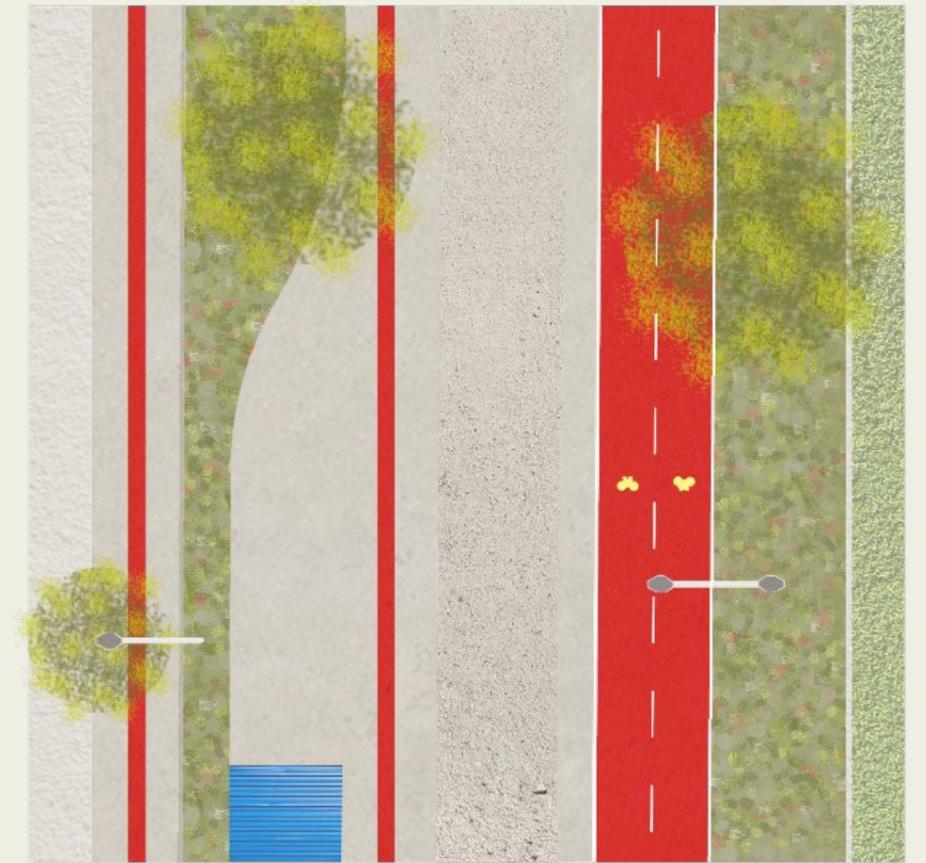


Localização
1/10000



2,39	2,04	5,41	1,97	3,87	
Alinhamento predial	Calçada	Faixa de estacionamento	Faixa de rolamento	Faixa de estacionamento	Aeroporto

A RUA DE TRABALHO - TRECHO 3
1/150



2,00	,95	4,15	3,00	,50	2,50	2,97	
Alinhamento predial	Calçada	Canteiro	Calçadão	Área de feira livre	Ciclofaixa	Canteiro	Aeroporto

Rua Edgar Vidal Leite Ribeiro

Inserção de ciclofaixa

Calçada ampla e adequada

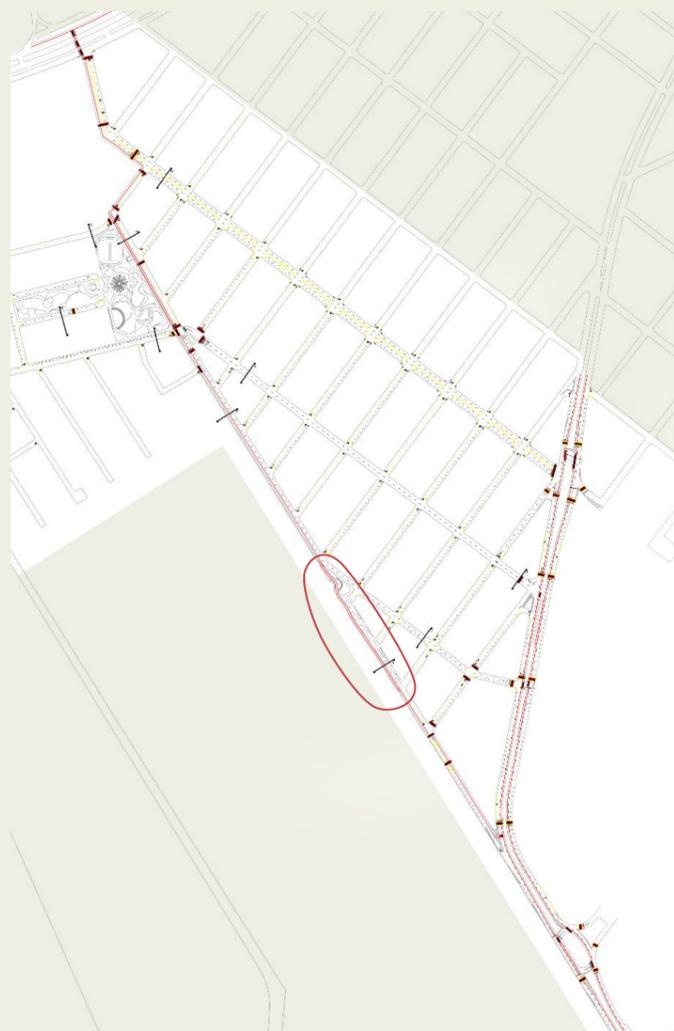
Vegetação sensorial

Bancos, bicicletário e bebedouros

Espaços de contemplação

Espaço para feira livre

Espaços e containers para alimentação



Localização

1/10000

Mirante
Mirante
elevado

Espaço de feira livre

Jardim e espaço
para
alimentação

Container

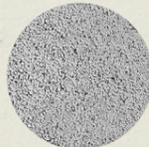
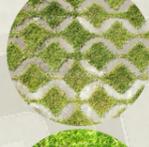
INSERÇÃO URBANA RUA JARDIM E MIRANTE

1/750







	1. Concreto permeável	Permeável	5500 m ²	39%
	2. Seixos rolados	Permeável	464 m ²	3,3%
	3. Cavaco de madeira	Permeável	1235 m ²	8,8%
	4. Meio mineral meio vegetal	Semipermeável	626 m ²	4,5%
	5. Vegetal	Permeável	1750 m ²	13%



PLANTA DE PISOS

1/750

DADOS BOTÂNICOS											
CÓD.	TIPOLOGIA	FINALIDADE	IMAGEM	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	ALTURA (m)	DIÂMETRO COPA(m)	AMBIENTE LUMÍNICO	DECIDUIDADE	FLORAÇÃO	
1	Árborea	Reflorestamento		Buriti	<i>Mauritia flexuosa L.f.</i>	20	7	Meia sombra/ Pleno sol	Perene	Verão e Primavera	
2				Guapuruvu	<i>Schizolobium parahyba</i>	30	20	Pleno sol	Semi-perene	Verão e Primavera	
3				Murici	<i>Byrsonima crassifolia</i>	10	5	Pleno sol	Perene	Verão e Primavera	
4		Ornamental			Algodoeiro da Praia	<i>Hibiscus tiliaceus</i>	6	10	Pleno sol	Perene	Verão e Primavera
5					Árvore guarda-chuva	<i>Schefflera actinophylla</i>	8	4	Pleno sol	Perene	Primavera
6					Canafístula	<i>Cassia ferruginea</i>	15	20	Pleno sol	Perene	Verão
7					Cagaita	<i>Eugenia dysenterica</i>	8	7	Pleno sol	Decídua	Inverno
8					Ipê-Rosa	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	11	8	Pleno sol	Caducifolia	Outono e Inverno
9					Ipê-Amarelo	<i>Handroanthus albus</i>	25	8	Pleno sol	Caducifolia	Inverno
10					Reseda Branco	<i>Lagostromia indica</i>	6	6	Pleno sol	Decídua	Primavera
11				Frutífera			Acerola	<i>Malpighia emarginata</i>	3	3	Pleno sol
12			Goiabeira			<i>Psidium guajava L.</i>	7	-	Pleno sol	Perene	Primavera
13			Mexiriqueira			<i>Citrus spp</i>	4	2,5	Pleno sol	Perene	Outono
14			Pitanga			<i>Eugenia uniflora L.</i>	5,5	6	Pleno sol	Semidecidua	Inverno
15		Ponto focal			Pau Ferro	<i>Libidibia ferrea</i>	30	12	Pleno sol	Perene	Verão e Primavera
16	Arbustiva / Herbácia	Ornamental		Agapanto Branco	<i>Agapanthus praecox</i>	0,9	-	Pleno sol	Perene	Verão	
17				Camarão amarelo	<i>Pachystachys lutea</i>	2	-	Meia sombra/ Pleno sol	Perene	Verão	
18				Lantana Laranja	<i>Lantana camara</i>	2	-	Pleno sol	Perene	Inverno e Primavera	
19	Arbustiva / Herbácia	Ornamental		Mil-cores	<i>Breynia nivosa</i>	2	-	Pleno sol	Perene	Verde	

CÓD.	TIPOLOGIA	FINALIDADE	IMAGEM	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	ALTURA (m)	DIÂMETRO COPA(m)	AMBIENTE LUMÍNICO	DECIDUIDADE	FLORAÇÃO
20	Arbustiva / Herbácia	Ornamental		Rabo de gato	<i>Acalypha reptans</i>	0,2	-	Meia sombra/ Pleno sol	Perene	Ano todo
21				Primavera	<i>Bougainvillea glabra S.</i>	12	0	Pleno sol	Perene	Verão
22		Barreira		Folha-imperial	<i>Codiaeum variegatum Green Gold</i>	3	2	Pleno sol	Semi-perene	Primavera e Verão
23				Dama da Noite	<i>Cestrum nocturnum</i>	4	-	Meia sombra/ Pleno sol	Perene	Primavera e Verão
24	Herbácia / Forração	Ornamental		Alisso	<i>Lobularia maritima</i>	0,15	-	Meia sombra/ Pleno sol	Perene	Primavera e Verão
25				Camomila	<i>Chamomila recutita</i>	0,5	-	Sol pleno	Perene	Verão e Primavera
26				Capim Branco	<i>Penicetum villosum</i>	1,2	-	Pleno sol	Perene	Verão e Outono
27				Celósia	<i>Celosia argentea</i>	0,9	-	Pleno sol	Perene	Verão e Primavera
28				Singônio	<i>Syngonium angustatum</i>	0,4	-	Meia sombra	Perene	Outono e Inverno
29			Piso vegetal	Pisoteio		Gramma Esmeralda	<i>Zoysia japonica</i>	0,15	-	Pleno sol
30		Gramma São Carlos			<i>Axonopus Compressus SP</i>	0,2	-	Meia sombra	Perene	-



Piso vegetal

Plantio misto
de forrações

PLANTIO DE FORRAÇÕES

1/750

216





Plantio misto
de arbustos

Arbusto de
efeito parede

PLANTIO DE ARBÓREAS

1/750

218





ARBORIZAÇÃO EXISTENTE

1/750

Ipê amarelo

220





A vegetação foi escolhida em motivações de reflorestamento de uma amplo espaço livre de lazer, e pela criação de um ambiente contemplativo pela inserção de vegetação que saem do verde e vão do branco amarelado até o laranja avermelhado, lembrando as colorações do céu ao longo dia. Por isso o plantio foi feito acompanhando a intensidade da luz ao longo do dia, que vai do branco ao leste, amarelo ao centro como o sol à pino, e laranja, vermelho até o rosa ao leste.







PLANTA GERAL

1/750



Redário

Casa da árvore

Praça de alimentação

Pérgolas

Campinhos

Relógio solar

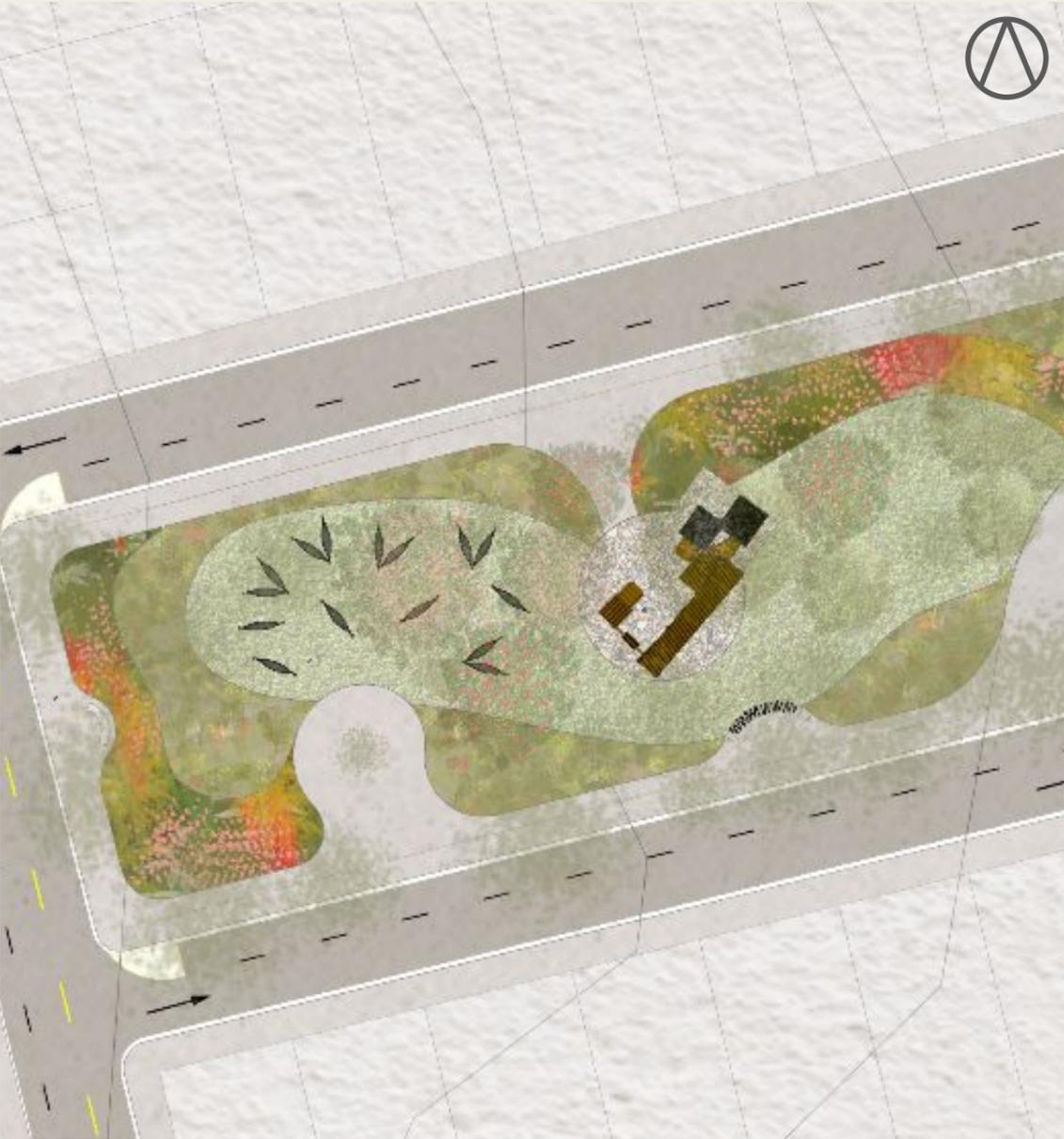
Solário

Pista de aventuras

Parquinho

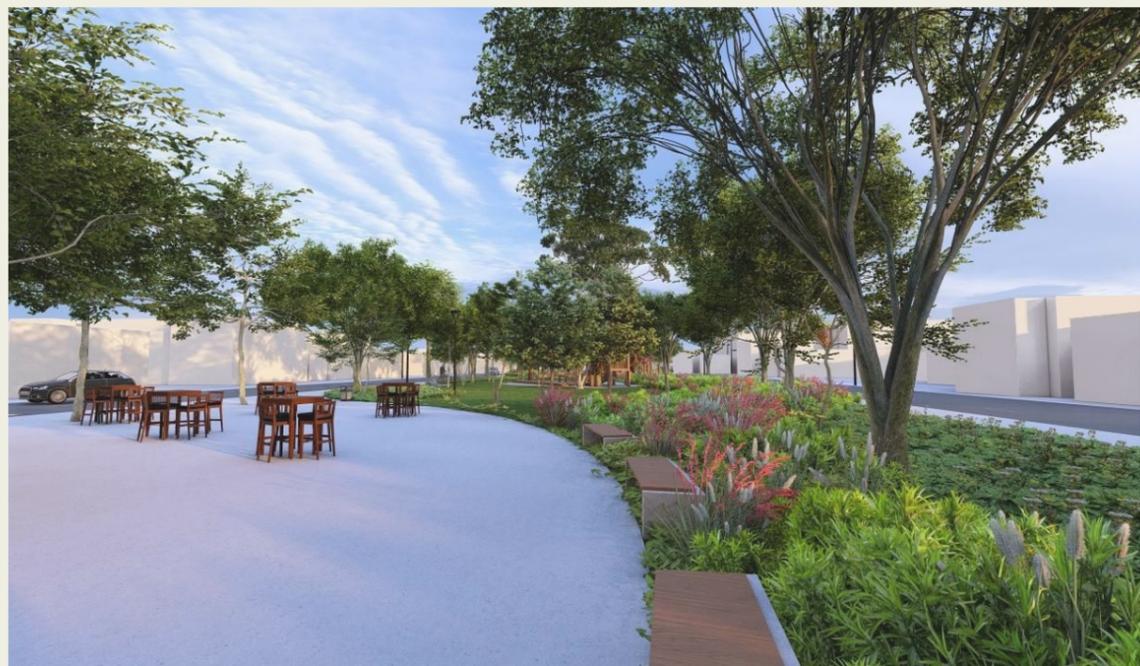
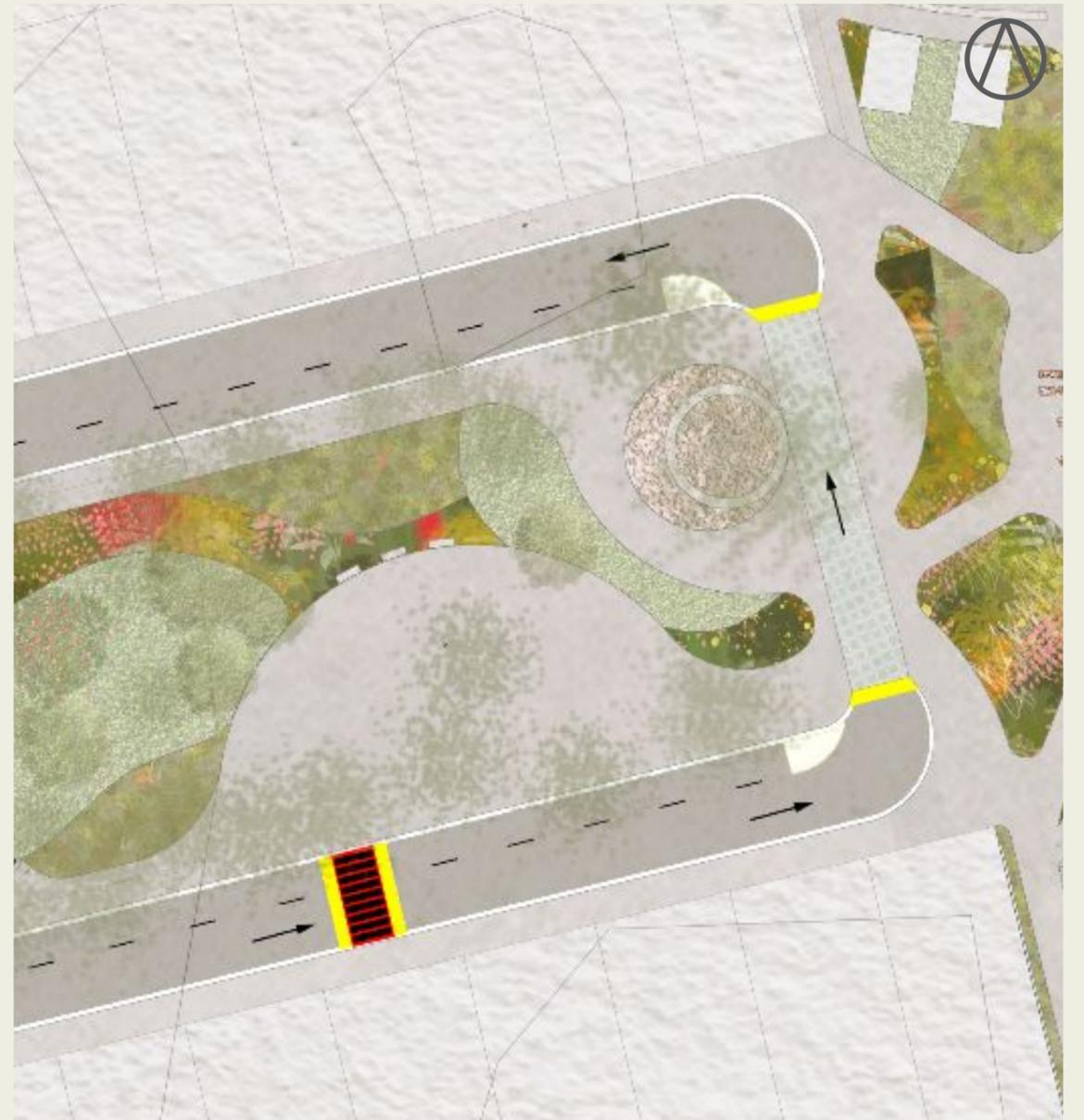
Espaço cultural

Jardim de esculturas



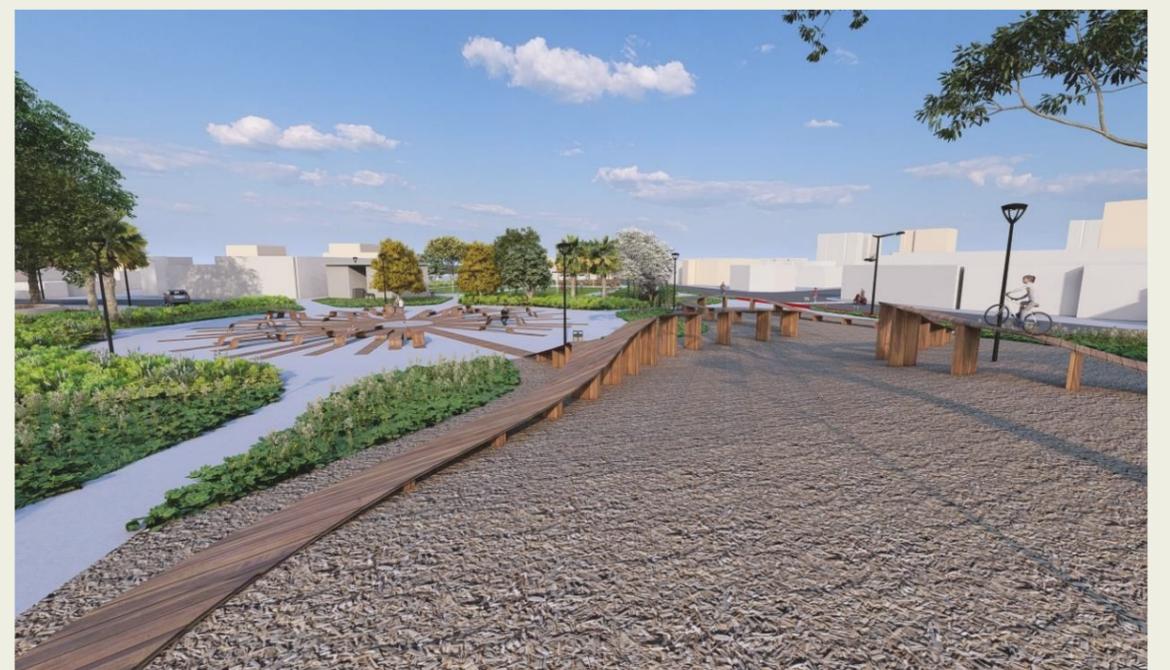
REDÁRIO E CASA DA ÁRVORE

1/500



PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO

1/500



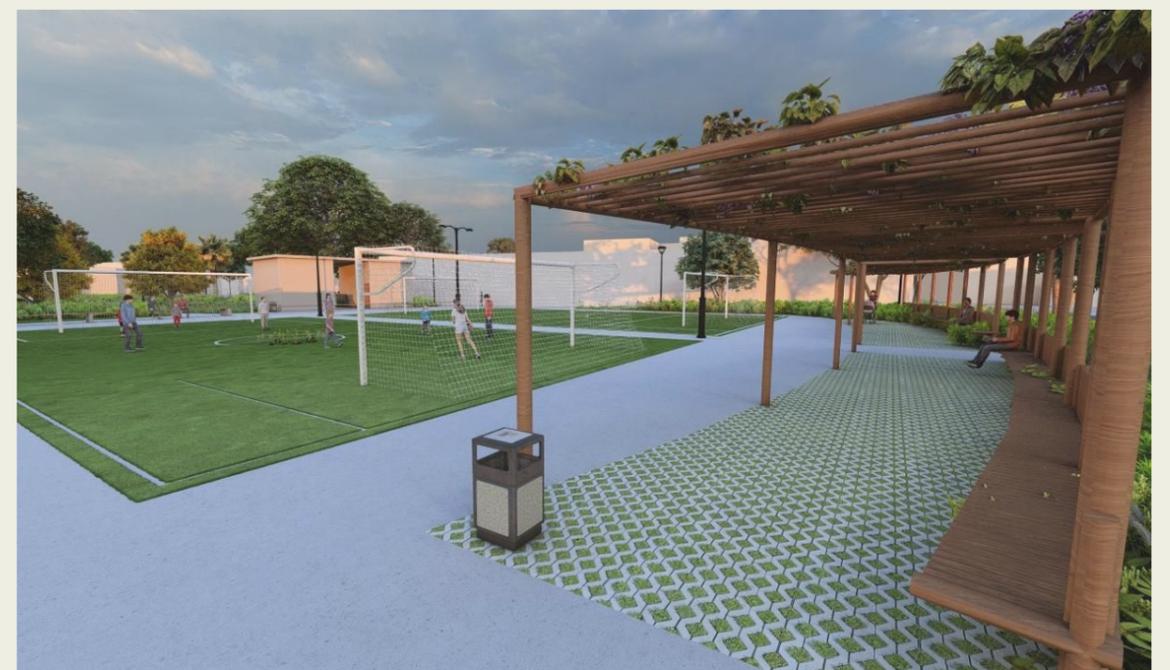
SOLÁRIO E PISTA DE AVENTURAS

1/500



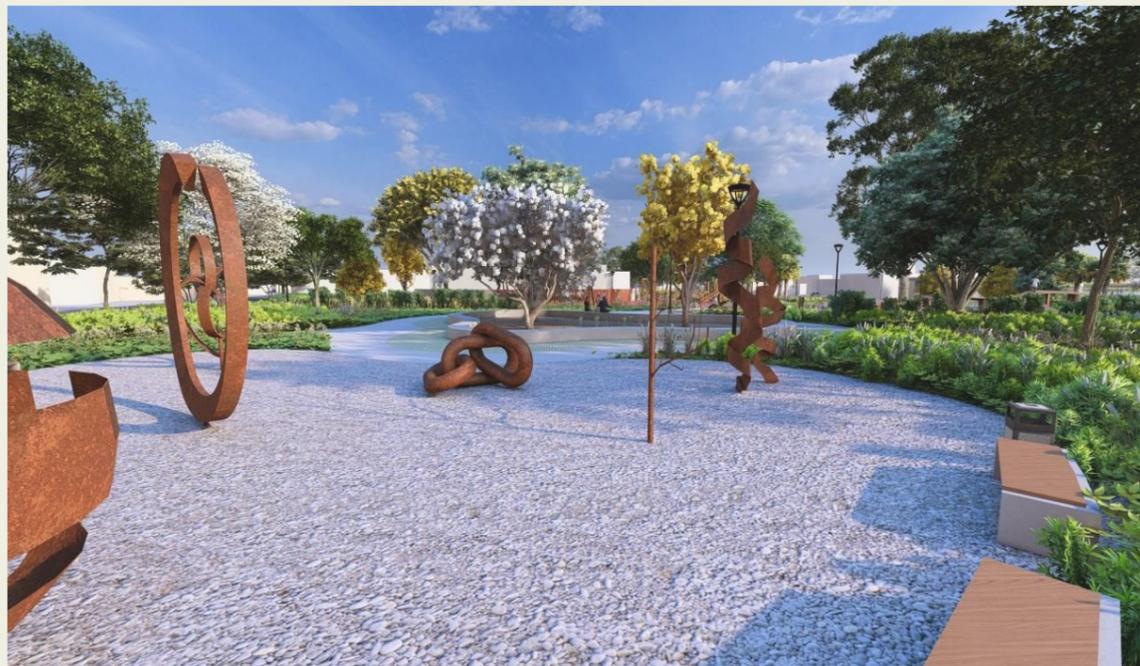
PARQUINHO E ESPAÇO CULTURAL

1/500



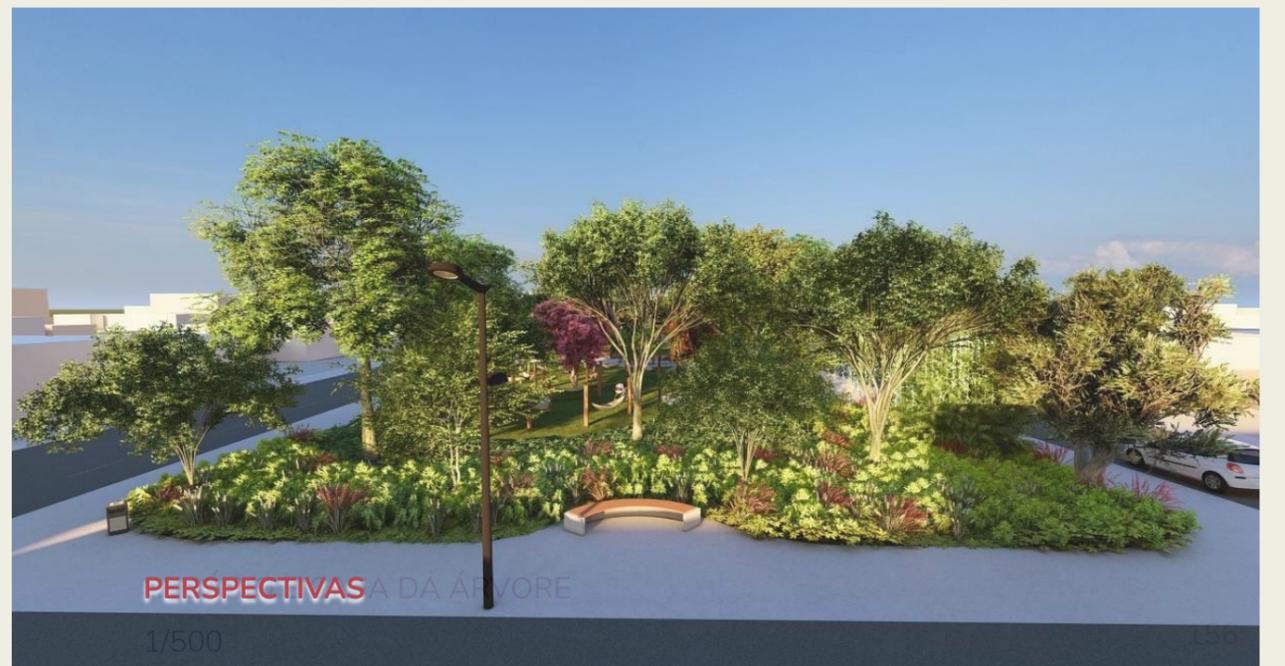
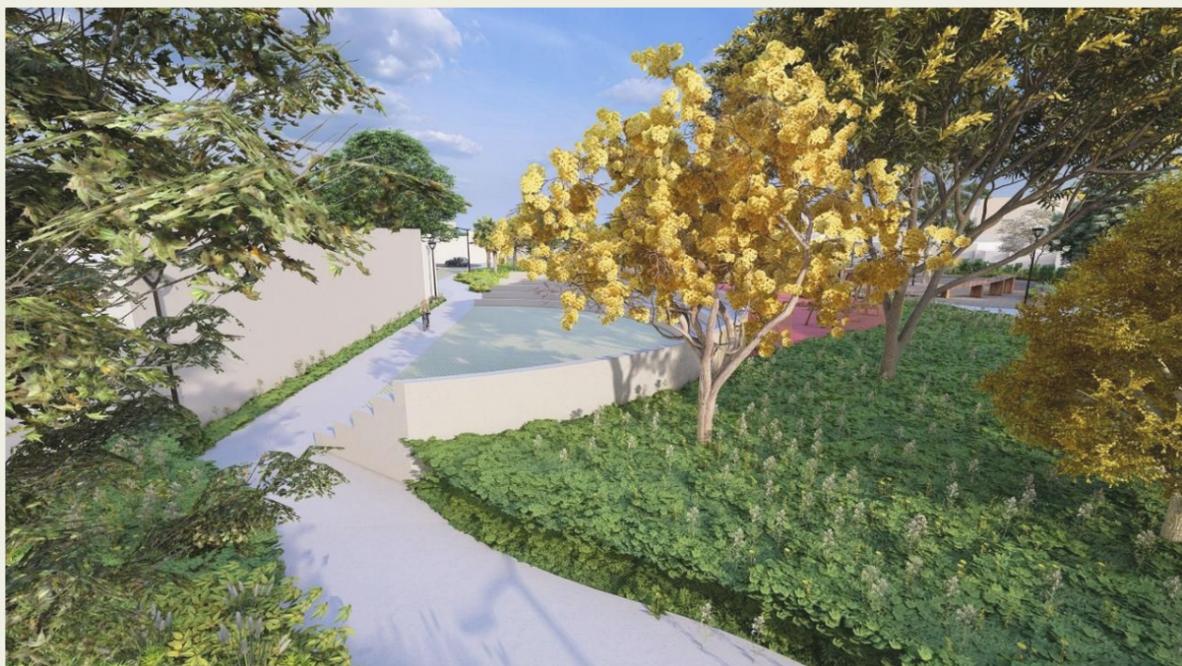
RELÓGIO SOLAR, CAMPINHO E PÉRGOLAS

1/500



JARDIM DE ESTAR E ÁREA DE CONTEMPLAÇÃO

1/500





Rua Edgar Vidal Leite Ribeiro



R. Nelo da Cunha Bessa



R. Braz Gonçalves Coelho de Rezende



R. Braz Gonçalves Coelho de Rezende



Localização

1/1500

FACHADAS

1/1000



R. Afonso Silveira



Rua elevada intra lote

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciada uma pesquisa sobre sistemas de espaços livres, foram descobertos também categorias de paisagem, espaço, público e privado, e finalmente, lugar. Tal conceituação junto ao entendimento político e social dos cotidianos urbanos, concebeu a ideia que constata os sistemas de espaços livres públicos, caracterizados de lugar, como um respiro em meio urbano ao mesmo tempo que é tido como um refúgio social que provê o encontro, a conexão, e finalmente, a apropriação.

Em um contexto de alienação pelo cotidiano, dedicado primordialmente ao trabalho e a sobrevivência necessariamente econômica, o homem encontra-se em uma alternância entre fixos e fluxos onde a vivência real social, dos espaços, da cultura e do ambiente são suprimidos, assim, é comum a escassez de lazer, contemplação e discussão para a maioria das pessoas, essas que não possuem acesso a privilégios como o tempo, a terra, o capital, e os espaços de lazer privados, por exemplo. Por isso o olhar atento e a demanda popular devem se voltar à esfera pública para que essa assuma e cumpra seus acordos sociais, dentre eles, A garantia de espaços livres públicos qualificados.

Assim como na história a nobreza se excedia em bens e momentos de ócio pelo trabalho de seus subordinados, hoje, as discrepâncias de capital e o distanciamento social podem ser observados pela oportunização destes bens e momentos como ao se perceber a diferenciação dos espaços de lazer de bairros periféricos onde trabalhadores menos abastados vivem e os amplos e belos espaços de lazer de condomínios fechados dos trabalhadores mais abastados, o que diverge do discurso igualitário de direitos como têm-se acordado em regime democrático, para tanto a proposta busca colaborar.

Inferindo na maneira como tal questão possa amenizar-se, é proposto uma reavaliação dos sistemas de espaços livres urbanos pelas esferas públicas municipais, em foco Uberaba, Minas Gerais, onde foi percebido uma divergência na ocupação de espaços livres do Bairro Olinda, onde uma praça consolidada é super explorada enquanto os demais adjacentes com alguma ou nenhuma infraestrutura não possuem o mesmo aproveitamento e identificação como lugares.

Partindo-se das demandas e faltas apresentados pela população e percebidas nos espaços consolidados, foram utilizados a requalificação das vias e Rua Jardim para conectar tais espaços, e o Parque de Bairro como recursos de reapropriação pública para gerar aproveitamento e reconhecimento com outro local do bairro, frequentado hoje por ímpetus particulares, pela promoção ali de atividades culturais, contemplativas, sociais, ambientais, de saúde e aproveitamento da infância.

Desse modo, a arquitetura e o planejamento urbano infeririam no cotidiano da população uberabense por meio deste estudo que contribui para a discussão da necessidade de cidades mais inclusivas, equitativas e conectadas às demandas sociais, culturais e ambientais de seu povo. Reafirmariam-se assim, os deveres públicos, os direitos sociais, e a consciência sobre o cotidiano pela vivência e a apropriação do espaço.

ANEXO 1

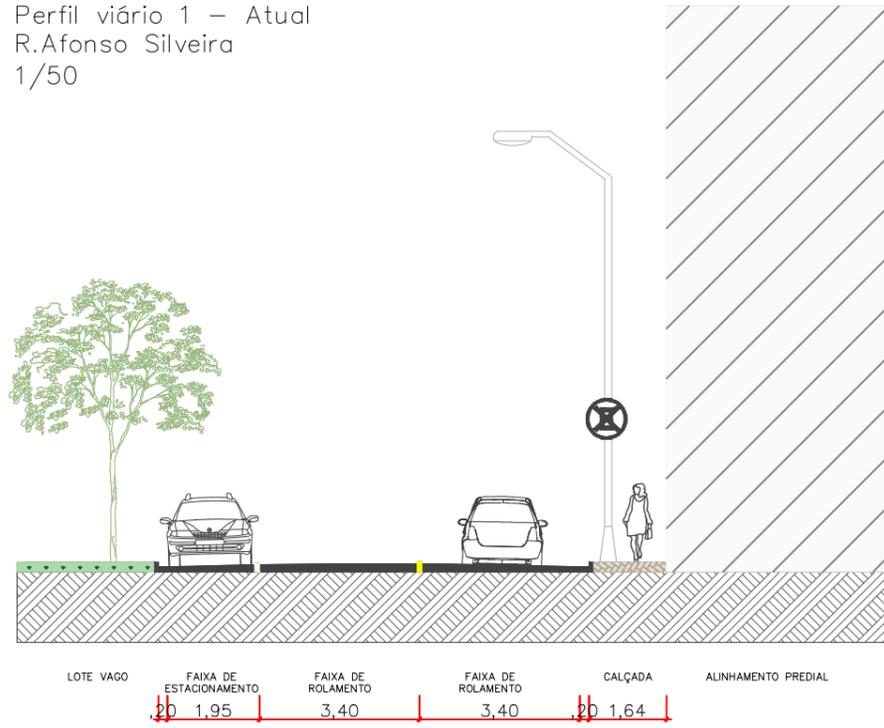
ANEXO II - QUADRO I										
Parâmetros de Uso e Ocupação do Solo nas Zonas Urbanas										
Zonas Urbanas		Usos permitidos	Lote mínimo (m ²)	Testada mínima (m)	Afastamento frontal (m)	Afastamentos laterais e de fundos [m]	Taxa de ocupação máxima	Nº de pavimentos máximo	Altura máxima (m)	Comprimento máximo da quadra (m)
ZR 1 (Zona Residencial 1)	na Macrozona de Consolidação Urbana	residencial unifamiliar ou multifamiliar horizontal (desde que a área privativa da unidade autônoma seja igual ao lote mínimo)	5000	50	3 após complementação do passeio conforme artigo 65 B parágrafo único	Em uma das laterais: obrigatório de 1,50m, na outra e nos fundos, sem abertura de vãos: 0m Com abertura de vãos: 1,5m Compartimento de permanência prolongada nos fundos: 2,00m (NR)	60%	3	igual à altura equivalente ao nº máximo de pavimentos	200
		Profissional Liberal ou empresa com endereço fiscal na residência com atividades externas								
ZR 2 (Zona Residencial 2)	na Macrozona de Consolidação Urbana	residencial unifamiliar, multifamiliar horizontal e vertical	250	10	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	70%	Ver art. 52 desta Lei	igual à altura equivalente ao nº máximo de pavimentos	200
		comercial e de serviços								
		industrial de pequeno porte								
ZR 3 (Zona Residencial 3)	Apenas na Macrozona de Adensamento Controlado	residencial unifamiliar, multifamiliar horizontal e vertical	250 (até 4 pavtos) 450 (acima de 4 pavtos) Ver art. 58 e 59 desta Lei.	10 Ver art. 58 e 59 desta Lei.	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	70%	Ver art. 52 desta Lei	igual à altura equivalente ao nº máximo de pavimentos	200
		comercial e de serviços								
		industrial de pequeno porte								
ZCS 1 (Zona Comércio e Serviços 1)	na Macrozona de Adensamento Controlado	residencial unifamiliar, multifamiliar horizontal e vertical	250 (até 4 pavtos) 450 (acima de 4 pavtos) Ver art. 58 e 59 desta Lei.	10 Ver art. 58 e 59 desta Lei.	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	70%	Ver art. 52 desta Lei	igual à altura equivalente ao nº máximo de pavimentos	200
		comercial e de serviços								
		industrial de pequeno porte								
ZCS 2 (Zona de Comércio e Serviços 2)	Apenas na Macrozona de Adensamento Controlado	residencial unifamiliar, multifamiliar horizontal e vertical	250 (até 4 pavtos) 450 (acima de 4 pavtos) Ver art. 58 e 59 desta Lei.	10 Ver art. 58 e 59 desta Lei.	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	70%	Ver art. 52 desta Lei	igual à altura equivalente ao nº máximo de pavimentos	200
		comercial e de serviços								
		industrial de médio porte								

Zonas Urbanas		Usos permitidos	Lote mínimo (m²)	Testada mínima (m)	Afastamento frontal (m)	Afastamentos laterais e de fundos [m]	Taxa de ocupação máxima	Nº de pavimentos máximo	Altura máxima (m)	Comprimento máximo da quadra (m)
ZCS 2 (Zona de Comércio e Serviços 2)	áreas de saturação viária na Macrozona de Consolidação Urbana	residencial unifamiliar, multifamiliar horizontal e vertical	250 (até 4 pavtos) 450 (acima de 4 pavtos) Ver art. 58 e 59 desta Lei.	10 Ver art. 58 e 59 desta Lei.	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	70%	Ver art. 52 desta Lei	igual à altura equivalente ao nº máximo de pavimentos	200
		comercial e de serviços								
		industrial de médio porte								
	demais áreas na Macrozona de Consolidação Urbana	residencial unifamiliar, multifamiliar horizontal e vertical	250 (até 4 pavtos) 450 (acima de 4 pavtos) Ver art. 58 e 59 desta Lei.	10 Ver art. 58 e 59 desta Lei.	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	70%	Ver art. 52 desta Lei	igual à altura equivalente ao nº máximo de pavimentos	
		comercial e de serviços					80%			
		industrial de médio porte								
ZCS 2 (Zona de Comércio e Serviços 2)	na Macrozona de Estruturação Urbana	residencial unifamiliar, multifamiliar horizontal e vertical	250 (até 4 pavtos) 450 (acima de 4 pavtos) Ver art. 58 e 59 desta Lei.	10 Ver art. 58 e 59 desta Lei.	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	70%	Ver art. 52 desta Lei	igual à altura equivalente ao nº máximo de pavimentos	200
		comercial e de serviços					80%			
		industrial de médio porte								
	na Macrozona de Ocupação Restrita (exceto nas ZCH2 e ZCH3)	residencial unifamiliar, multifamiliar horizontal e vertical	250	10	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	70%	4	igual à altura equivalente ao nº máximo de pavimentos	
		comercial e de serviços								
		industrial de médio porte								
ZM 1 (Zona Mista 1)	na Macrozona de Adensamento Controlado	residencial unifamiliar, multifamiliar horizontal e vertical	250 (até 4 pavtos) 450 (acima de 4 pavtos) Ver art. 58 e 59 desta Lei.	10 Ver art. 58 e 59 desta Lei.	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	70%	Ver art. 52 desta Lei	igual à altura equivalente ao nº máximo de pavimentos	200
		comercial e de serviços								
		industrial de médio porte								
ZM 2 (Zona Mista 2)	na Macrozona de Estruturação Urbana	residencial unifamiliar, multifamiliar horizontal e vertical	250 (até 4 pavtos) 450 (acima de 4 pavtos) Ver art. 58 e 59 desta Lei.	10 Ver art. 58 e 59 desta Lei.	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	70%	Ver art. 52 desta Lei	igual à altura equivalente ao nº máximo de pavimentos	200
		comercial e de serviços								
		industrial de médio porte								
ZESP 2 (Zona Especial 2)		de acordo com as normas do órgão responsável pela normatização do uso e ocupação do solo no entorno dos aeroportos	250	10	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	Ver Quadro 3, no Anexo II desta Lei	70%	de acordo com órgão responsável pela entorno dos aeroportos	de acordo com órgão responsável pela entorno dos aeroportos	200

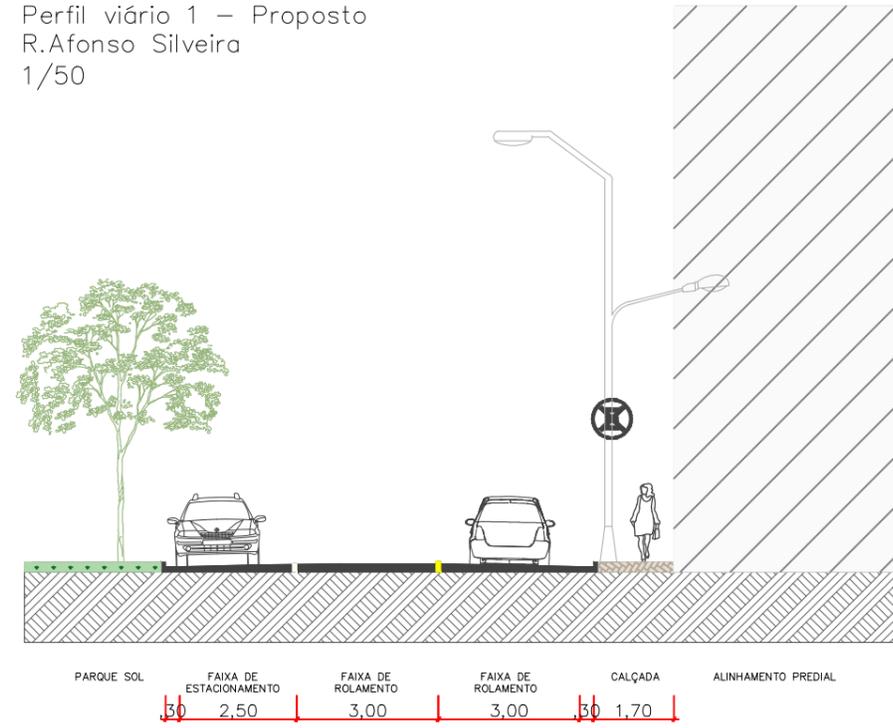
Figura 38 - Lei Complementar n.º 456/2011, Secretaria de Planejamento de Uberaba; lei complementar n.º 455/2011, Secretaria de Governo de Uberaba. Recortado pela autora.

ANEXO 2

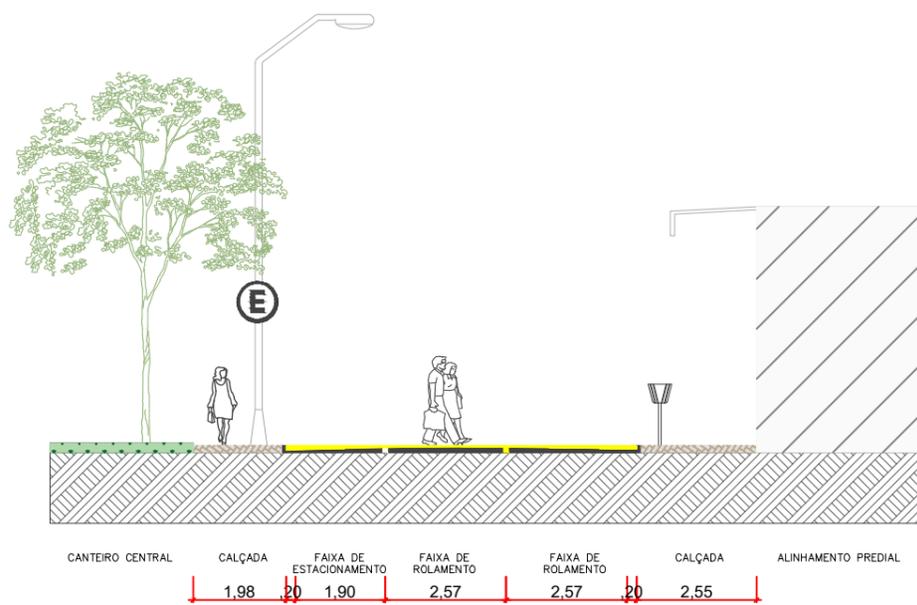
Perfil viário 1 – Atual
R.Afonso Silveira
1/50



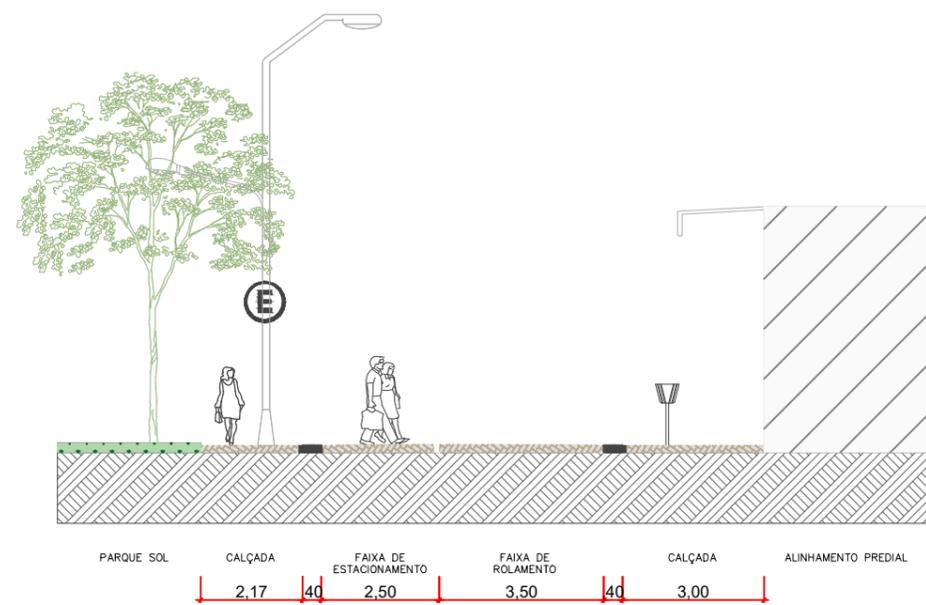
Perfil viário 1 – Proposto
R.Afonso Silveira
1/50



Perfil viário 2 – Atual
R.Braz Gonçalves
1/50

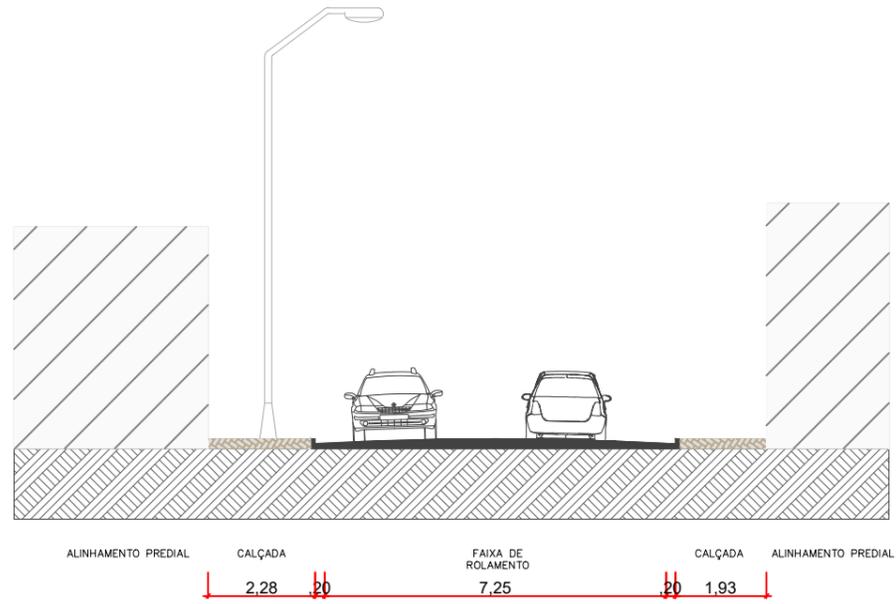


Perfil viário 2 – Proposto
R.Braz Gonçalves
1/50

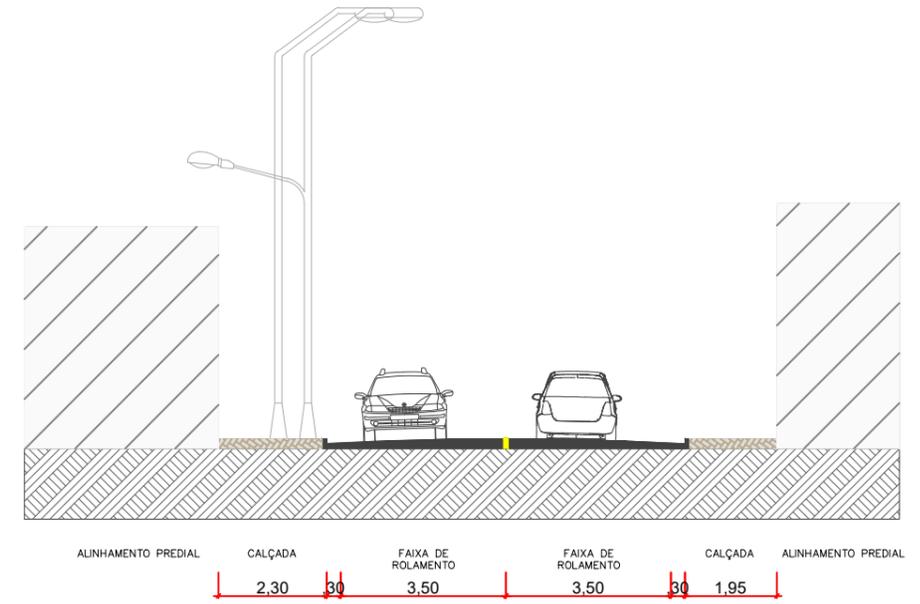


ANEXO 2

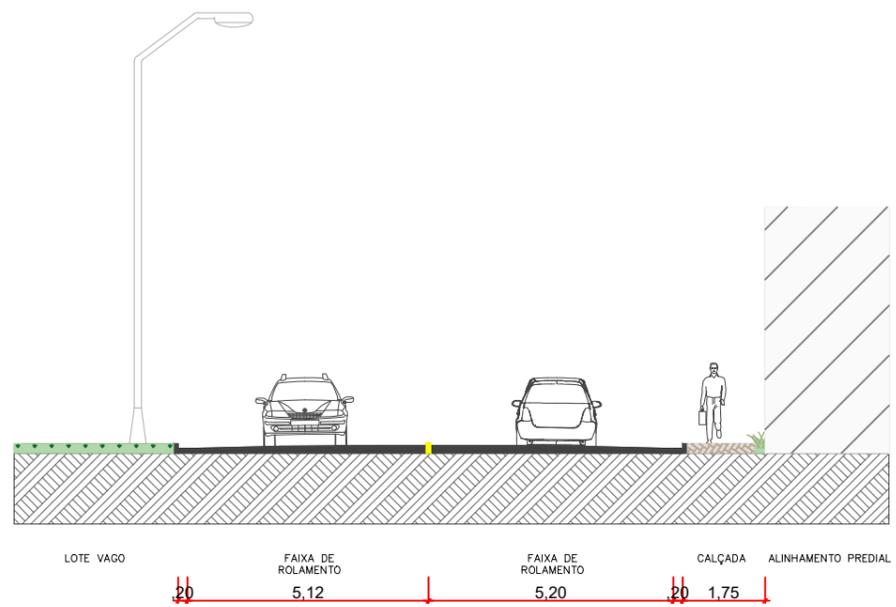
Perfil viário 3 – Atual
R.Nelo da Cunha
1/50



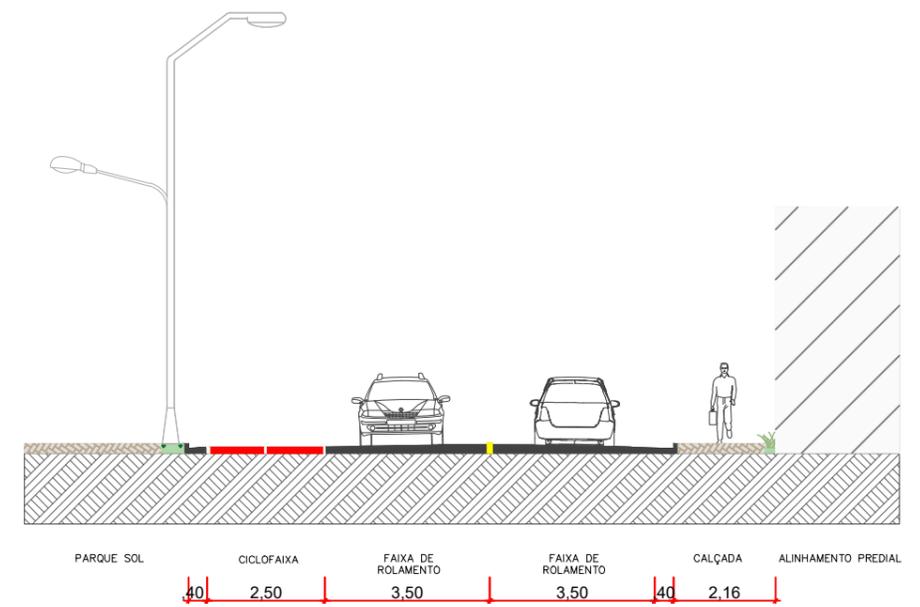
Perfil viário 3 – Proposto
R.Nelo da Cunha
1/50



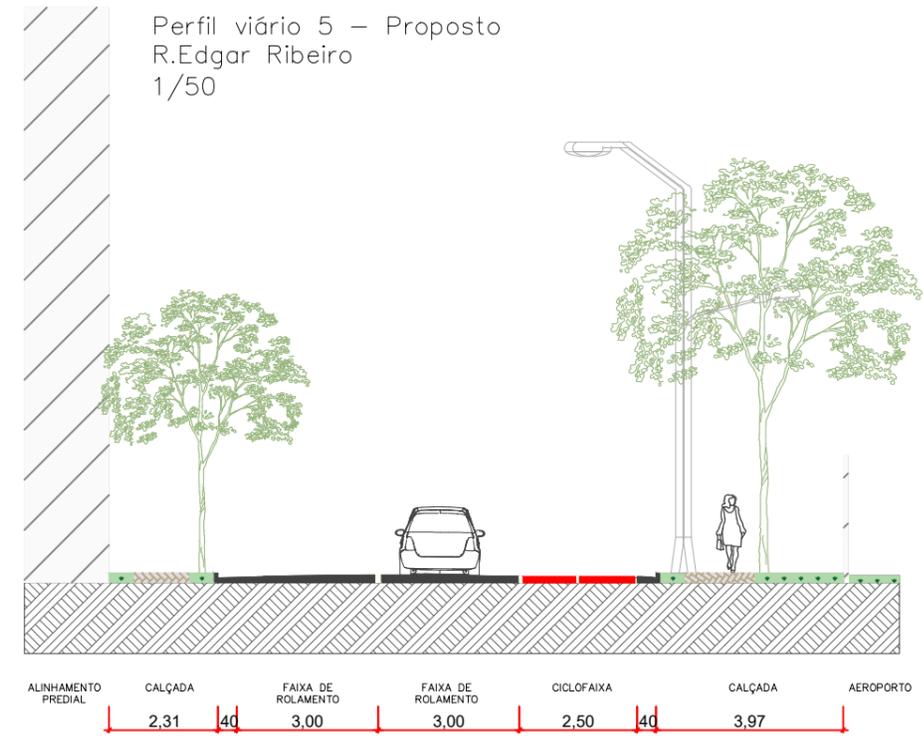
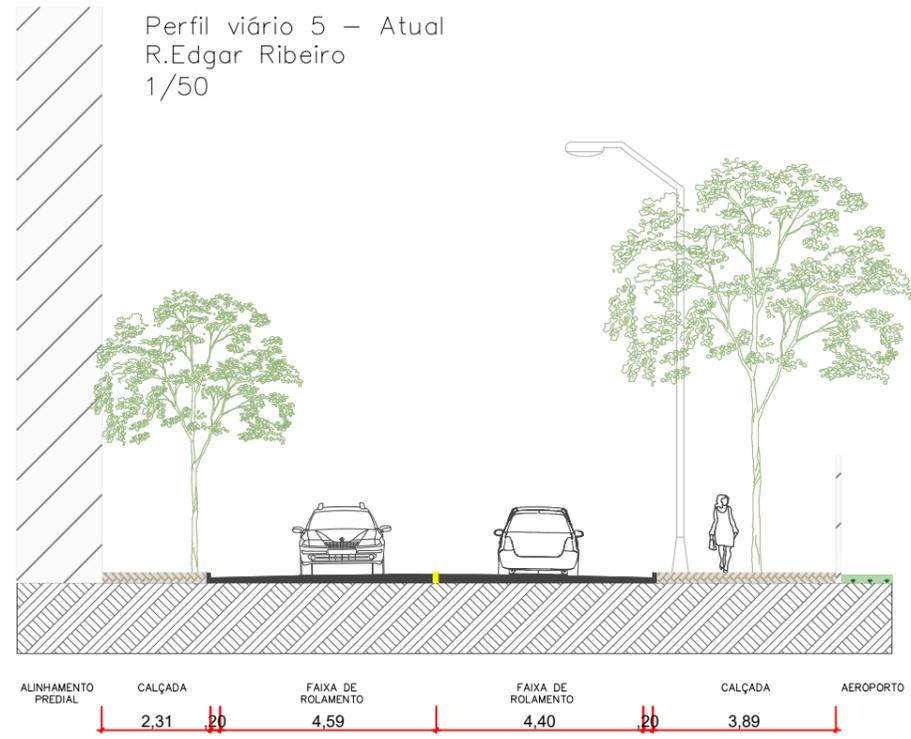
Perfil viário 4 – Atual
R.Edgar Ribeiro
1/50



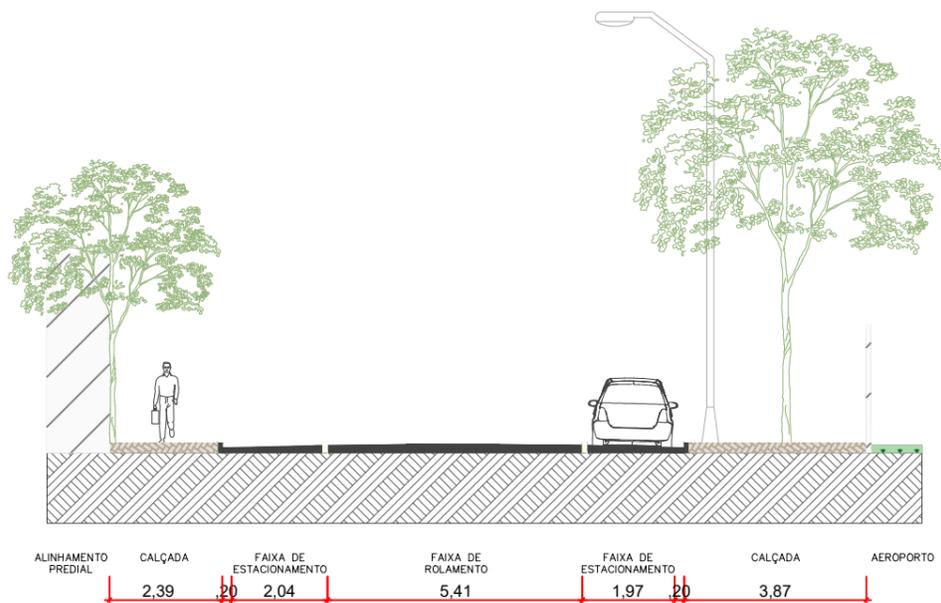
Perfil viário 4 – Proposto
R.Edgar Ribeiro
1/50



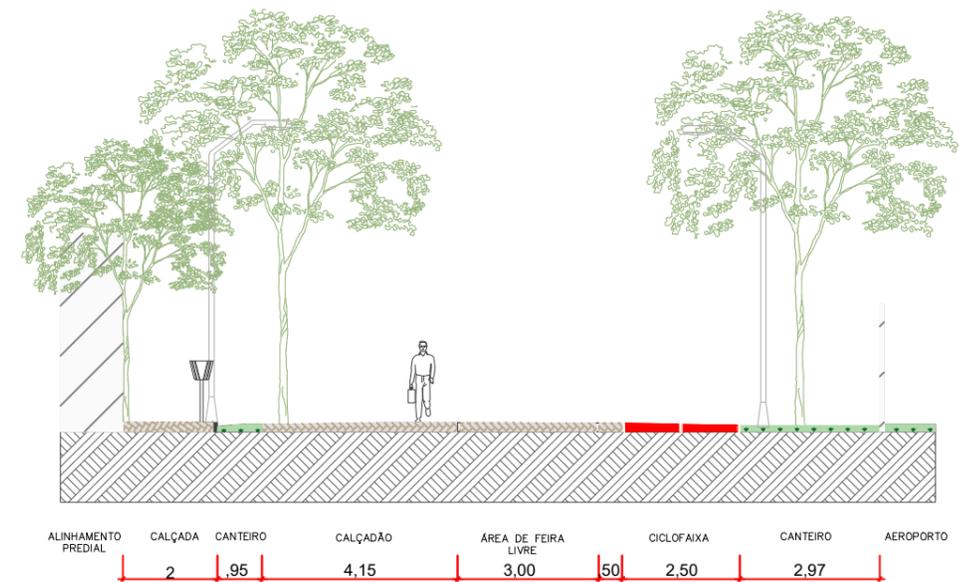
ANEXO 2



Perfil viário 6 – Atual
R.Edgar Ribeiro
1/50

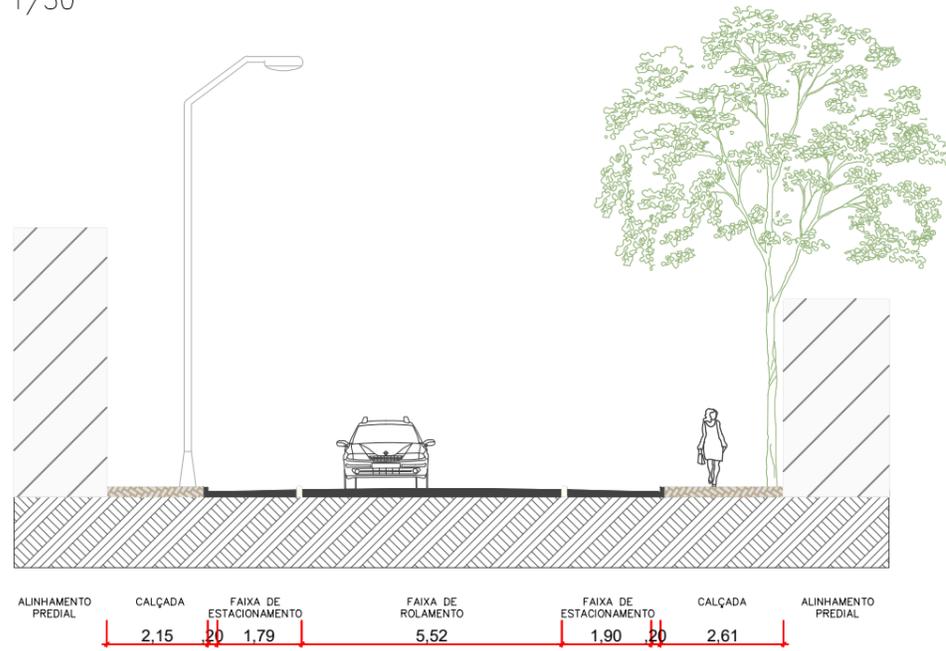


Perfil viário 6 – Proposto
R.Edgar Ribeiro
1/50

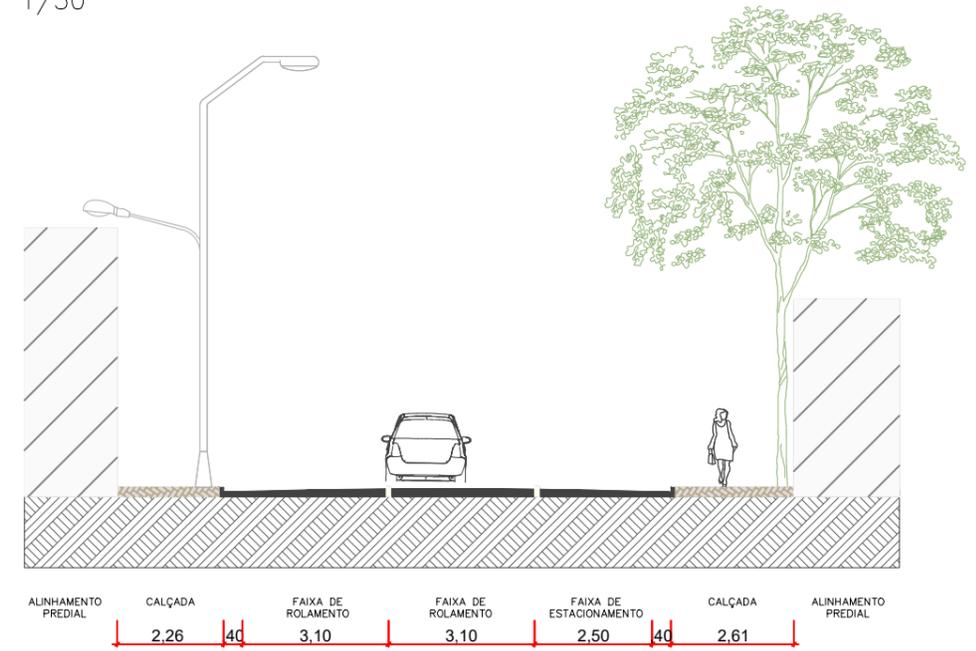


ANEXO 2

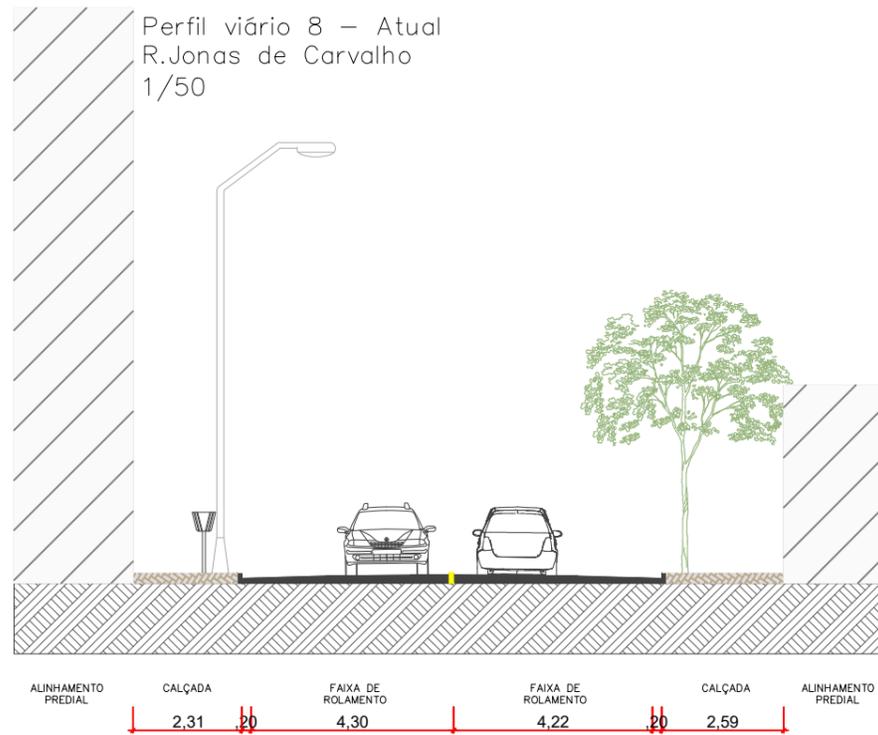
Perfil viário 7 – Atual
R.José Salge
1/50



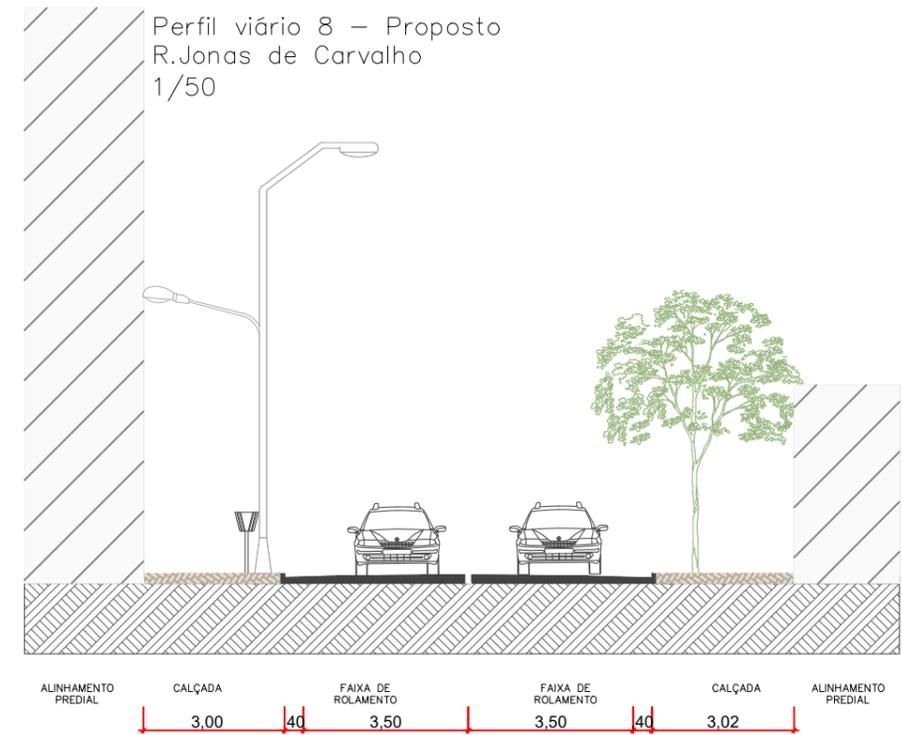
Perfil viário 7 – Proposto
R.José Salge
1/50



Perfil viário 8 – Atual
R.Jonas de Carvalho
1/50

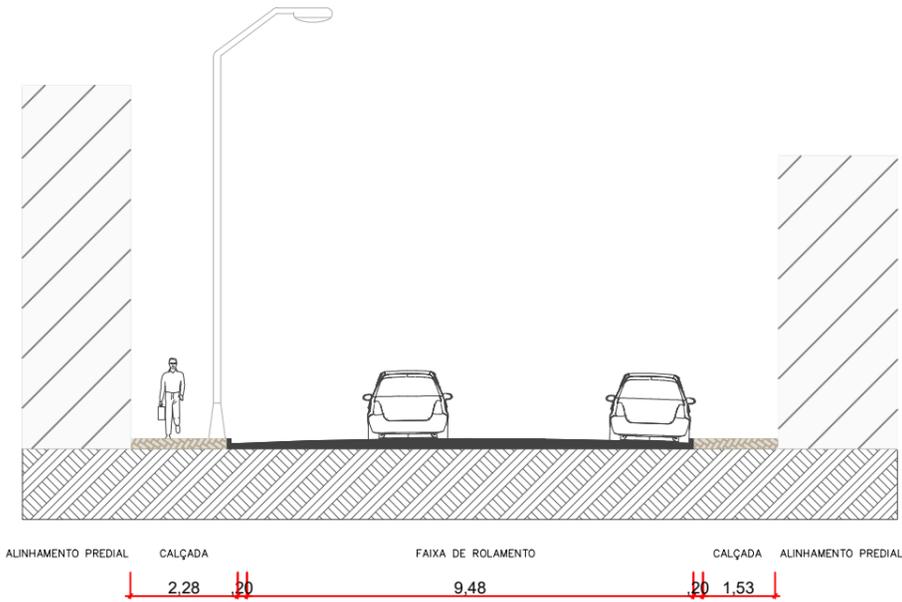


Perfil viário 8 – Proposto
R.Jonas de Carvalho
1/50

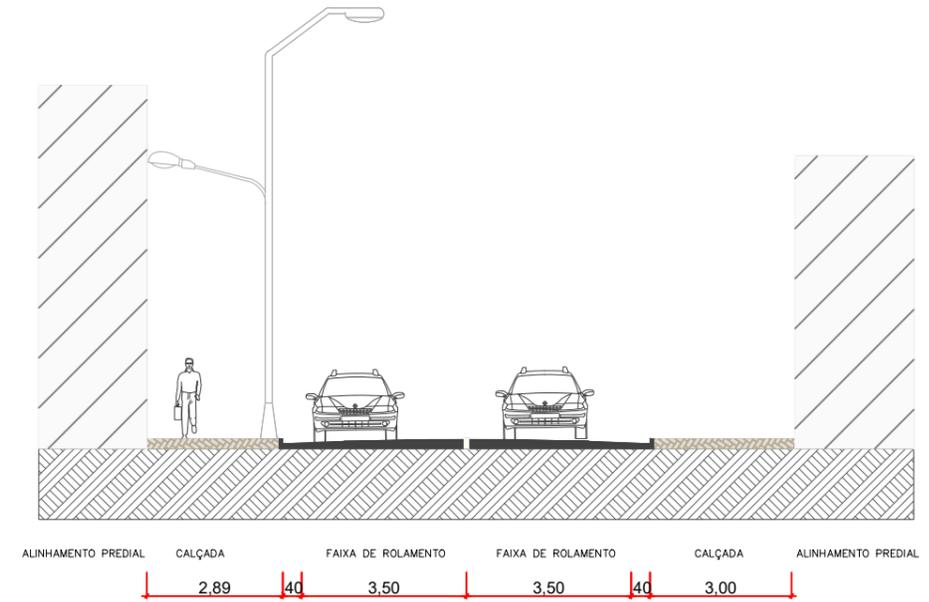


ANEXO 2

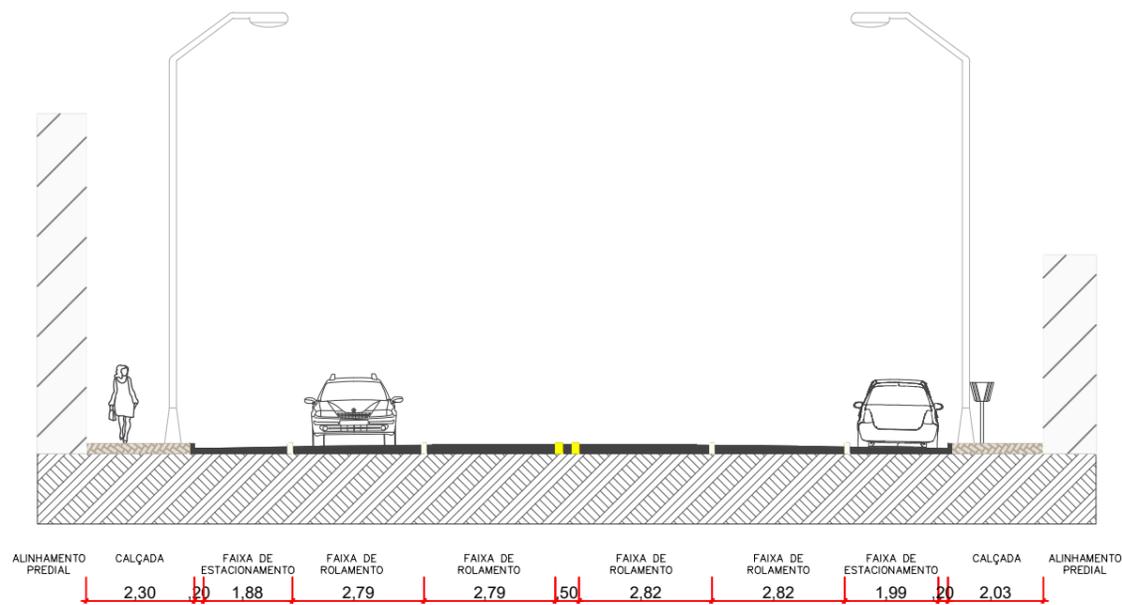
Perfil viário 9 – Atual
R.Jonas de Carvalho
1/50



Perfil viário 9 – Proposto
R.Jonas de Carvalho
1/50



Perfil viário 10 – Atual
R.Afrânio Azevedo
1/50



Perfil viário 10 – Proposto
R.Afrânio Azevedo
1/50

